

UNI GOIÁS - CENTRO UNIVERSITÁRIO
DE GOIÁS CURSO DE ARQUITETURA E
URBANISMO

GIOVANNA MAMEDE SANTOS

POTENCIALIZAÇÃO DO INSTITUTO
RIZZO E A CRIAÇÃO DO CENTRO
CULTURAL CERRADO VIDO

GOIÂNIA, GO

2024

GIOVANNA MAMEDE SANTOS

**POTENCIALIZAÇÃO DO INSTITUTO
RIZZO E A CRIAÇÃO DO CENTRO
CULTURAL CERRADO VIVO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
ao Centro Universitário UNI GOIÁS como
requerimento parcial à obtenção de título de
Bacharel.

Orientador: Ronan Rodrigues Machado Reges

GOIÂNIA, GO

2024

RESUMO

Este trabalho tem como foco revitalizar o Instituto Rizzo em Goiânia, transformando-o em um espaço cultural acolhedor e vibrante. A proposta busca ampliar as instalações para alcançar um público maior, valorizando a produção artística local e aproximando a comunidade de suas expressões culturais. A inspiração vem de exemplos de sucesso, como o MASP, que é amplamente reconhecido por criar conexões significativas entre as pessoas e o espaço cultural.

A escolha do Instituto Rizzo como objeto de intervenção se dá pela sua relevância histórica e localização estratégica, mas também pelo grande potencial de se tornar um polo de referência na cultura goiana. O projeto parte da premissa de que melhorias arquitetônicas e funcionais podem promover a identificação do público com o espaço, resgatando o interesse pela arte e fortalecendo a relação entre as pessoas e sua própria história cultural.

A cultura, como manifestação coletiva, é um elemento essencial na construção da identidade e do senso de pertencimento. Este projeto se propõe a recuperar esses valores, criando um lugar onde a arte e o público se encontrem de maneira natural e significativa, garantindo que o Instituto Rizzo seja não apenas preservado, mas transformado em um símbolo cultural vivo e relevante para a sociedade atual.

Palavras-chave: Cultura, Instituto Rizzo, patrimônio cultural, arte goiana.

ABSTRACT

This work focuses on revitalizing the Rizzo Institute in Goiânia, transforming it into a welcoming and vibrant cultural space. The proposal seeks to expand the facilities to reach a broader audience, valuing local artistic production and bringing the community closer to its cultural expressions. Inspiration comes from successful examples, such as the São Paulo Museum of Art (MASP), widely recognized for fostering meaningful connections between people and cultural spaces.

The choice of the Rizzo Institute as the intervention site stems from its historical relevance and strategic location, as well as its great potential to become a reference hub for Goiás' culture. The project is based on the premise that architectural and functional improvements can enhance public identification with the space, rekindling interest in art and strengthening the relationship between people and their cultural heritage.

Culture, as a collective manifestation, is essential for building identity and a sense of belonging. This project aims to reclaim these values by creating a place where art and the public can naturally and meaningfully interact, ensuring that the Rizzo Institute is not only preserved but also transformed into a living cultural symbol relevant to contemporary society.

Keywords: Culture, Rizzo Institute, cultural heritage, Goias art.

SUMÁRIO

1. APRESENTAÇÃO DO TEMA.....	7
1.1 Introdução.....	7
2. ABORDAGEM TEMÁTICA.....	8
2.1 Justificativa.....	12
3. REFERENCIAL PROJETUAL.....	14
3.1 MASP: Museu de Arte de São Paulo.....	14
3.2 Centro Cultural / Verse Design.....	20
3.3 Pinacoteca de São Paulo.....	22
3.4 Centro Cultural da UFG.....	24
3.5 Síntese dos projetos.....	26
4. ÁREA DE INTERVENÇÃO.....	27
4.1 Contexto geral.....	27
4.2 Terreno escolhido.....	29
4.3 Topografia do terreno.....	35
4.4 Sobre a propriedade do terreno.....	36
4.5 Público alvo.....	39
4.6 Definição do programa.....	39
4.7 Conceituação da proposta.....	40
5. VOLUMETRIA E IMAGENS INTERNAS.....	60
5.1 Instituto Rizzo.....	60
5.2 Comunicação entre os edifícios.....	63
5.3 Centro Cultural Cerrado Vivo.....	66
6. PROJETO.....	72
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	92
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	93

1 APRESENTAÇÃO DO TEMA

1.1 Introdução

Este trabalho visa contemplar a importância da revitalização da cultura na sociedade atual, que vem sendo desvalorizada causando o que podemos chamar de “desmanche cultural”, onde perdemos o contato direto com as nossas raízes. Mas o que de fato é cultura?

Para iniciarmos, o autor Aldo Vannucchi defini de forma mais simples como “Podemos dizer que cultura, é tudo aquilo que não é natureza. Por sua vez, toda ação humana na natureza e com a natureza é cultura. A terra é natureza, mas o plantio é cultura. O mar é natureza, mas a navegação é cultura. As árvores são natureza, mas o papel que delas provém é cultura”, em um breve resumo, o que o homem produz é cultura.

Mas não é de fato tão simples assim, se olharmos no dicionário, as definições e os campos que às atende são vastas; como o cultivo em si, desenvolvimento, crescimento e também de devoção, que merece nossa atenção e deve ser valorizado; na filosofia a Cultura é vista como a própria existência do homem;

Existem inúmeros conceitos e não chegaremos a uma definição única e definitiva, isso porque, não é algo puramente teórico, assim como a sociedade é um organismo vivo, e constantemente produzimos cultura, redefinimos os valores a partir de mudanças no nosso cotidiano.

Independentemente de sua etnologia, a Cultura está presente em nossas vidas todo o tempo, na organização social, costumes, rituais, religião, linguagem, normas e símbolos. A partir dela, criamos um senso de comunidade, empatia e afeto, pequenos detalhes como comemorar uma data especial juntos, proporciona a sensação de pertencer e se identificar àquele grupo.

O momento atual mostra a cultura sendo esvaída, pouquíssimo valorizada nas grandes cidades, uma sociedade “civilizada” e estruturada, o autor e filósofo Aldo Vannucchi cita em seu livro a obra de Spengler A decadência do Oriente, e comenta:

A cultura seria totalidade criadora; civilização, a fase desagregadora, a própria decadência. Sintomaticamente, esse pessimismo reaparece, aqui e ali, nos mais diversos quadrantes da intelectualidade.

Apontando como a civilidade pode ser repressora e estruturada a um ponto em que a cultura deixa de ser algo orgânico e natural, e nos encontramos estagnados no âmbito criativo, perdendo identidade e valores culturais. Por isso, a necessidade de resgatar as raízes culturais que foram preservadas por muitas gerações.

O Instituto Rizzo entra como forma de resgate da cultura, dado pela sua significativa contribuição para a preservação e difusão da cultura goiana. O Instituto já atua como um importante espaço para promoção de artistas locais e disseminação de valores culturais, mas ainda carece de uma estrutura que amplie sua acessibilidade e alcance junto à população.

Sua localização no Setor Sul de Goiânia é outro ponto estratégico, pois o bairro apresenta um contexto urbano consolidado, mas com pouca valorização cultural, o que torna o Instituto uma peça-chave para fortalecer a identidade local. Além disso, a proximidade com outros equipamentos culturais da região (Vila Cultural Cora Coralina, Cine Cultura, Fundo de Arte e Cultura de Goiás, Martim Cererê, Centro Cultural Cajueiro, Centro Cultura Goiânia, Varanda Cultural, Secretaria de Estado de Cultura de Goiás | Secult, Museu da Imagem e do Som de Goiânia, Centro Audiovisual / Museu do Índio.) permite criar uma rede de atividades, promovendo maior integração entre diferentes públicos e estabelecendo o Setor Sul como um polo cultural ativo.

O Instituto tem como premissa ser “a ponte entre o passado e o futuro, onde as raízes da cultura se encontram com as sementes da preservação ambiental, criando um legado de beleza e consciência para as gerações que virão”, sendo assim, eles têm o intuito de conservar e difundir a cultura goiana, preservando o meio ambiente e valorizando os artistas locais.

2 ABORDAGEM TEMÁTICA

A cultura é um elemento fundamental para a construção da identidade de uma comunidade e para o fortalecimento dos laços sociais. No entanto, com o crescimento das grandes cidades e a globalização, muitas vezes a conexão das pessoas com suas próprias raízes culturais vai se perdendo. Esse distanciamento tem levado ao apagamento de tradições e ao enfraquecimento da memória histórica coletiva.

O Instituto Rizzo, em Goiânia, se destaca como um espaço de resistência e preservação da cultura local. O local, que já tem um papel importante na promoção da arte e da cultura goiana, foi escolhido para este projeto pela sua relevância, mas também pelos desafios que enfrenta para se conectar plenamente com a comunidade ao seu redor, não atingindo seu potencial máximo de visibilidade, sendo pouco reconhecido pela comunidade goianiense.

A localização do Instituto, no Setor Sul de Goiânia, é estratégica, pois o bairro já conta com diversos equipamentos culturais, mas muitos ainda são pouco visitados e conhecidos pela população. Apesar da arquitetura histórica e do grande potencial do Instituto, ele acaba sendo percebido, em muitos casos, apenas como uma obra de arte isolada, sem interação efetiva com o público. A proposta de revitalização vem justamente para mudar essa percepção, criando um ambiente mais acessível e convidativo.

A inspiração vem de espaços como a Pinacoteca de São Paulo, que conseguiu integrar a arte à cidade de uma maneira única, tornando-se um símbolo cultural pela sua forma aberta, acessível e envolvente. O objetivo do projeto é, então, transformar o Instituto Rizzo em um espaço onde a arte local seja mais visível e onde a comunidade possa se sentir parte desse processo. O projeto vai além da simples preservação arquitetônica, buscando tornar o Instituto um local de encontro, aprendizado e expressão.

A revitalização do Instituto Rizzo busca não só preservar a memória cultural de Goiânia, mas também reconectar as pessoas com a sua própria história, promovendo um sentimento de pertencimento e de valorização das tradições. Ao fazer isso, o projeto contribui para a criação de uma cidade mais consciente de sua identidade e de seu potencial cultural, tornando o Instituto um ponto de referência para todos.

Para entender mais sobre a relação do Instituto com a cidade, foi feito um questionário online de perguntas rápidas sobre o Instituto em si e sobre a região de estudo. Em um breve resumo, a pesquisa teve participação de 29 pessoas, o intuito era saber a relação dos moradores com a região, com a cultura e com o Instituto Rizzo. Além disso, foi importante para elencar nome de artistas goianos, como: Wes Gama, Siron Franco, Clube Retro, Nonatto Coelho, Theo Alexandre, Projeto Supernova, Leo Jaime, Valmir Neves, Pádua, Roberta Rox.

A amostra foi composta principalmente por mulheres na faixa etária de 19 a 24 anos. A seguir, apresentam-se os resultados obtidos.

<i>Pergunta</i>	<i>Resposta</i>
Você conhece algum artista de Goiânia?	30% sim, 70% não
Você já visitou o Instituto Rizzo?	Você já visitou o Instituto Rizzo?
O que é cultura para você?	Definições diversas, como "arte", "identidade", "história"
Você considera importante promover a cultura local?	100% sim

A pesquisa revelou que a maioria dos entrevistados não tem conhecimento sobre os artistas locais (70%) e que 66% nunca visitaram o Instituto Rizzo. Essa falta de familiaridade com a cultura da cidade reflete a necessidade de ações que promovam o reconhecimento e valorização da arte goiana.

Os dados coletados indicam uma clara falta de conhecimento sobre a cena cultural local e o Instituto Rizzo, que, apesar de sua importância, não é amplamente reconhecido. As respostas mostraram que para a maioria dos entrevistados, a cultura de Goiânia está relacionada a arte, história e identidade, mas com um distanciamento da realidade cotidiana. Esse desinteresse ou desconhecimento evidencia a necessidade de iniciativas que fortaleçam os espaços culturais existentes e tornem esses locais mais acessíveis à população.

Esses resultados reforçam a relevância do projeto de revitalização do Instituto Rizzo, não apenas como um centro de preservação cultural, mas também como um ponto de encontro que possa reaproximar a população da arte local. A pesquisa mostra que ações de divulgação e a criação de um ambiente mais interativo podem atrair a comunidade e contribuir para o resgate da cultura goiana, estimulando o interesse e a participação da população nas atividades culturais da cidade.

Defendendo a preservação de edifícios históricos/culturais na cidade, iremos realizar uma Reabilitação, de acordo com Ordem dos Arquitectos significa “intervenção integrada de adaptação de uma construção ou sítio com o objetivo de permitir a sua utilização, que procura melhorar os seus níveis de desempenho e implica a preservação dos valores com significado cultural nele existentes”. Sendo assim, o valor e contribuição do edifício para a cidade continua intacto como expressos no Documento de Nara (Icomos, 1994).

Existe a necessidade de convidar e movimentar o espaço, trazer mais vida a um local importante para comunidade. Além disso, o meio ambiente também é um ponto crucial, tanto para o Instituto que preza por “Arte, cultura e meio ambiente” de acordo com o site do Instituto Rizzo, quanto para o projeto, buscando envolver a interação mais dinâmica entre o Instituto como espaço construído, a cidade e contexto natural do entorno, fazendo com que o impacto da intervenção seja positivo para a cidade e para ecossistema.

Sendo assim, o conceito para o desenvolvimento do projeto será Sinergia, esta palavra reflete a colaboração mútua entre o novo edifício e a estrutura cultural existente, buscando maximizar o impacto e a experiência coletiva dos usuários. No contexto deste projeto, sinergia implica na criação de uma interação contínua entre o espaço arquitetônico e o bioma do cerrado, respeitando e reforçando a conexão entre a cultura local e o meio ambiente. Simboliza a vitalidade e a força do bioma, ressaltando como a interação entre os elementos naturais e culturais pode criar um ambiente urbano dinâmico e interconectado. Juntos, o edifício e o cerrado não são apenas coexistentes, mas se complementam e amplificam a experiência sensorial e funcional do espaço.

A ideia de sinergia é uma proposta que busca criar um novo edifício que, ao mesmo tempo, respeite e reforce as qualidades da estrutura existente. Como afirmou o arquiteto e urbanista Jan Gehl, "a cidade deve ser planejada para as pessoas, onde a interação social e o movimento humano são fomentados por espaços que promovem a convivência". No caso do Instituto Rizzo, a integração dos elementos do cerrado na arquitetura não se dá apenas por sua estética, mas também pela funcionalidade, estimulando práticas sustentáveis, eventos culturais e, principalmente, a interação social.

O novo edifício deve promover um ambiente de conexão, onde a vivência cultural e ambiental aconteçam simultaneamente. Ao refletir as características do cerrado, o projeto abraça a ideia de uma Goiânia mais viva e consciente de sua identidade, respeitando o bioma que define a paisagem e a cultura local.

Tendo como objetivos principais:

1. **Harmonização Espacial:** O objetivo é criar um novo edifício que se integre visual e funcionalmente com a estrutura cultural existente, utilizando materiais e formas inspiradas no cerrado. A proposta busca uma arquitetura fluida, que complemente o ambiente sem competir com ele, criando uma continuidade entre o novo e o já estabelecido.
2. **Valorização Cultural:** Através de eventos, arte e outras expressões culturais, o projeto busca promover e reforçar a cultura goiana e a relação intrínseca com o cerrado. A ideia é criar um espaço que sirva de plataforma para a expressão cultural local, incentivando a participação da comunidade e promovendo a valorização de suas raízes culturais.
3. **Sustentabilidade:** O projeto incorpora práticas de construção sustentável, respeitando os recursos naturais da região. Isso inclui soluções ecológicas, como a captação de água da chuva, o uso de energia renovável e o aproveitamento de recursos locais, que contribuem para a preservação ambiental e para a educação sobre práticas sustentáveis.

É importante destacar que a reabilitação do Instituto Rizzo, beneficia a sociedade nos quesitos de: Identidade e pertencimento: onde será manifestado a cultura e artistas goianos, mostrando ao público a sua importância histórica para o desenvolvimento da nossa comunidade; Criatividade e inovação: a cultura é a chave para a catalisação da criatividade, através das expressões artísticas, música, danças, apresentações e exposições. Gerando também, a troca de ideias e perspectivas, impulsionando a inovação.

2.1 Justificativa

A escolha do tema e do local de intervenção para este projeto busca atender a necessidades urgentes de revitalização cultural e ambiental, além de fortalecer a identidade local e proporcionar à comunidade um espaço de interação artística. A escolha do Instituto Rizzo e do Setor Sul de Goiânia como área de intervenção, assim como o conceito de "sinergia" que norteia o projeto, reflete a intenção de lidar com problemas existentes na cidade e explorar suas potencialidades para a criação de um ambiente urbano mais integrado e consciente de suas raízes culturais e ambientais.

Problemas Identificados no tema:

- **Baixa Visibilidade e Acessibilidade Cultural:** Embora o Instituto Rizzo tenha grande importância cultural e histórica, ele ainda é desconhecido por grande parte da população de Goiânia. A pesquisa realizada no início deste trabalho demonstrou que muitos moradores da cidade não sabem sobre as atividades oferecidas pelo Instituto ou sequer conhecem sua localização. Além disso, a área ao redor do Instituto, apesar de contar com diversos espaços culturais, carece de uma rede conectada que promova a fácil circulação de pessoas entre esses pontos e estimule a interação com o ambiente cultural.

- **Distanciamento entre a Cultura Local e a Comunidade:** Goiânia enfrenta um cenário em que a população não está suficientemente conectada com suas manifestações culturais. A falta de eventos e espaços acessíveis que incentivem a participação ativa da comunidade resulta em um afastamento da população das práticas culturais, fazendo com que a cultura local, especialmente as expressões artísticas goianas, fiquem pouco valorizadas. O Instituto Rizzo, por exemplo, apesar de ser um espaço importante para a arte local, não recebe a atenção necessária.
- **Ausência de Conexão com a Natureza no Espaço Urbano:** O Setor Sul, embora tenha uma estrutura urbana consolidada e uma rica história cultural, ainda sofre com a falta de integração entre os espaços urbanos e naturais. O desenvolvimento de áreas verdes e a construção de ambientes que promovam a convivência social e o respeito ao meio ambiente são questões não plenamente exploradas. A ausência de projetos que unifiquem os elementos culturais e naturais da cidade impacta a qualidade de vida dos moradores.

Potencialidades da Escolha do Tema e do Local:

- **Revitalização de um Centro Cultural com Grande Potencial:** O Instituto Rizzo representa uma oportunidade única de revitalização de um centro cultural que possui grande importância histórica e cultural, mas ainda não é totalmente integrado à vida da cidade. Ao revitalizá-lo, será possível transformá-lo em um ponto de referência para a arte goiana, tornando-o mais acessível e visível para a população e para os turistas. Com a localização estratégica, próxima a outros equipamentos culturais, a revitalização pode criar uma rede de espaços interconectados, ampliando a oferta cultural e possibilitando um maior fluxo de visitantes e interações culturais.
- **Promoção da Identidade Cultural Local:** A proposta de integrar o cerrado ao projeto, tanto na estética quanto na funcionalidade do edifício, visa promover a cultura local de maneira mais efetiva, fazendo com que a comunidade se reconheça e se envolva mais com o ambiente ao seu redor. O uso do cerrado como tema não é apenas um elemento visual, mas uma oportunidade de conscientização ambiental e valorização de um dos biomas mais ricos e simbólicos do Brasil.
- **Integração Arquitetônica e Social:** O novo edifício será planejado para dialogar com o espaço já existente, respeitando as características do Instituto Rizzo e ao mesmo tempo oferecendo um ambiente aberto e convidativo para a comunidade. A utilização de materiais naturais, inspirados no cerrado, e a criação de espaços que incentivem a interação social e eventos culturais, proporcionarão à cidade de Goiânia um espaço mais acessível, vibrante e conectado com a cultura local.

3 ESTUDOS DE CASOS

3.1 MASP: Museu de Arte de São Paulo

Ficha Técnica

Nome do Arquiteto: Arquiteta Lina Bo Bardi

Ano de construção: 1960

Conclusão da construção: 1968

Projeto estrutural: E. T. José Carlos de Figueiredo Ferraz

Localização: Av. Paulista, 1578 - Bela Vista, São Paulo, SP.

Metragem: 10.485 m²

Tipologia: Museu de arte

Proprietário: Museu de Arte de São Paulo

Materialidade: base vidro e concreto

Figura 1 - MASP



Fonte: Archdaily

Descrição do Arquiteto

Lina Bo Bardi, arquiteta ítalo-brasileira Lina Bo Bardi, nasceu em 1914 e faleceu em 1992. Uma das figuras mais influentes na arquitetura brasileira do século XX, aclamada por suas contribuições principalmente na cena cultural. Seus projetos mais emblemáticos incluem o Museu de Arte de São Paulo (MASP) notável pelo vão de 70 metros sobre uma praça pública, SESC pompeia (1977), Casa de vidro (1950), e o Além disso, ela contribuiu com pesquisas acadêmicas, curadoria, direção de revista e publicação de textos e artigos.

Seu legado foi eternizado na arquitetura moderna brasileira, sua admiração pelo Brasil mostrou-se de grande importância, onde ela buscava entender a cultura e as raízes do povo brasileiro, e às necessidades sociais e culturais das comunidades. A arquitetura da Lina traçava com linhas mais artísticas a arquitetura moderna, envolvia o contexto do local, como por exemplo a escadaria do Museu de Arte Popular (Solar do unhão), na Bahia, no centro do Museu, feita de encaixes de madeira que remeti aos carros de boi utilizado na época do Brasil rural.

Localização

O MASP foi inicialmente localizado na Rua 7, mas a sede foi transferida para a Avenida Paulista, o então conhecido Museu de Arte de São Paulo. A transferência da sede vem da sua popularidade na época, com intuito de que a coleção de arte e o museu estivessem no mesmo patamar, o projeto de Lina Bo Bardi transformou o Museu em um símbolo de extrema importância para a arquitetura mundial.

O terreno que hoje sedia o MASP, antes era um casarão, projetado pelo arquiteto Ramos de Azevedo, o Belvedere Trianon que foi inaugurado em 1916 e demolido em 1951, um ponto importante para a elite da época, de acordo com a jornalista Francine Costanti “o casarão tinha espaço para reuniões, homenagens políticas, bailes dançantes, carnavalescos, concertos e muitas festas para empresários e familiares da elite paulistana”.

Localizado na Avenida Paulista (figura 9), mais especificamente no número 1578, entre rua Professor Otávio Mendes e rua Plínio Figueiredo, com fundos na rua Carlos Comenale, do lado oposto à avenida, é palco de diversos equipamentos culturais que incluem, teatros, cinemas, museus e centros culturais, além de setores comerciais movimentados e importantes.

Figura 2 – Implantação MASP Fonte: Google Satélite / editada pela autora

Legenda

● MASP



Cenário ideal para a apreciação da cultura, além disso, aos domingos a Paulista é aberta aos pedestres e reúne atividades culturais e de lazer, e os veículos passam por ruas paralelas. Logo em frente ao museu, a natureza exuberante do Parque Tenente Siqueira Campos e em seguida temos o Parque Alexandre de Gusmão. A avenida tem uma predominância de altos edifícios de uso misto (públicos, comerciais ou de escritórios), além de prédios importantes como o Banco Sul Americano do Brasil, edifício da Federação das Indústrias, o edifício Quinta Avenida e o Museu de Arte de São Paulo também entram nessa lista, de acordo com Alexandra Silva Cárdenas em seu livro Masp: estrutura, proporção, forma:

Nesse grupo de edificações importantes aparece o Masp, como uma surpresa, que de imediato chama atenção: das imediações avista-se o edifício mais baixo que os outros, horizontalizado por seu perfil longilíneo. Próximo, o que salta aos olhos é o vazio que contrasta com a barreira dos usos e das ocupações térreas dos edifícios verticais, ao longo da avenida. Daí a vista se alarga e o horizonte se abre, o que permite ver o panorama para o outro lado da cidade. O espaço fica livre, criando uma grande esplanada coberta parcialmente, como uma brecha, um buraco escavado na quase monolítica barreira de prédios. (Cárdenas, 2016, p.24)

A materialidade e forma do MASP diferencia ele de forma positiva no mar de edificações com fachadas parecidas, além disso, cria uma espécie de respiro na Avenida, em conjunto com o Parque Tenente Siqueira.

Sobre o Projeto

O edifício possui três setores bem definidos, incluindo um abaixo do nível da paulista, que retem o Teatro, auditório e um salão, o setor suspenso por pilares de concreto e envolto de janelas de vidro que abrigam a Pinacoteca, escritórios, salas de exposição, biblioteca, fototeca, filmoteca, videoteca, e no nível da paulista temos a praça ao livre, conhecida como vão livre de 70 metros de comprimento, que é utilizado como praça de convivência, exposições e manifestações políticas.

NÍVEL -9,50



Figura 3 – Nível -9,50
Fonte: Cárdenas, 2016 /
editada por autora

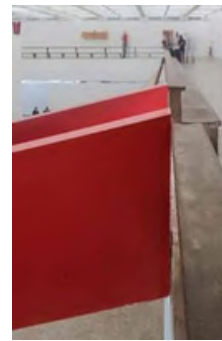
Legenda

- Hall cívico
- Biblioteca
- Restaurante Áreas
- de serviço
- Cozinha
- Sanitários
- Pórticos

Figura 4 – Hall Cívico
Fonte: Cárdenas, 2016



Figura 5– Escada-rampa em balanço
Fonte: Cárdenas, 2016



NÍVEL -4,50



Figura 6 – Nível -4,50
Fonte: Cárdenas, 2016 /
editada por autora

Legenda

- Hall dos auditórios - vestíbulo
- Salões de exposições Auditório
- Grande Auditório Palco
- Bastidores Manutenção
- Sanitários
-
-
-

NÍVEL 0,00 Esplanada



Figura 7 – Nível -0,00
Fonte: Cárdenas, 2016 /
editada por autora

Legenda

- Esplanada Lina Bo Bardi
- Espelhos d'água
- Escadas
- Elevador

A estrutura majestosa do Museu é composta por dois pórticos, 2 pilares e 2 vigas cada um deles e lajes suportadas por esses pórticos, o vão livre criado tem uma altura de 8 metros do solo, Alexandra Silva Cárdenas, em seu livro Masp: estrutura, proporção, forma definiu o vão livre como “um espaço de transição vazio, um térreo livre, que comunica os dois lados da cidade, obedecendo a condicionante de doação do terreno.”

Figura 8 – Manifestações e Exposições na Esplanada
Fonte: Cárdenas, 2016



Figura 9 – Nível da Esplanada
Fonte: Cárdenas, 2016



NÍVEL +8,40

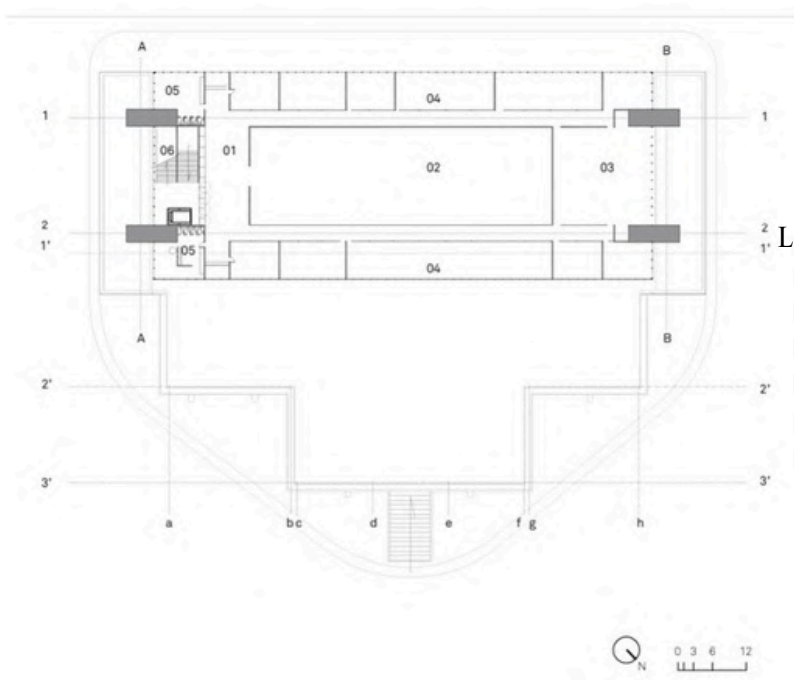


Figura 10 – Nível +8,40

Fonte: Cárdenas, 2016 /
editada por autora

Legenda

- Vestíbulo – hall de distribuição
- Sala de exposição Temporárias
- Coleção / acervos técnicos
- Administração Sanitários Escadas
-
-

NÍVEL +14,40 Pinacoteca

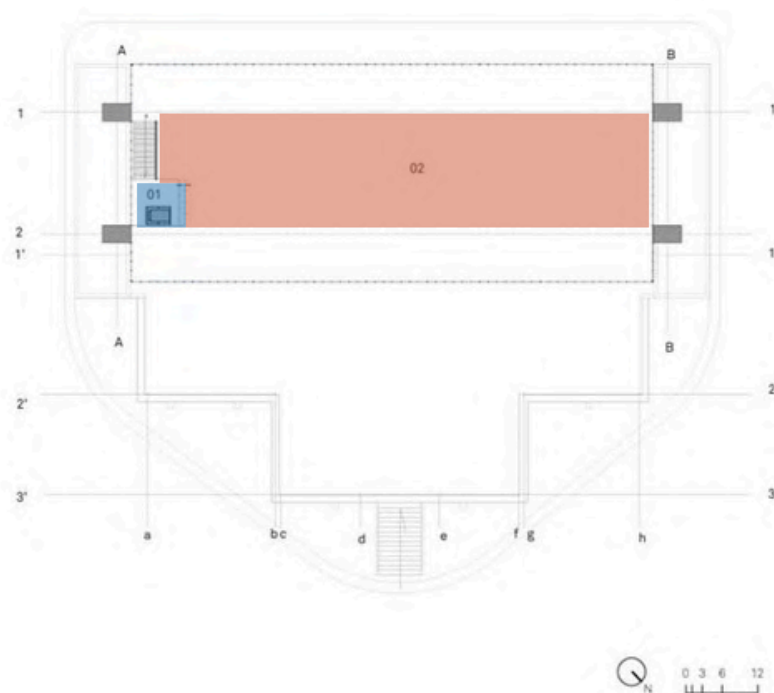


Figura 11 – Nível +14,40

Fonte: Cárdenas, 2016 /
editada por autora

Legenda

- Pinacoteca
- Vestíbulo

Figura 12 – Exposição na Pinacoteca

Fonte: Cárdenas, 2016



A posição da edificação proporcionou um melhor uso, devido a falta de incidência nas fachadas principais, além de luz natural durante todo o dia por conta das fachadas envidraçadas.

O acesso principal é pela Avenida Paulista, como o terreno de implantação possuía topografia é irregular e apresenta um desnível descendente de treze metros entre a avenida Paulista e a rua Carlos Comenale, é preciso utilizar de escadas e elevadores para o acesso da maioria das partes do Museu.

3.2 Centro Cultural / Verse Desi

Ficha Técnica

Nome do Arquiteto: Arquitetos Verse Desi

Ano: 2013-2016

Localização: Zhengzhou, China

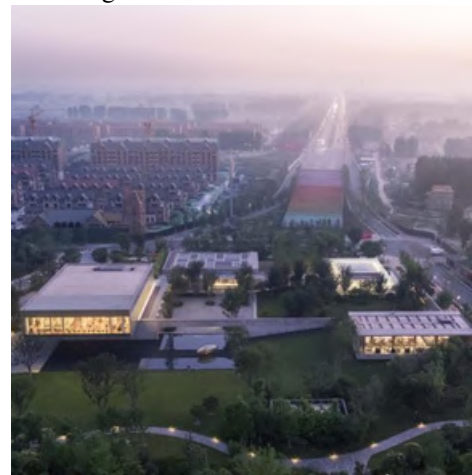
Área construída: 5100 m²

Tipologia: Centro Cultural

Sistema Estrutural: Concreto

Proprietário: Polo Imobiliário em Provença

Figura 13 – Centro Cultural



Fonte: Archdaily

Descrição do Arquiteto

A Verse Design é um escritório de arquitetura com sede na China e em Los Angeles, fundado em 2002, atuando principalmente em planejamento urbano, desenho urbano e projeto arquitetônico. Descrição do escritório disponível no site da Verse Design” Nós nos concentramos não apenas no aspecto arquitetônico, mas também nos vários fatores subjacentes: a economia, a cidade e os usuários.”.

Sobre o projeto

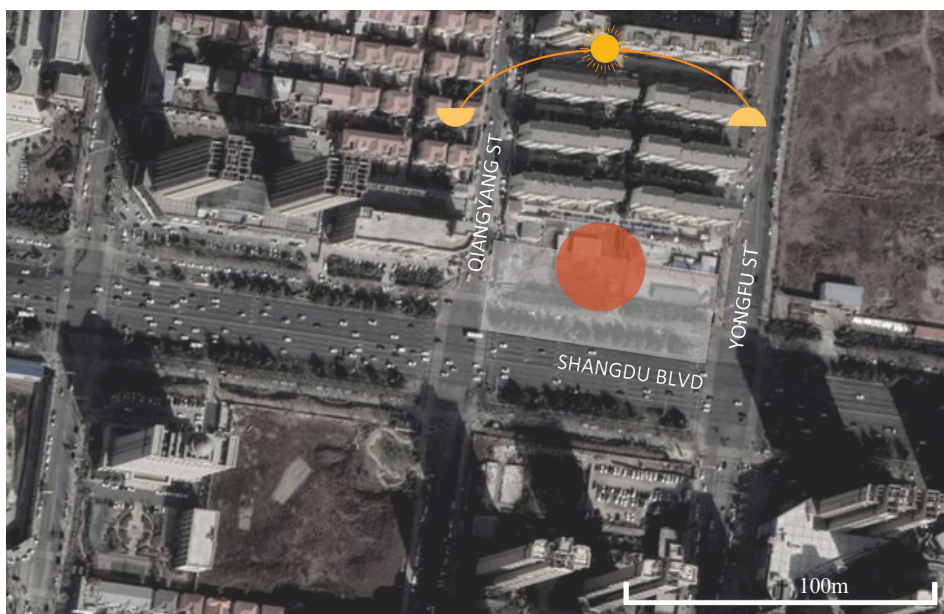
O projeto está situado em Zhengzhou uma província de Henan, no centro da China, uma cidade de grande importância histórica, e conhecida como uma das Oito Grandes Capitais Antigas da China. O projeto em si, apresenta um grande papel para a construção comunitário, isto é, potencializar as singularidades dos indivíduos e a cultura local.

Figura 14 – Implantação Centro Cultural

Fonte: Google Satélite / editada pela autora

Legenda

● Centro Cultural



O edifício possui cinco funções principais: biblioteca comunitária, centro de saúde comunitária, salão multifuncional, refeitório comunitário, casa de chá e loja, e por ser cinco funções, os arquitetos responsáveis fizeram cinco volumes retangulares separados no terreno (figura 23), focando na setorização e funcionalidade.

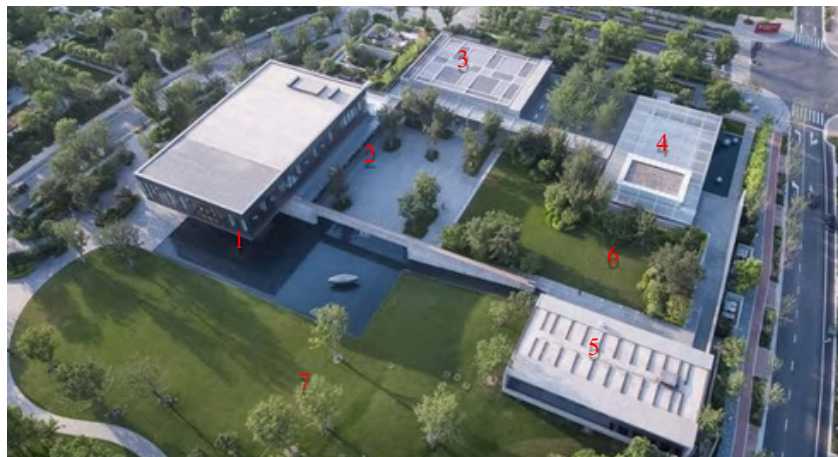


Figura 15 – Volumetria
Fonte: Archdaily / editada por autora

Legenda

1. Biblioteca Comunitária
2. Centro comunitário de Saúde Salão
3. Multifuncional
4. Casa de Chá
5. Cantina comunitária
6. Pátio/vegetação
7. Espelho d'água

A prioridade do projeto era criar um ambiente que trouxesse facilidade de acesso e circulação, além de ser um espaço para convivência com intuito de criar uma atmosfera confortável e de interação. Para isso, os volumes foram distribuídos no terreno criando diversos caminhos e pátios durante o percurso de um edifício para o outro.

O material mais utilizado no térreo é concreto moldado em madeira, já nos primeiros pavimentos, temos a fachada envidraçada para o aproveitamento da luz natural, os corredores entre os edifícios foram estruturados com aço. Todos esses componentes e formas construtivas trazem um visual leve para a edificação, junto aos espelhos d'água, que aumentam a umidade do ar e reduzem a temperatura no ambiente.

Figura 16 – Térreo
Fonte: Archdaily / editada por autora



Legenda

- Biblioteca Comunitária
- Centro comunitário de Saúde
- Salão Multifuncional

Figura 17 – Pavimento Superior
Fonte: Archdaily / editada por autora



- Casa de Chá
- Cantina comunitária
- Pátio/vegetação
- Espelho d'água

3.3 Pinacoteca de São Paulo

Ficha Técnica

Arquiteto do primeiro edifício: Ramos de Azevedo e Domiziano Rossi (construção concluída em 1900)

Localização: Praça da Luz, São Paulo, Brasil

Arquiteto Responsável da Restauração: Paulo Mendes da Rocha

Tipologia original: Liceu de Artes e Ofícios

Topologia atual: Museu

Ano de Conversão em Museu: 1911

Período da Restauração: 1993 a 1998

Área do projeto: 11.000m²

Figura 18 – Fachada Pinacoteca



Fonte: GUIASPA24h

Sobre o arquiteto da Restauração:

Paulo Archias Mendes da Rocha, renomado arquiteto e urbanista brasileiro da geração do modernismo, conhecido por suas obras com concreto aparente com uma estética monumental e a forma como ele integrava os edifícios ao local de implantação. Entre as suas principais obras estão o Museu Brasileiro de Escultura (MuBE) e a reforma na Pinacoteca de São Paulo.

Suas obras sempre enfatizaram a integração da arquitetura com o contexto da cidade, a funcionalidade das estruturas e o impacto social de suas obras. Além de promover o diálogo entre o ambiente construído e o natural de maneira expressiva e única.

Breve resumo da obra:

A Pinacoteca de São Paulo, um dos museus de arte mais antigos e importantes do Brasil, fundada em 1905. Projetado pelo Arquiteto Ramos de Azevedo e pelo escritório de Domiziano Rossi, destaca-se pela arquitetura neoclássica e foi concebido para abrigar o desenvolvimento das artes visuais em São Paulo. Além disso, é um exemplo marcante de restauro e adaptação de um edifício histórico.

Atualmente a Pinacoteca possui um acervo com mais de 10 mil obras que abrangem desde o período colonial até a arte moderna e contemporânea de artistas brasileiros. Além das exposições permanentes, também existe mostras temporárias e é ativo quanto a educação e valorização do patrimônio artístico nacional.

As principais intervenções feitas: Restauração de 1933 a 1998

Com objetivo de modernizar a estrutura e restaurar o edifício, Paulo Mendes da Rocha foi convidado, essa intervenção é um marco, porque representa uma abordagem ousada, porém respeitosa do restauro, onde o antigo e novo se entrelaça, para valorizar as características originais da edificação.

Principais mudanças:

- Construção de um átrio central, permitindo novos fluxos e configuração dos espaços internos;
- Passarelas metálicas: melhorias de circulação e acessibilidade;
- Sistemas de iluminação e climatização, e claraboia: com o intuito de melhorar a iluminação natural e que fosse mais adequado às obras de artes, garantindo condições ideais para a conservação do acervo;
- Alvenaria: substituições de paredes internas e restauração das danificadas, sempre preservando a estética original;
- Novos espaços: criação de novos espaços expositivos e de áreas para eventos culturais.

Na planta abaixo é possível ver uma parte do programa de necessidade, importante tópico para a proposta do projeto.

Figura 19 – Pav. Térreo Fonte:Archdaily/ editada por autora



Figura 20 – Passarelas metálicas Fonte:Archdaily

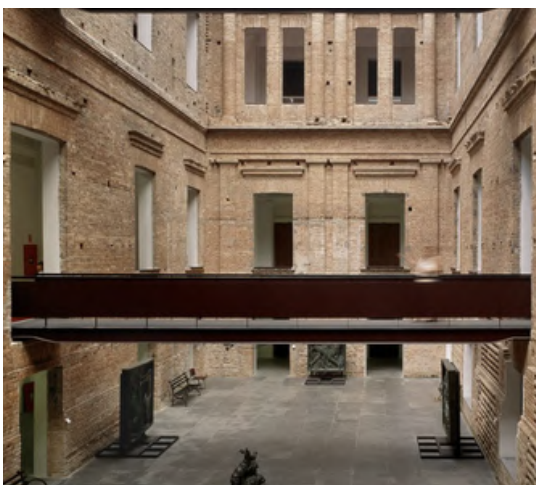
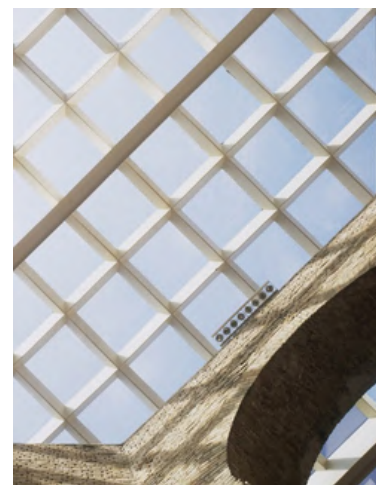


Figura 21 – Claraboia
Fonte:Archdaily



Impactos da Restauração no Uso do Espaço e no Contexto Urbano:

A edificação que antes estava sendo subutilizada, passa a ser um centro ativo de exposições e uma referência na paisagem paulistana. Além disso, valorizou o entorno, incentivando uma requalificação urbana do entorno, trazendo melhorias para o Jardim da Luz e para a acessibilidade geral da área central, atraindo turistas e moradores da região, estimulando novos espaços culturais e comerciais no bairro.

Intervenções Recentes e Preservação Contínua:

Após as intervenções, a Pinacoteca passou a receber manutenções e melhorias de forma contínua, garantindo sua preservação. As novas adaptações foram realizadas para ampliar as áreas expositivas e modernizar o sistema de climatização e segurança. Essas intervenções mostram a importância de um plano de preservação a longo prazo para patrimônios históricos.

A restauração da Pinacoteca de São Paulo é um marco na arquitetura brasileira, mostrando como intervenções em edifícios históricos podem revitalizar espaços sem sacrificar sua memória. Paulo Mendes da Rocha foi capaz de reinterpretar a construção original com sensibilidade, permitindo que o antigo prédio, projetado por Ramos de Azevedo, continuasse a contar sua história, mas com uma linguagem que dialoga com as necessidades contemporâneas. Em sua intervenção, ele mantém preservada a essência da edificação, valorizando suas características neoclássicas, mas acrescentando elementos que trouxeram funcionalidade e acessibilidade, criando um espaço que respeita o passado e acolhe o presente.

3.4 centro cultural da ufg

Ficha Técnica

Nome: Centro Cultural UFG (CCUFG)

Localização: Goiânia, Goiás, Brasil

Arquiteto Responsável: Fernando Simon

Ano de Inauguração: 2010

Área Construída: 2.801 m²

Tipologia: Cultural

Estrutura: Concreto e aço

Materialidade: Tijolo e Metal

Figura 22 e 23 – Fachadas CCUFG



Fonte: Archdaily

O edifício foi inaugurado em 2010, a partir de requalificação do antigo espaço cultural da universidade, com o objetivo de fomentar atividades culturais, educativas e artísticas da cidade. O projeto arquitetônico assinado por Fernando Simon, tem o equilíbrio entre a estética minimalista, projetando com versatilidade que acolhe as mais diversas expressões culturais.

Os ambientes como salas de exposição, áreas de convivência, pátio multiuso, foram cuidadosamente planejados para maximizar a experiência dos visitantes e facilitar o fluxo das atividades. O centro também realiza oficinas e visitas guiadas, possibilitando que estudantes e o público geral aprofundem seus conhecimentos em arte e cultura. Essas atividades educativas fazem parte do compromisso do CCUFG em ser um espaço acessível e inclusivo, que valoriza tanto o público leigo quanto os profissionais e estudantes de arte.

O Centro Cultural UFG é um exemplo de como uma instituição universitária pode expandir sua missão para além do ensino acadêmico, integrando-se à comunidade e promovendo o acesso à cultura. Seu projeto arquitetônico, ao mesmo tempo funcional e simbólico, reflete o papel do CCUFG como um polo de criação, expressão e diálogo cultural em Goiânia. A combinação de espaços expositivos, educativos e de convivência permite ao CCUFG adaptar-se a uma ampla gama de atividades, contribuindo para o fortalecimento do cenário cultural da região.

Programa de Necessidades

- **Galerias de Exposição 1 e 2:** espaços para exposições de artes visuais, onde acontecem exhibições de artistas locais quando mostras de acervos nacionais e internacionais. Além de possuírem uma flexibilidade para adaptações;
- **Sala de Ação Educativa:** espaço para formação e interação com o público, incluem oficinas e palestras;
- **Teatro Modular:** espaço para eventos de música, teatro, dança e outras performances. Possui características modulares;
- **Laboratório de Práticas Artísticas:** Local onde artistas, estudantes e educadores podem desenvolver atividades práticas ligadas à criação artística, como experimentações em artes visuais e artes cênicas.
- **Pátio Multiuso:** Espaço ao ar livre projetado para eventos diversos, desde exhibições de arte até apresentações musicais e feiras culturais.
- **Área Administrativas:** destinada às equipes de coordenação e administração, inclui escritório para gestão dos programas e projetos culturais. Abriga área de curadoria e planejamento cultural.



Figura 24 – Planta geral
Fonte: Archdaily/ editada por autora

Legenda

- Ensaio e dança
- Portarias
- Ação educativa
- Teatro
- Sala de exposição
- Depósito exposição
- Acervo
- Administrativo

3.5 Síntese dos projetos

Escolhi o Museu de Arte de São Paulo devido às suas raízes modernistas, Lina Bo Bardi consegue criar formas claras e precisas, criando espaços livres, que traz a ideia de quem faz o espaço é o usuário, permitindo o acesso e a movimentação sem barreiras, tanto na parte interna quanto no vão livre. O vão e a forma de exposição da arte é algo que chama atenção no projeto, e são fatores que gostaria de inserir na minha proposta, justamente pelo mesmo motivo de suspiro e quebra de barreiras encontradas neste projeto, além de poder me inspirar na forma como a Arquiteta Lina Bo Bardi era sensível quanto a leitura da cidade e das pessoas que nela vivem, buscando trazer cada vez mais o contato com a cultura.

A Pinacoteca em especial, além do programa de necessidade, a filosofia de trabalho desta arquitetura histórica é atualizada com elementos modernos, sem apagar o valor da memória arquitetônica. Essa integração entre passado e presente é marcada pela ampliação das áreas de exposição e pela criação de uma circulação que acolhe o visitante em um percurso contínuo, que respeita as características do edifício original.

Além disso, com as modificações na Pinacoteca, seu entorno foi consequentemente requalificados, atraindo visitantes e fazendo a população local se identificar com aquele espaço, o que fez com que ele fosse muito bem cuidado.

<i>Estudos de Caso</i>	<i>Elementos de aproveitamento</i>
MASP: Museu de Arte de São Paulo	Layout das galerias, permeabilidade da forma (área de circulação aberta por conta dos pilotis), aspectos culturais e raízes brasileiras, circulação entre os ambientes, leitura da cidade e do usuário, acessos, foco no pedestre, natureza.
Centro Cultural / Verse Desi	Acessos, pátios e disposição no terreno natural, desenho do edifício, funções do edifício, materialidade.
Pinacoteca de São Paulo	Programa de necessidade, inspiração conceitual, relação do edifício com a cidade antes e depois da restauração, materialidade; identificação do público com o edifício.
Centro cultural da UFG	Layout da planta baixa, programa de necessidade.

4 ÁREA DE INTERVENÇÃO

4.1 Contexto geral

O local de estudo está inserido na cidade de Goiânia, Goiás, fundada em 1933 durante o governo Getúlio Vargas, planejada na época para ser a nova capital do estado, o projeto urbanístico havia sido desenvolvido por Atilio Corrêa Lima. Além disso, a cidade é famosa por sua arborização. Entretanto vamos abordar de forma mais específica o Setor Sul, bairro de Goiânia.

O Setor Sul foi um bairro projetado entre 1935 e 1937, por Armando de Godoy, engenheiro formado pela Escola Politécnica do Rio de Janeiro, inspirado pelo movimento das cidades jardins, utilizando o subúrbio de Radburn (EUA), projetada por Clarence Stein em 1929.

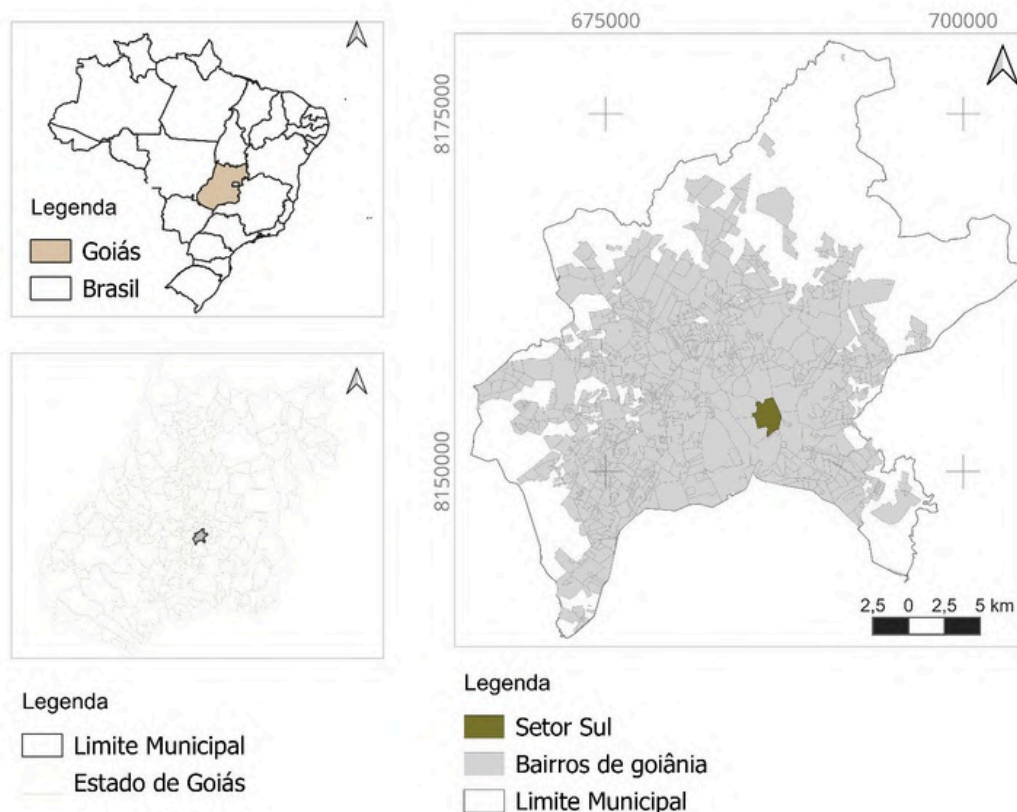
Assim como Howard, Godoy defendia a união entre a cidade e o campo, dizendo que esta era importante na medida em que se verificasse entre eles uma troca reiterada, tanto de produtos de bens de consumo e atividades econômicas como de informações e ideias, de modo que esta troca viesse suprir as deficiências de ambos. (CAIXETA, 2021)

O projeto original contava com uma área total de 3.255.276 m², com 28 áreas verdes, contabilizando 17,33% de áreas verdes públicas, preocupando-se com a qualidade de vida dos futuros moradores, com foco na vegetação e na interação da vizinhança. No plano inicial, Armando de Godoy conecta as unidades de casa com parques, com intuito de trazer uma vida em comunidade.

No projeto inicial, temos a separação de 6 tipos de vias: vias arteriais, as vias coletoras, as vias locais, cul-de-sacs, as vias para os pedestres e as vielas. A expressão cul-de-sacs, de acordo com o dicionário Oxford Languages significa “final de rua sem saída, com uma área maior e ger. arredondada, para a manobra de veículos”, e é de fato vias sem saídas, mas no caso do projeto inicial, Godoy determinou que quase todos os lotes teriam duas frentes, tanto para um cul-de-sac quanto para uma área verde, no interior da quadra.

O projeto foi aprovado em 1938, mas sua implantação estava definida para 1967, porém o Estado começou a vender os lotes em 1937, o que ocasionou na perda das características do projeto, as construções ficaram ao contrário do pensado por Godoy, as fachadas ficaram para as cul-de-sacs e o fundo para as áreas verdes, além de

Figura 25 – Mapas de localização Fonte: Qgis/editada pela autora



Além disso, é importante lembrar que o bairro foi pensado para ser predominantemente residencial, seguindo os preceitos das cidades-jardins, e apesar das mudanças no projeto inicial, continua tendo a predominância em residências. Outro fator importante são os bairros que atualmente o setor faz divisa, são economicamente tão importantes quanto o Setor Sul, e abastece alguns equipamentos que no setor de estudo é mais escasso, como terminais.

Figura 26 – Mapas de bairros vizinhos Fonte: Qgis/editada pela autora



4.2 Terreno escolhido

Neste tópico iremos estudar de forma mais específica o bairro e suas intermediações, o terreno escolhido para as intervenções são o Instituto Rizzo, duas praças próximas e o loteamento atrás do Instituto.



Figura 28 – Vista Instituto
Fonte: Acervo do autor

“O Instituto Rizzo é a ponte entre o passado e o futuro, onde as raízes da cultura se encontram com as sementes da preservação ambiental, criando um legado de beleza e consciência para as gerações que virão.” (site do Instituto Rizzo)

Legenda

■ Áreas de estudo

Figura 27 – Áreas de estudo

Fonte: google satélite, editada pela autora, 2024

Foi analisado de forma minuciosa aspectos importantes para a área de intervenção, o primeiro ponto foi dos pontos de interesse, como será um projeto voltado para a área cultural da cidade, será destacado no mapa, além dos terminais pois eles influenciam diretamente a forma de acesso público até a área de estudo.

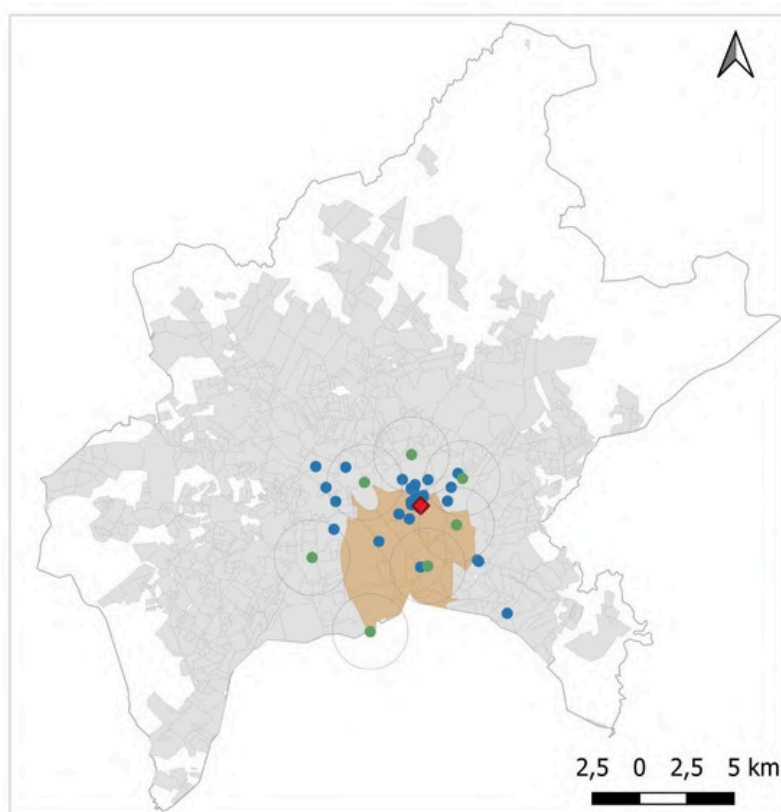


Figura 29 – Mapa de pontos de interesse
Fonte: Qgis/editada pela autora

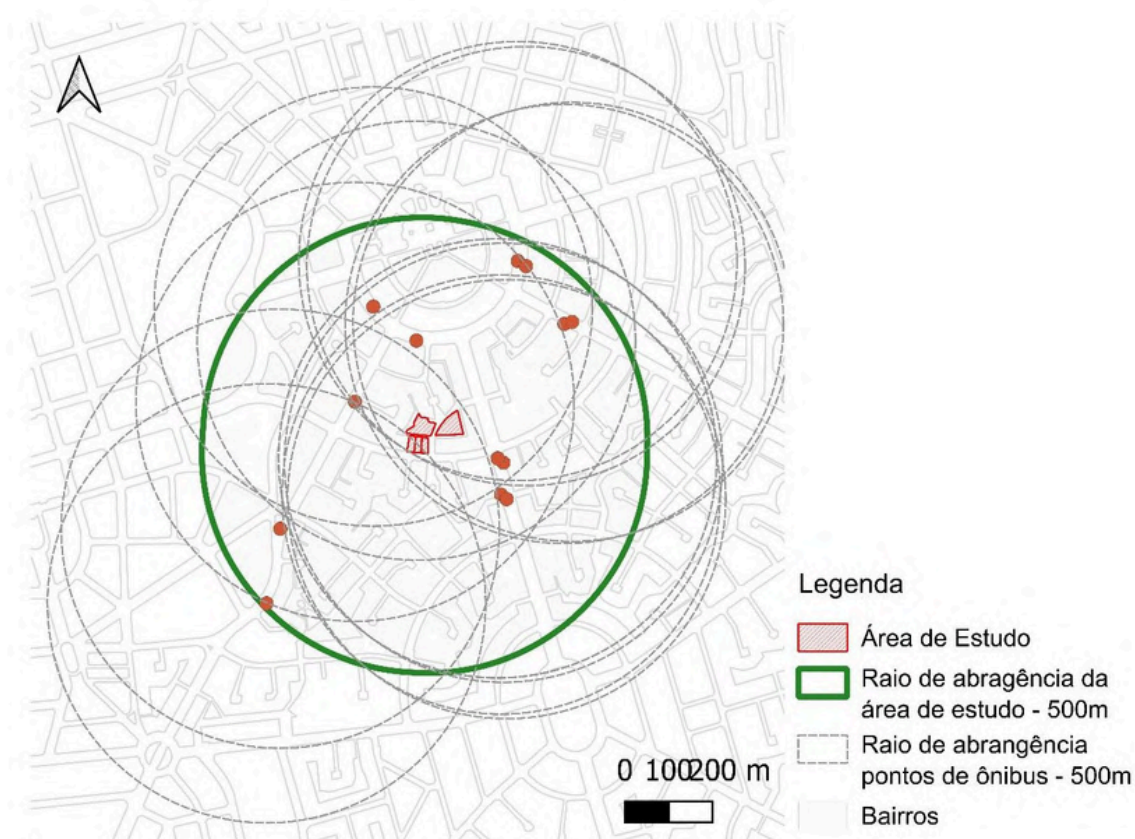
Legenda

- ◆ Área de estudo
- Raio de abrangência terminais - 2km
- Bairros
- Limite Municipal
- Terminais
- Equipamentos Culturais
- Região Sul

Os pontos culturais mais conhecidos atualmente em Goiânia, incluem o Centro Cultural Martim Cererê que está próximo a área de estudo, o Centro Cultural Oscar Niemeyer que tem visitas diárias da população, Centro Cultural Gustav Ritter, Estação Cultura, Centro Municipal de Cultura Goiânia Ouro, Centro Cultural Mercado Popular a 74, Centro Cultural Jesko Puttkamer, entre outros. O importante é destacar que apesar de termos uma grande quantidade de equipamentos culturais na cidade, a maioria não é muito visitado ou conhecido, o Instituto Rizzo, como visto nas pesquisas, entra nesse aspecto.

Na área temos apenas dois terminais, e uma escassez na quantidade de ponto de ônibus, de acordo com o anexo VII - PLANO DIRETOR - LEI COMPLEMENTAR Nº 171 - DIÁRIO OFICIAL Nº 4.147 DE 26 DE JUNHO DE 2007, sobre o Índices Urbanísticos dos Equipamentos Comunitários, os pontos de ônibus tem uma abrangência de 500m de raio, e os que existem próximos a área de estudo atenderiam a população, mas não de forma confortável, sendo o ponto mais próximo a aproximadamente 160m de distância da área, apesar de ter locais públicos e culturais como praças e outras instituições, o acesso com transporte público e bicicletas é prejudicado. O acesso mais fácil é de carro, porém não há espaços para estacionamento. As praças do entorno imediato não apresentam equipamentos e nem usos, a iluminação é precária e não passa sensação alguma de segurança, além disso, não atendem às normas ABNT quanto a acessibilidade.

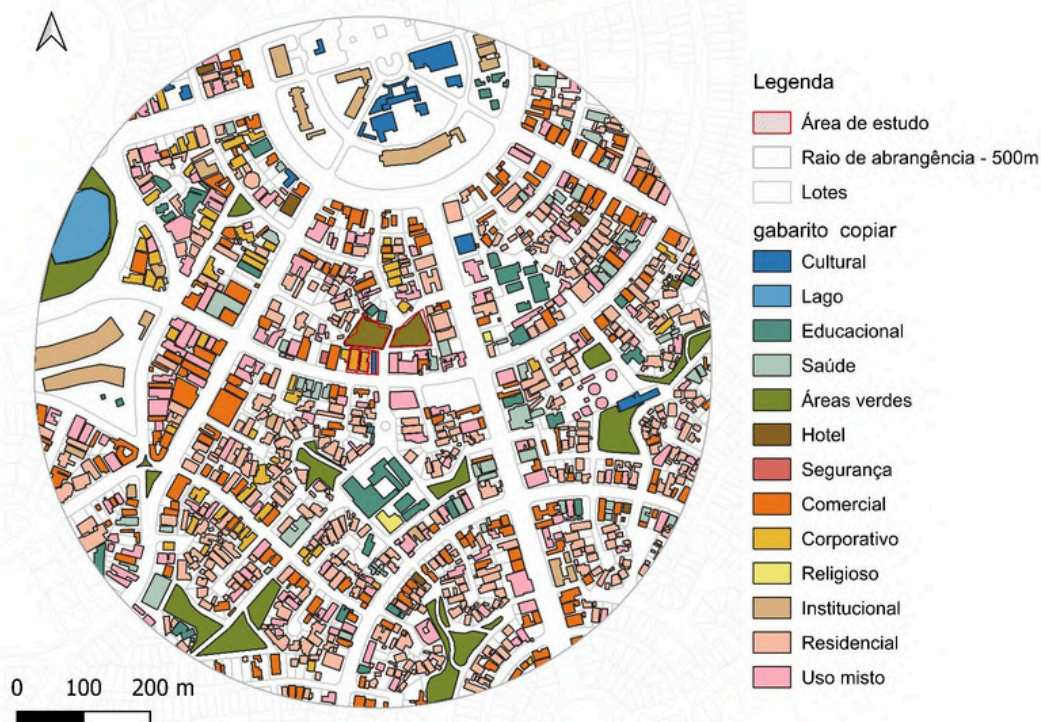
Figura 30 – Mapa de pontos de ônibus | Fonte: Qgis/editada pela autora



Uso do solo

Nos usos é notado que há predominância de residência, com um crescimento nas áreas comerciais, além de muitas áreas de escritórios, principalmente de advocacias. A parte comercial varia de restaurantes á lojas atacadistas. Conclui-se que existe uma gama bem diversa de usos na região sul, que atendem bem a população, tanto na parte residencial, cultural, educacional e lazer.

Figura 31 – Mapa de uso do solo | Fonte: Qgis/editada pela autora



Gabarito

A região possui predominância em edifícios térreos, mas é possível encontrar grandes edifícios residenciais. A maior parte de 2/3 pavimentos é voltado para uso misto ou comercial.

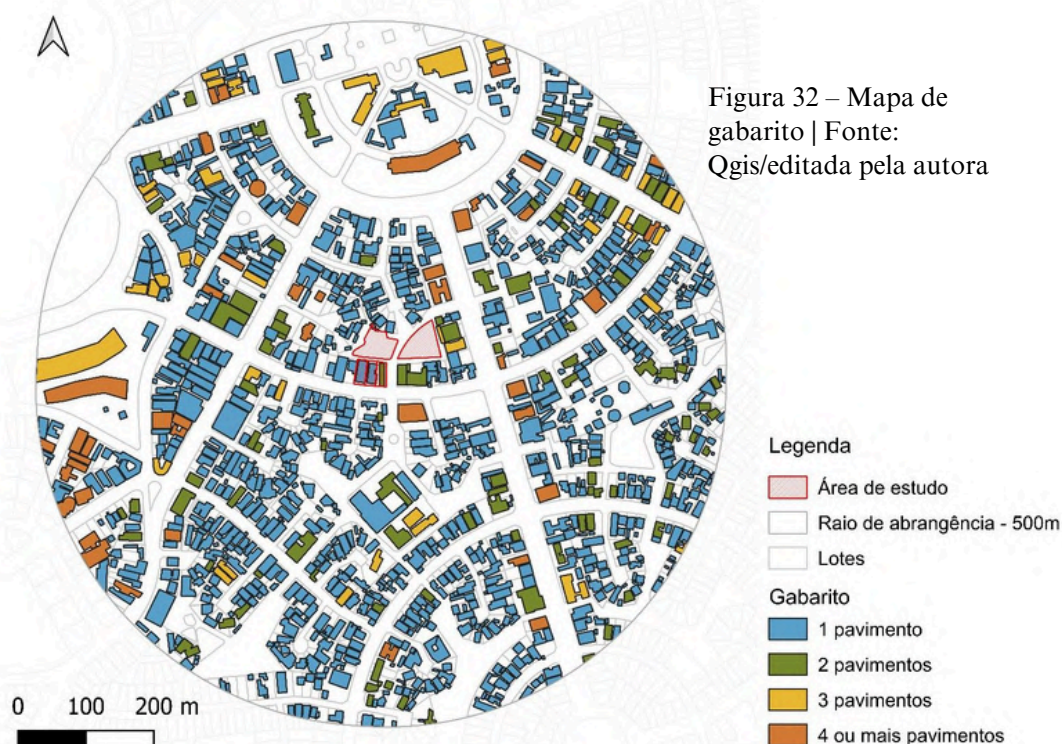


Figura 32 – Mapa de gabarito | Fonte: Qgis/editada pela autora

Mapa Nolli

Apesar de ser uma região antiga de Goiânia, ainda existem muitos lotes sem construção e que foram abandonados, o que pode causar problemas quanto a plena utilização do bairro.

O arruamento é bem estruturado para a região, não só as avenidas principais, mas também as locais. Apesar disso, é fácil perceber que as edificações criam grandes barreiras para pedestres, além de não haver permeabilidade e permanência nas áreas públicas.

A partir deste estudo, é perceptível a falta de recuos nos lotes das edificações, que não atendem as normas, além da impermeabilidade de águas pluviais em consequência da ocupação total do lote.

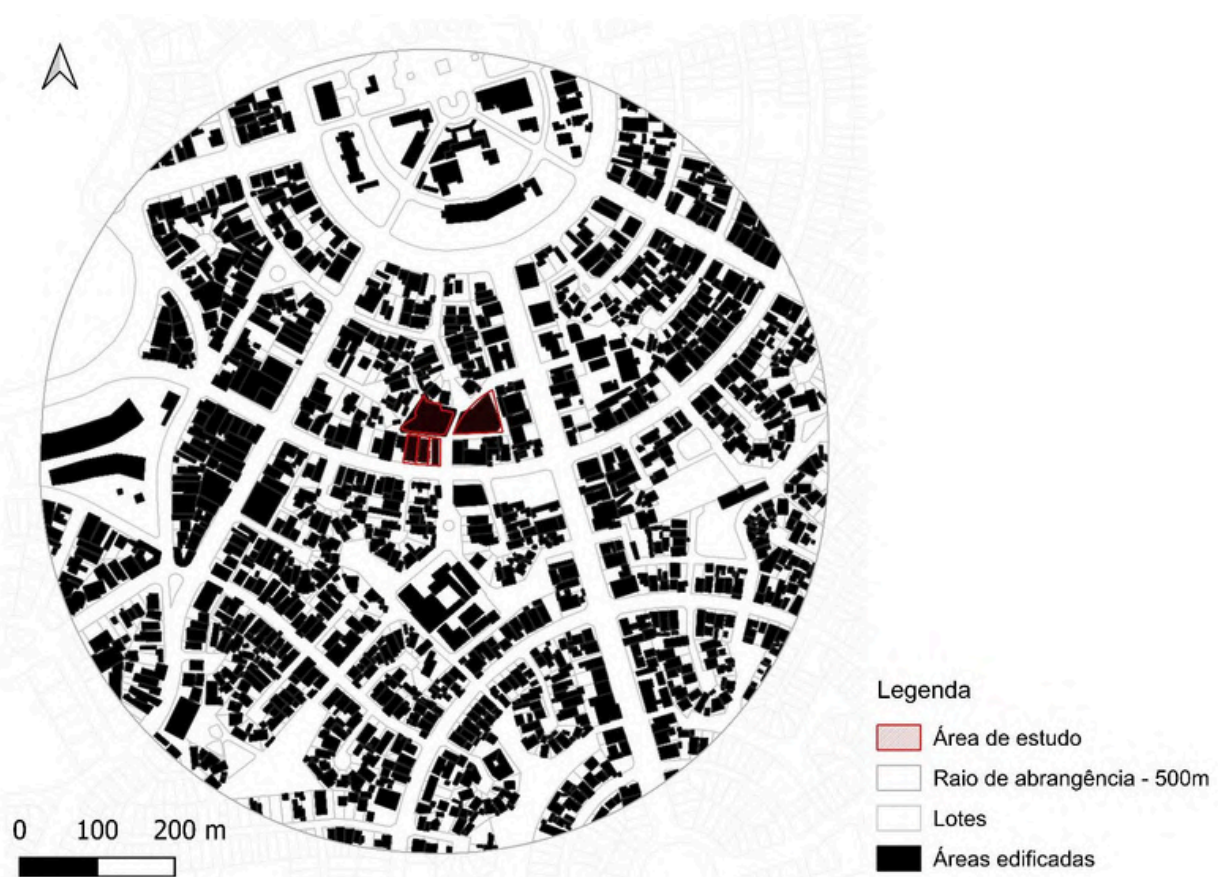


Figura 33 – Mapas de uso do solo | Fonte: Qgis/editada pela autora

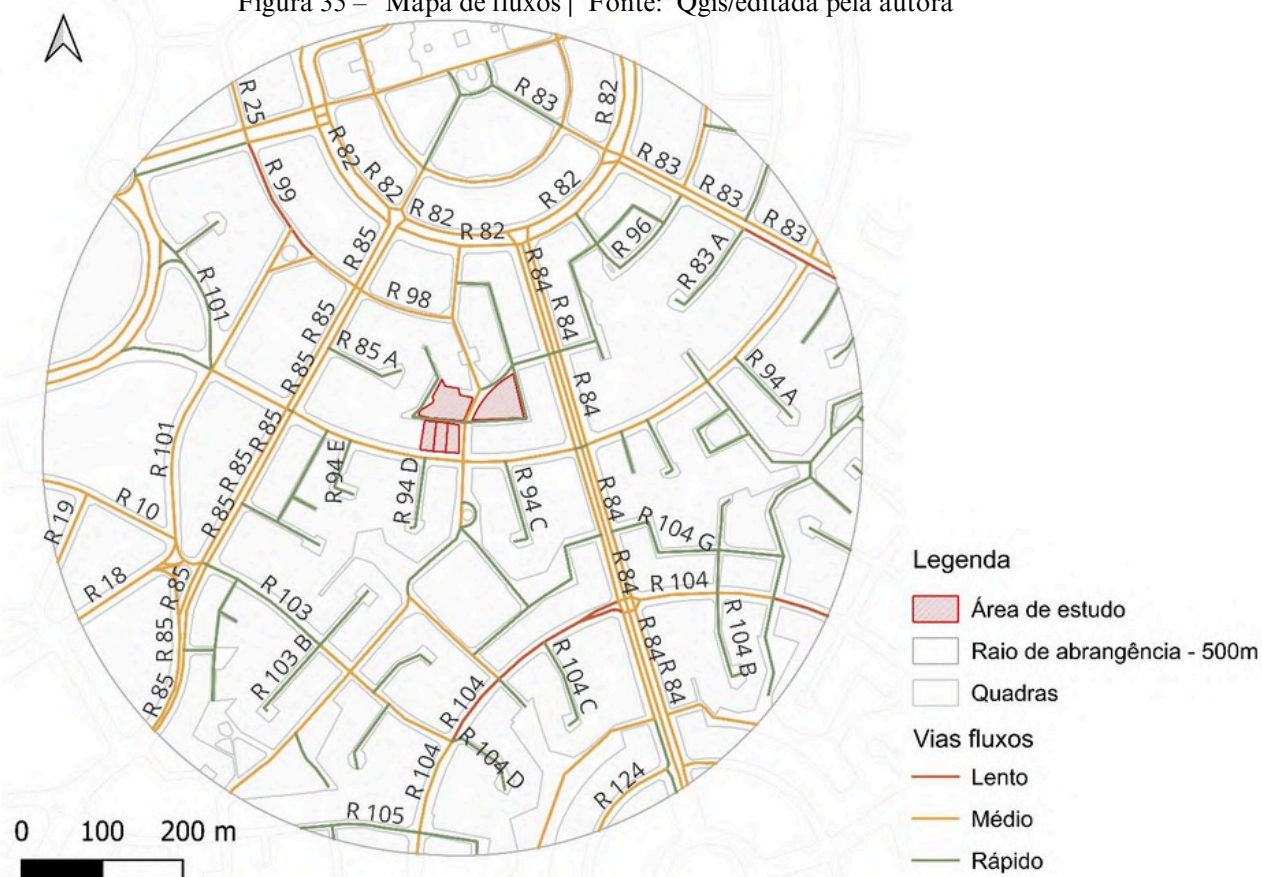
Mapa de Vias – Hierarquia e Fluxo

A região apresenta vias importantes, como a Avenida 85, Rua 84, Praça Doutor Pedro Ludovico Teixeira e Avenida Cora Coralina. O estudo de fluxo foi feito com informações do google maps a partir de horários, e é possível escolher o trânsito típico de um horário, escolhi um horário de pico, às 17:40 da tarde, para podermos analisar.

Figura 34 – Mapa de hierarquia viária | Fonte: Qgis/editada pela autora



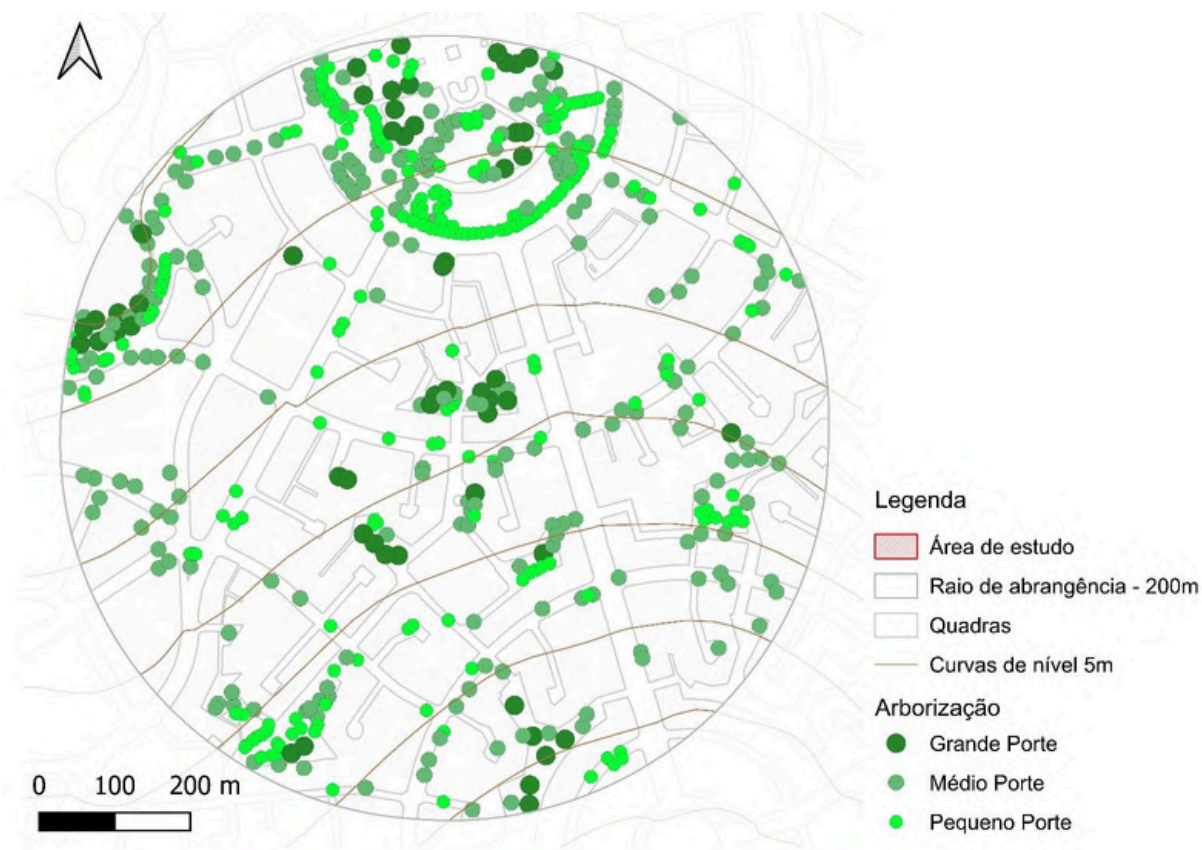
Figura 35 – Mapa de fluxos | Fonte: Qgis/editada pela autora



Arborização

A região apresenta uma quantidade interessante de árvores, apesar de ter sido planejada para ter mais áreas verdes, a maior incidência de vegetação encontra-se na região da Praça Cívica e no Bosque dos Buritis. Algumas vias não possuem vegetação alguma. Próximo a Área de Estudo temos duas praças que apesar de não estarem bem manejadas, apresenta uma boa quantidade de árvores

Figura 36 – Mapa de hierarquia viária | Fonte: Qgis/editada pela autora



Figuras 37, 38 – Áreas arborizadas

Fonte: Autora

4.3 Topografia do terreno

O instituto Rizzo possui uma ótima localização quanto à insolação, a fachada principal faceia leste, o que facilita o uso no seu interior, nas visitas in loco durante o dia, a percepção de calor e do sol na parte interna era pequena, isso porque, a fachada norte não possui aberturas.

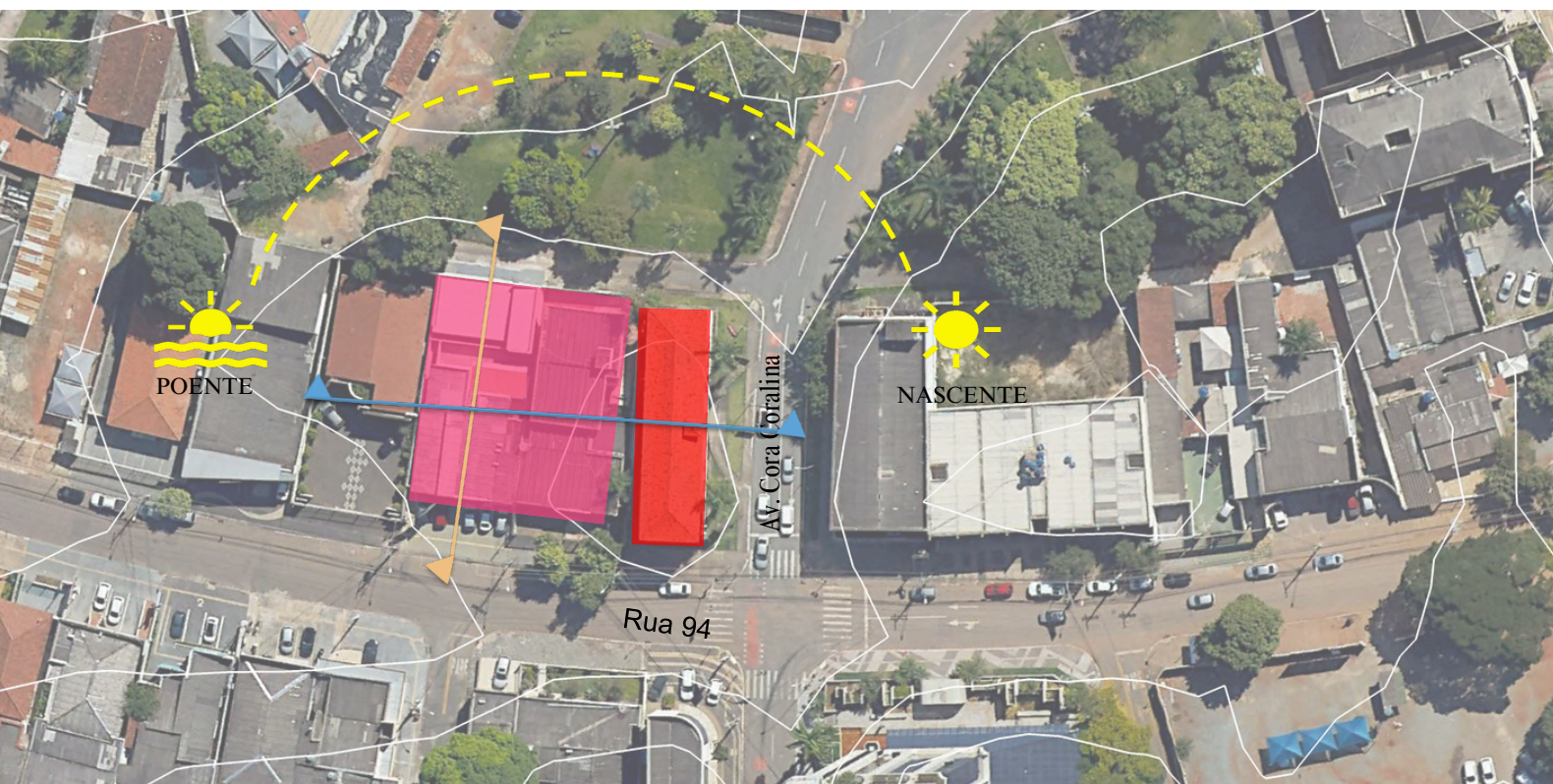
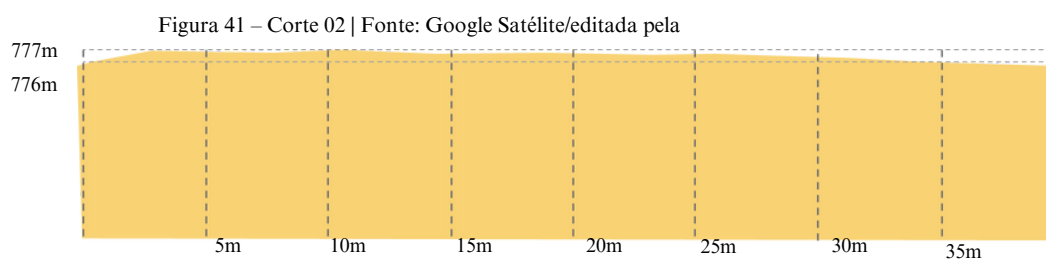
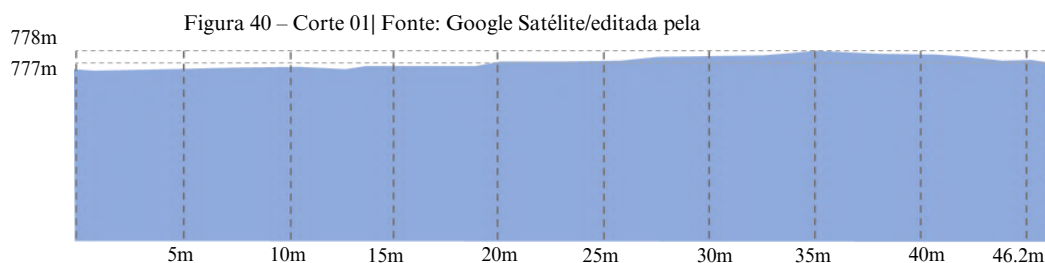


Figura 39 – Áreas de estudos aproximada | Fonte: Qgis/editada pela autora

Além disso, a vegetação das praças ao redor também auxilia na sensação térmica, por isso, melhorar a destruição da vegetação da praça por trazer ainda mais benefícios para a extensão do Instituto e para o instituto em si. Os ventos são predominantes na região sudeste, que também auxilia quando a sensação térmica, pelas aberturas do Instituto.



4.4 Sobre a propriedade do terreno

O projeto demanda atenção às diretrizes legais e normativas para assegurar sua viabilidade e conformidade com o ordenamento urbano de Goiânia. Este capítulo aborda as condicionantes legais, os parâmetros urbanísticos aplicáveis ao uso do solo, as normas técnicas que norteiam a elaboração do projeto, e as justificativas para intervenções no terreno. A proposta não se limita ao cumprimento normativo, mas visa contribuir com a integração cultural, social e ambiental na cidade.

Uso do Solo

Plano Diretor de Goiânia – Lei Complementar nº 171/2007: O Plano Diretor de Goiânia classifica o Setor Sul como uma área de uso predominantemente residencial, permitindo usos comerciais e institucionais de baixo impacto. Equipamentos culturais, como o Centro Cultural proposto, são permitidos, desde que respeitem os índices urbanísticos locais e realizem, quando necessário, estudos de impacto de vizinhança (EIV).

Parâmetros Urbanísticos do Terreno

A análise dos parâmetros urbanísticos aplicáveis demonstra a viabilidade do projeto:

<i>Parâmetro</i>	<i>Valor</i>	<i>Descrição</i>
Taxa de Ocupação	60%	Limita a área ocupada pela edificação no terreno, promovendo áreas livres e permeáveis.
Coefficiente de Aproveitamento	2,0	Define a área máxima construída em relação ao tamanho do lote.
Altura Máxima	12 metros	Respeita a escala do bairro, predominantemente composta por edificações de pequeno porte.
Recuo Frontal	5 metros	Garante ventilação, iluminação e harmonia com o entorno.

O projeto proposto está em conformidade com os parâmetros estabelecidos, reforçando a vocação cultural e social do Setor Sul. A revitalização do Instituto Rizzo contribuirá para a consolidação da área como um polo cultural de relevância em Goiânia.

Normas

Acessibilidade

O projeto deve atender integralmente às normas de acessibilidade, garantindo inclusão e usabilidade para todos os públicos.

1. ABNT NBR 9050/2020:
2. Rampas com inclinação máxima de 8,33% e largura mínima de 1,20 m.
3. Corredores e portas com largura mínima de 80 cm para circulação de cadeirantes.
4. Sanitários adaptados com dimensões mínimas de 1,50 m² e barras de apoio.
5. Piso tátil e sinalização em braille em locais estratégicos, como escadas e elevadores.

Segurança

Para garantir a segurança dos usuários, as seguintes normas serão aplicadas:

1. ABNT NBR 9077: Dimensionamento adequado de saídas de emergência, escadas e portas, considerando a capacidade máxima do público.
2. ABNT NBR 10898: Implantação de sistemas de iluminação de emergência para evacuações seguras.

Sustentabilidade

O projeto integra práticas sustentáveis, em conformidade com a ABNT NBR 15575:

1. Uso de materiais de construção locais, respeitando o bioma cerrado.
2. Sistemas para captação e reutilização de água da chuva.
3. Instalação de painéis fotovoltaicos para geração de energia renovável.

Justificativa para a Demolição das Edificações Existentes

A demolição das edificações existentes no terreno foi embasada no princípio da função social da propriedade, garantido pela Constituição Federal e reforçado pelo Estatuto da Cidade. As estruturas atuais, além de não atenderem às demandas culturais e sociais da região, não possuem proteção por tombamento ou relevância histórica reconhecida. A substituição das edificações permitirá a criação de um espaço cultural alinhado às normas de acessibilidade e sustentabilidade, promovendo maior integração comunitária e contribuindo para o fortalecimento do patrimônio cultural imaterial de Goiânia.

A substituição das edificações existentes é necessária para a ampliação e modernização do espaço, com os seguintes objetivos:

1. Promover acessibilidade universal e atender às demandas culturais da comunidade.
2. Integrar a nova arquitetura ao entorno, valorizando o bioma cerrado.
3. Oferecer infraestrutura capaz de sediar eventos e atividades culturais de maior porte.

1. Constituição Federal (1988): Artigo 5º, XXIII:

- A propriedade deve cumprir sua função social;
- Se as edificações existentes não atendem a demandas sociais ou culturais significativas, a substituição pode ser justificada para maximizar os benefícios à comunidade.

2. Estatuto da Cidade (Lei Federal nº 10.257/2001):

- Artigo 2º, incisos I e IX: O ordenamento urbano deve promover o pleno desenvolvimento das funções sociais da cidade e da propriedade, assegurando o bem-estar da população;
- Artigo 4º, §1º: Instrumentos como o Estudo de Impacto de Vizinhança (EIV) podem ser usados para justificar a intervenção, garantindo que o projeto traga melhorias urbanas e sociais.

3. Código Civil Brasileiro (Lei nº 10.406/2002)

- Artigo 1.228, §1º: O direito de propriedade inclui o poder de usar, gozar e dispor da propriedade, desde que respeitadas suas funções sociais.
- Aplicação: O proprietário do terreno tem o direito de demolir edificações antigas, desde que atenda às legislações urbanísticas e não haja restrições de tombamento ou proteção patrimonial.

<i>Norma</i>	<i>Aplicação</i>	<i>Descrição</i>
ABNT NBR 9050/2020	Acessibilidade	Rampas, sanitários adaptados, sinalização tátil e braille.
ABNT NBR 9077/2001	Saídas de emergência	Dimensionamento de escadas, corredores e saídas.
ABNT NBR 10898/2013	Iluminação de emergência	Garantia de segurança em evacuações.
ABNT NBR 15575/2021	Sustentabilidade	Uso eficiente de recursos naturais e materiais locais.

4.5 Caracterização do público Alvo

O projeto do centro cultural visa atender a toda a comunidade, promovendo o acesso à cultura de maneira ampla e inclusiva. Entre os principais grupos que podem se beneficiar estão os artistas locais e a comunidade artística em geral, que encontrarão no espaço oportunidades para criar, expor e compartilhar suas produções, fortalecendo o cenário cultural da cidade.

Além disso, o centro acolherá moradores locais e visitantes, oferecendo um ambiente de interação, lazer e apreciação cultural, capaz de atrair pessoas de diferentes idades e interesses. Também se destaca o público jovem, que agrega vitalidade e dinamismo ao espaço, contribuindo para a renovação e perpetuação das práticas culturais.

O principal objetivo do projeto é fortalecer a relação das pessoas com a cultura, contribuindo para a construção de uma cidade mais conectada com sua identidade cultural e promovendo um ambiente que valorize o bem-estar social, a inclusão e o desenvolvimento criativo. O centro cultural será um espaço plural, onde todos poderão participar e se engajar, consolidando sua relevância na sociedade atual.



4.6 Definição do programa

O presente projeto apresenta duas propostas importante: melhorias na parte interna do Instituto Rizzo e uma ampliação das atividades culturais, resultando na construção de um centro cultural para dar apoio e requalificar a área como um todo.

Promovendo um Centro Cultural moderno, integrado ao espaço urbano, trazendo mais dinamismo a vida cultural da região, o Centro será destinado a diversas atividades culturais e criativas.

4.6.1 O Instituto Rizzo

O Instituto passará por pequenas alterações que buscam melhorar a acessibilidade do edifício, seguindo as normas. Além disso, o programa de necessidade ganha mais ambientes para atender de forma plena os novos usos do pavimento térreo, com uma sala de exposição de arte fixa e reserva técnica e restauro para manter a integridade das obras.

Os mobiliários e quadros que existem no Instituto vão continuar expostos. Outras alterações com cunho mais estético como: pintura das paredes, novos revestimentos e decorações gerais.

O Instituto passará por pequenas alterações que buscam melhorar a acessibilidade do edifício, seguindo as normas. Além disso, o programa de necessidade ganha mais ambientes para atender de forma plena os novos usos do pavimento térreo, com uma sala de exposição de arte fixa e reserva técnica e restauro para manter a integridade das obras. Os mobiliários e quadros que existem no Instituto vão continuar expostos. Outras alterações com cunho mais estético como: pintura das paredes, novos revestimentos e decorações gerais. Sem alterações no programa, vemos na imagem a baixo o funcionamento da planta atualmente, o acesso a escada em frente ao acesso principal não fica a vista para o usuário e nem a recepção.

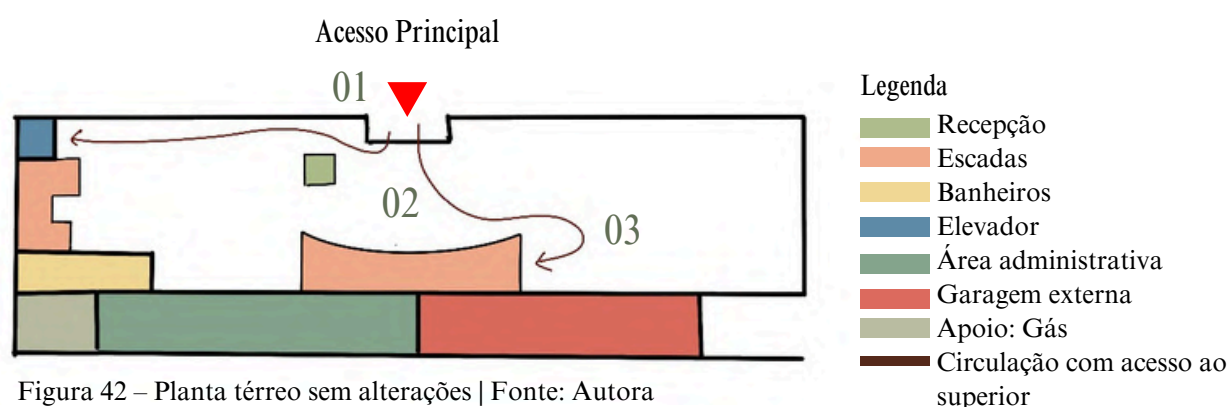


Figura 42 – Planta térreo sem alterações | Fonte: Autora



Figura 43 – Fachada Instituto Rizzo | Fonte: Autora

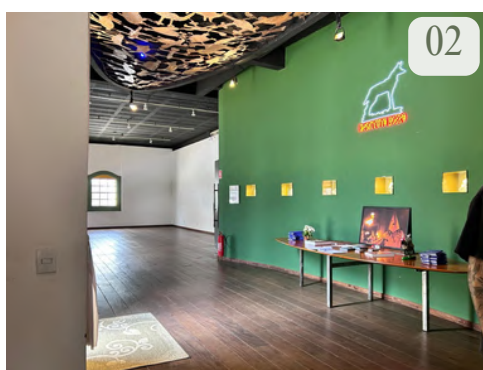


Figura 44 – Entrada | Fonte: Autora



Figura 45 – Vista da Escada | Fonte: Autora

As alterações pensadas em aumentar a quantidade de ambiente para adequar ao uso de local para exposição. Além disso, a escada e recepção ficam de frente para o acesso principal, facilitando a mobilidade dentro do edifício.

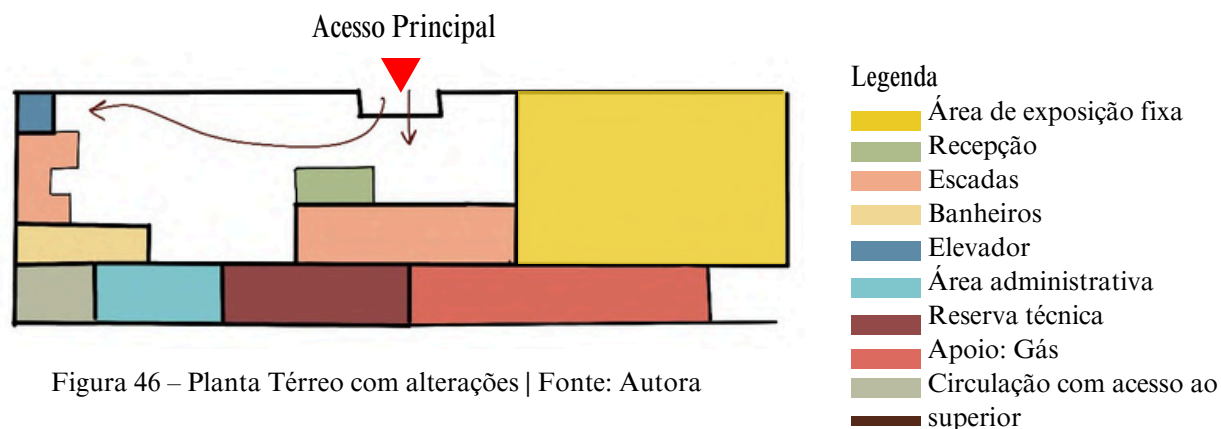


Figura 46 – Planta Térreo com alterações | Fonte: Autora

4.6.2 Programa e setorização macro

O Conjunto cultural: Instituto Rizzo e o Centro Cultural Cerrado Vivo (CCCCV), leva esse nome devido a vontade de preservar a cultura goiana, que integra a essência do bioma do cerrado ao espaço urbano, promovendo um diálogo entre natureza, cultura e urbanidade. incorporando elementos naturais do cerrado, como sua vegetação característica, fauna e simbolismos culturais, em projetos de arquitetura e urbanismo que celebrem a identidade local e a sustentabilidade.

Antes de entender o fluxo dentro do CCCV, é importante ver a relação do espaço com o entorno imediato e as praças, que entram como um espaço verde de grande importância na proposta projetual.

Figura 47 – Fluxo nas ruas | Fonte: Autora

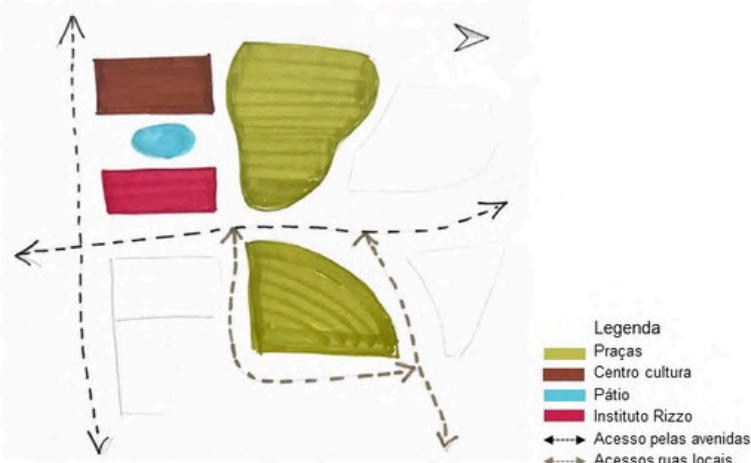


Figura 48 – Fluxos entre o edifício e a praça | Fonte: Autora

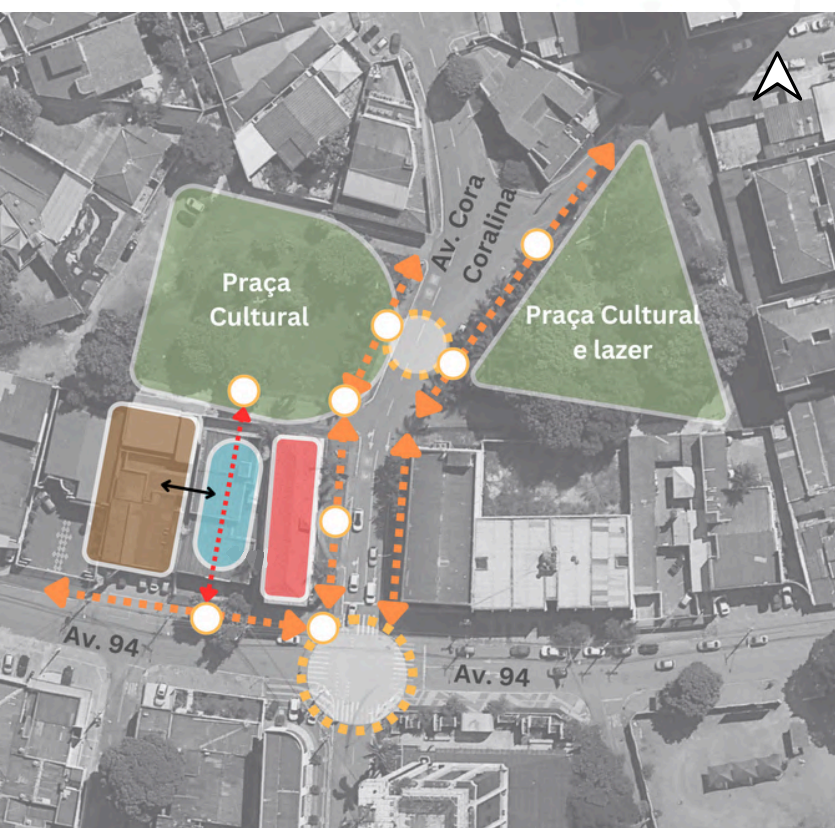
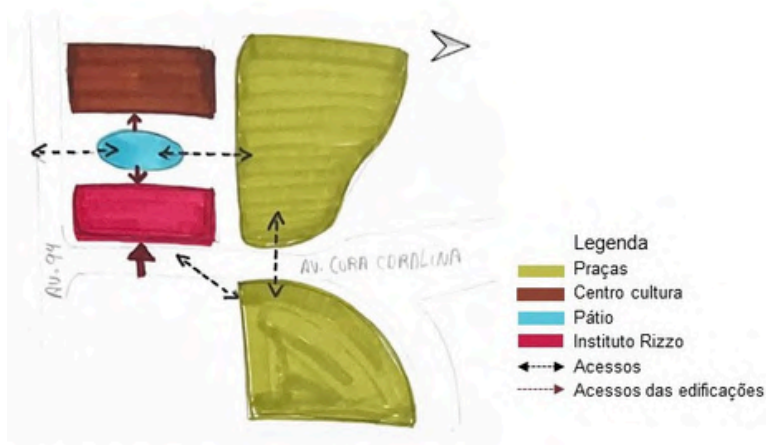


Figura 49 – Fluxos entre o edifício e a praça | Fonte: Autora

A proposta é ser de fácil acesso e interligar os elementos da proposta projetual, o pátio interno entre o Instituto Rizzo e o Centro Cultural Cerrado Vivo vem com a proposta de criar permeabilidade em uma rua extremamente fechada, conquistando o visual da praça para os pedestres que passarem pela calçada da Rua 94.



4.6 .3 Programa e setorização: Estudos

Antes da proposta final, o programa do Centro Cultural Cerrado Vivo, era mais simplificado, contando com: Recepção e Bilheteria, Espaço Multiuso, Auditório, Estúdios de Criação, Sala de Ensaios, Biblioteca de Referência Cultural, Café Cultural, Salas de Reuniões, Administração, Sanitários e Depósitos e Áreas Técnicas. Com intuito de dar apoio ao Instituto Rizzo.

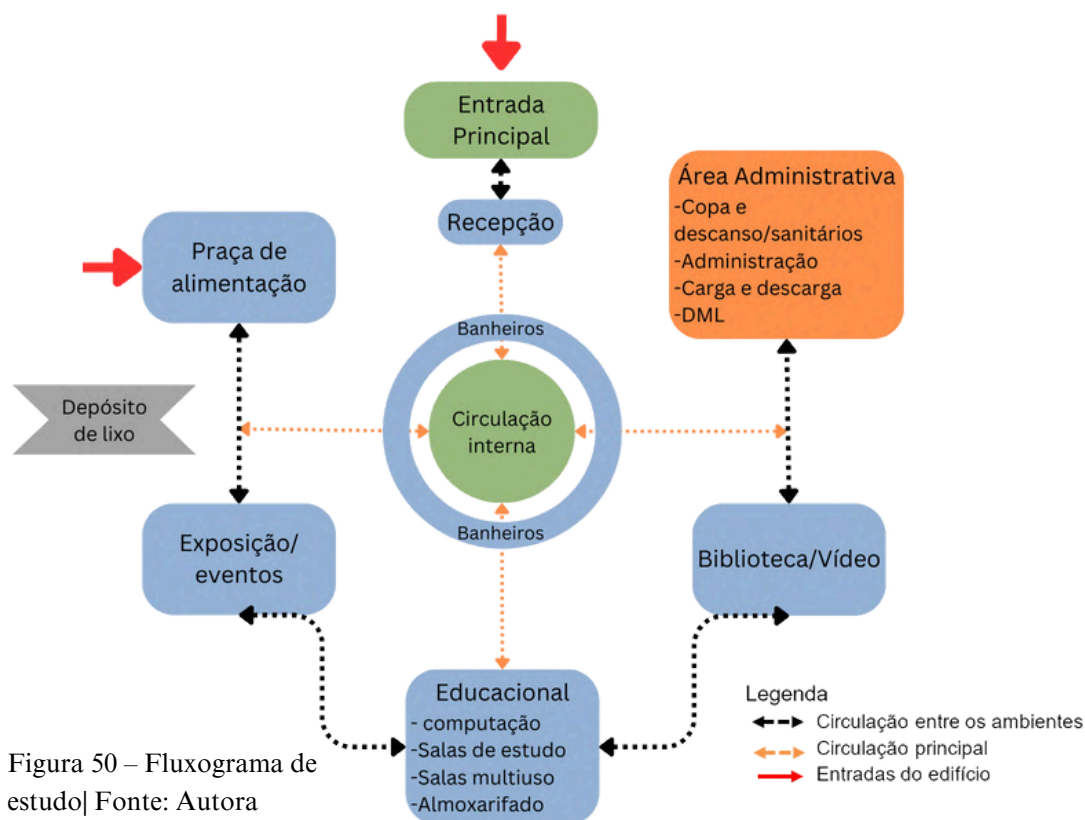


Figura 50 – Fluxograma de estudo| Fonte: Autora

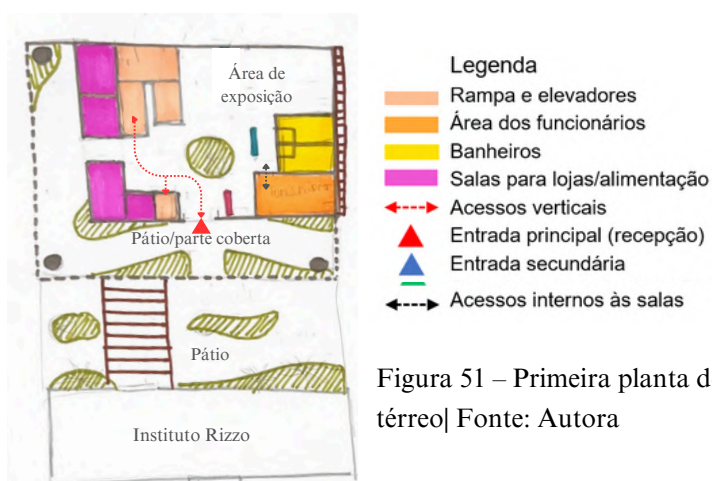


Figura 51 – Primeira planta do
térreo| Fonte: Autora

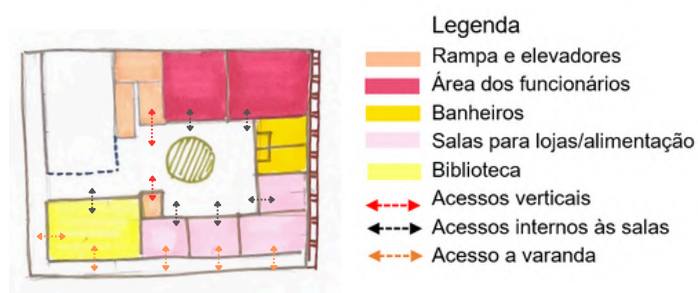


Figura 52 – Primeira planta do superior| Fonte: Autora

A circulação funcionaria de um ponto central que daria acesso a todos os ambientes. Porém, com estudos aprofundados dos ambientes necessários para um local de cultura e artes, o programa foi expandido.

4.6.4 Programa e setorização: Final

A partir dos estudos de caso, principalmente a Pinacoteca de São Paulo e Centro Cultural da UFG, houve uma ampliação na quantidade de ambientes. Deve incluir espaços essenciais para atender às diferentes funções culturais e operacionais.

É importante ter áreas como uma sala destinada a exposições temporárias, que pode abrigar mostras rotativas e eventos culturais, e uma sala para exposições permanentes, voltada ao acervo fixo do local. Um espaço externo, como uma galeria ao ar livre, permite a instalação de obras temporárias e interativas, enquanto uma sala de projeções oferece suporte para exibição de vídeos, documentários ou trabalhos digitais.

Além disso, ateliês são fundamentais para oficinas práticas de técnicas como pintura, escultura e outras expressões artísticas. Um laboratório multimídia facilita a criação digital e edição de conteúdos relacionados. Para capacitação e debates, uma sala destinada a aulas ou workshops é essencial, assim como uma biblioteca ou mediateca com materiais especializados em artes visuais, que pode contar com um ambiente de consulta e leitura.

Complementando esses espaços, a reserva técnica serve para o armazenamento seguro de obras de arte, e uma sala de conservação e restauração garante a manutenção do acervo. Na área de convivência, é recomendável ter uma recepção com informações e bilheteria, um espaço comercial com loja de produtos culturais e publicações, e um café ou bistrô que funcione como ponto de encontro dos visitantes.

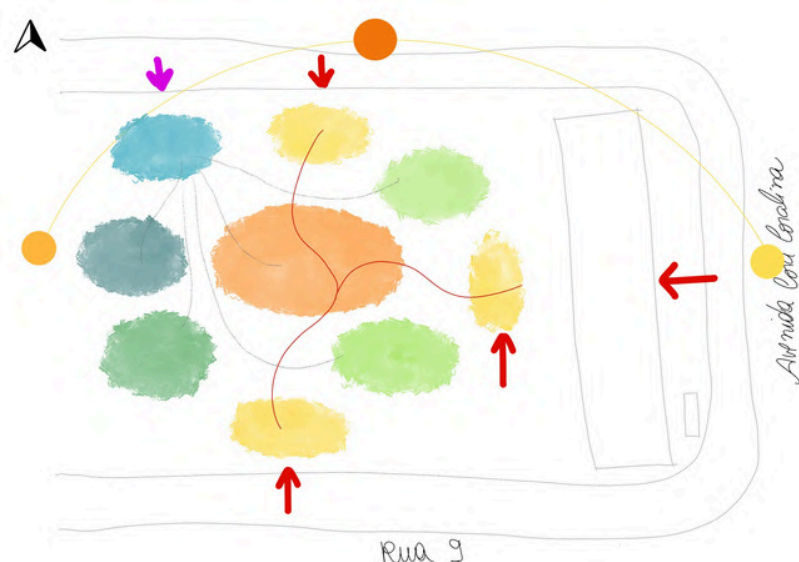
Para a infraestrutura geral, sanitários acessíveis, áreas administrativas para a equipe gestora, e espaços de apoio, como almoxarifado, depósitos e área técnica para equipamentos, são indispensáveis para o pleno funcionamento do centro cultural.

Simplificando estes ambientes em 6 setores principais: acolhimento e circulação, administrativo, educação, serviço, exposição, apoio ao artista.

Figura 53 – Setorização| Fonte: Autora



Figura 54 – Setorização aplicada no terreno| Fonte: Autora



4.6.5 Quadro Síntese

		AMBIENTES	ÁREA CONSTRUÍDA	QTD. UNIDADES	ÁREA POR AMBIENTE	ÁREA POR SETOR
S E T O R E S	ÁREA DE ACOLHIMENTO E CIRCULAÇÃO	Recepção e Bilheteria	16,18 m²	1	16,18 m²	245,88 m²
		Guarda volumes	7,20 m²	1	7,20m²	
		Escada	28,44 m²	1	28,44 m²	
		Elevador	6 m²	2	12 m²	
		Cafê Cultural	88,55 m²	1	88,55 m²	
		Loja de Artesanato	22,80 m²	1	22,80 m²	
		Loja do Centro	20,71 m²	1	20,71 m²	
		Banheiros públicos PCD	2,70 m²	4	10,8 m²	
		Banheiros públicos	9,80 m²	4	39,2 m²	
	ÁREA DE EXPOSIÇÃO	Área de Exposição Temporária	102,73 m²	1	102,73 m²	542,73 m²
		Pátio Interno	160 m²	1	160 m²	
		Pátio Externo	280 m²	1	280 m²	
	ÁREA DE EDUCAÇÃO E FORMAÇÃO CULTURAL	Ateliê de pintura	25,63 m²	1	25,63 m²	119,56 m²
		Ateliê de escultura	24,93 m2	1	24,93 m²	
		Ateliê de artesanato	24,93 m²	1	24,93 m²	
		Ateliê de técnicas mistas	18,71 m²	1	18,71 m²	
		Sala de Ensaio	25,36 m²	1	25,36 m²	
	ÁREA DE RESERVA TÉCNICA E APOIO AO ARTISTA	Reserva Técnica	20,23 m²	1	20,23 m²	80,43 m²
		Sala de Restauração	37,4 m²	1	37,4 m²	
		Área de embalagem e desembalagem	22,80 m²	1	22,80 m²	
	ÁREA ADMINISTRATIVA	Escritório	11,32 m²	1	11,32 m²	49,78 m²
		Planejamento	18,71 m²	1	18,71 m²	
		Sala de Reunião	19,75 m²	1	19,75 m²	
	SERVIÇO E SUPORTE	Depósito	11,30 m²	1	11,30 m²	78,81
		Depósitos lojas	2,10 m²	2	2,20 m²	
		Copa de Serviço	16,20 m²	1	16,20 m²	
		Sala de equipamentos e infraestrutura	14,37 m²	1	14,37 m²	
		Sala de segurança e monitoramento	12,42 m²	1	12,42 m²	
		Banheiro	2,25 m²	1	2,25 m²	
		Armazenamento do Café	11,30 m²	1	11,30 m²	
		Lixo	7,18 m²	1	7,18 m²	
		Gás	1,66 m²	1	1,66 m²	

Total: 1.117,19

O quadro foi feito a partir de estudos de caso e normativas: Normas do ICOM (International Council of Museums), que fornecem diretrizes sobre a gestão de museus, incluindo preservação e conservação de acervos; Normas Técnicas da ABNT (Associação Brasileira de Normas Técnicas), especialmente as voltadas para acessibilidade, conservação de obras e segurança em edificações culturais.

4.6.6 Cadeia operatória

A descrição dos ambientes foi feito a partir de estudos de caso, normativas e a cadeia operatória de um museu:

- Normas do ICOM (International Council of Museums), que fornecem diretrizes sobre a gestão de museus, incluindo preservação e conservação de acervos.
- Normas Técnicas da ABNT (Associação Brasileira de Normas Técnicas), especialmente as voltadas para acessibilidade, conservação de obras e segurança em edificações culturais.
- Diretrizes da UNESCO e de Normas Nacionais: Documentos como as diretrizes da UNESCO e normas técnicas como as da ABNT (Associação Brasileira de Normas Técnicas) sobre preservação de acervos, controle ambiental e segurança do patrimônio cultural, abordam aspectos técnicos e operacionais de gestão e preservação de acervos em museus.

A cadeia resumida para melhor entendimento dos ambientes:

1. Aquisição e Seleção do Acervo

- **Pesquisa e Avaliação:** Identificação de obras de interesse e avaliação da relevância histórica, cultural ou estética.
- **Aquisição:** Pode ocorrer por meio de compra, doação ou empréstimo. Nessa etapa, são realizadas negociações e documentação de aquisição.
- **Documentação e Inventário:** Catalogação e registro das peças adquiridas para manter o controle do acervo.

2. Preservação e Conservação

- **Análise do Estado de Conservação:** Avaliação inicial da condição das obras e identificação de necessidades de restauração.
- **Conservação Preventiva:** Controle de iluminação, temperatura e umidade, além de limpeza e manuseio cuidadoso das peças.
- **Restauração:** Tratamentos realizados em obras que necessitam de intervenções mais profundas para preservar sua integridade.

3. Curadoria e Planejamento Expositivo

- **Pesquisa Curatorial:** Definição do tema da exposição e seleção das peças que a comporão.
- **Planejamento de Exposição:** Criação do conceito expositivo, definição da narrativa e disposição das obras.
- **Desenvolvimento de Material Educativo e Explicativo:** Criação de textos informativos, legendas e recursos digitais, quando aplicável, para enriquecer a experiência do visitante.

4. Montagem e Exposição

- **Projeto de Montagem:** Definição de iluminação, layout, e suportes para as obras de acordo com as necessidades de conservação e acessibilidade.
- **Montagem das Obras:** Instalação cuidadosa das peças no espaço expositivo, com revisão de iluminação e posicionamento.
- **Controle Ambiental e Segurança:** Instalação de equipamentos de controle de temperatura e umidade, além de dispositivos de segurança para proteção do acervo.

5. Divulgação e Abertura

- **Plano de Comunicação:** Divulgação por meio de campanhas publicitárias, redes sociais, eventos de inauguração e parcerias.
- **Desenvolvimento de Programas Educativos:** Planejamento de atividades para o público, como visitas guiadas, oficinas e palestras.
- **Recepção e Bilheteria:** Organização do espaço de recepção, **entrada e controle de fluxo de visitantes.**

6. Atendimento ao Público e Experiência do Visitante

- **Visitas Guiadas e Atividades Educativas:** Programação de visitas guiadas, oficinas, palestras e outros eventos que promovam o conhecimento sobre o acervo.
- **Serviços ao Visitante:** Lojas, cafeterias e guarda-volumes, além de atendimento para esclarecer dúvidas e oferecer informações.
- **Avaliação da Satisfação:** Coleta de feedback dos visitantes para avaliar a experiência e identificar pontos de melhoria.

8. Gestão e Manutenção

- **Gestão Administrativa e Financeira:** Controle de orçamento, captação de recursos e gestão de contratos e parcerias.
- **Manutenção das Instalações:** Limpeza regular, manutenção preventiva e corretiva de instalações elétricas, hidráulicas e de segurança.
- **Treinamento da Equipe:** Capacitação constante em atendimento, segurança, conservação e operação do museu.

9. Avaliação e Renovação

- **Avaliação das Exposições:** Avaliação de indicadores de sucesso, como público visitante e impacto educacional, para cada exposição.
- **Requalificação e Renovação do Acervo Expositivo:** Atualização e rotação de obras para manter o acervo dinâmico e atrativo.
- **Planejamento de Novas Exposições e Parcerias:** Início do planejamento de novas exposições, colaborações e programação futura.
-

4.6.7 Descrição dos ambientes

11. Recepção e Bilheteria (16,18 m²)

- Descrição: Ponto de entrada e acolhimento dos visitantes.
- Requisitos: Acessibilidade total, sinalização clara e sistemas digitais para venda de ingressos.
- Mobiliário: Balcão de atendimento, cadeira ergonômica, computadores, impressora para bilhetes, sistema de som e telas informativas.
- Importância: Proporciona uma experiência inicial organizada e acolhedora.

2. Guarda-Volumes (7,20 m²)

- Descrição: Espaço seguro para armazenar pertences dos visitantes.
- Requisitos: Armários com trancas (mecânicas ou digitais) e espaço de circulação confortável.
- Mobiliário: Armários modulares, bancada para apoio e sinalização.
- Importância: Oferece conforto e praticidade ao visitante, além de proteger o acervo.

3. Escada (28,44 m²) e Elevadores (12 m²)

- Descrição: Estruturas que conectam os diferentes andares do centro cultural.
- Requisitos: Adequação às normas de acessibilidade, sinalização tátil e antideslizante.
- Mobiliário: Corrimãos, sistema de iluminação de segurança e portas automáticas para elevadores.
- Importância: Garantem mobilidade e acessibilidade para todos os públicos.

4. Café Cultural (88,55 m²)

- Descrição: Espaço de convivência para alimentação e troca cultural.
- Requisitos: Infraestrutura para preparo e serviço de alimentos, ventilação e conforto acústico.
- Mobiliário: Mesas, cadeiras, balcão de atendimento, expositores refrigerados e decoração temática.
- Importância: Promove encontros sociais e amplia a experiência do visitante.

5. Loja de Artesanato (22,80 m²) e Loja do Centro (20,71 m²)

- Descrição: Espaços para comercialização de produtos culturais e lembranças.
- Requisitos: Expositores organizados, circulação fluida e integração com o restante do centro cultural.
- Mobiliário: Estantes, vitrines, balcão de atendimento, caixas registradoras e iluminação direcionada.
- Importância: Valoriza a produção artística e gera receita complementar para o centro.

6. Banheiros Públicos e PCD (39,2 m² e 10,8 m²)

- Descrição: Sanitários para o público geral e acessíveis para pessoas com deficiência.
- Requisitos: Normas de acessibilidade (barras de apoio, pias adaptadas) e ventilação adequada.
- Mobiliário: Pias, sanitários, dispensers de papel e sabonete.
- Importância: Oferecem conforto e funcionalidade ao público.

7. Áreas de Exposição Temporária e Permanente (102,73 m²)

- Descrição: Espaços destinados a exposições rotativas e acervos fixos.
- Requisitos: Controle ambiental (temperatura e umidade), iluminação flexível e segurança reforçada.
- Mobiliário: Paredes móveis, vitrines protegidas por vidro UV, sistemas de som e projeção.
- Importância: Atraem novos visitantes com mostras variadas e preservam a coleção permanente.

8. Pátio Interno e Externo (20 m² cada)

- Descrição: Áreas abertas para instalações artísticas ou convivência.
- Requisitos: Piso nivelado, mobiliário externo resistente e paisagismo integrado.
- Mobiliário: Bancos, mesas, iluminação noturna e suportes para obras externas.
- Importância: Conectam os espaços internos ao ambiente natural, promovendo interatividade.

9. Ateliês de Arte (Pintura: 25,63 m², Escultura: 24,93 m², Artesanato: 24,93 m², Técnicas Mistas: 18,71 m²)

- Descrição: Locais para oficinas práticas e desenvolvimento artístico.
- Requisitos: Ventilação, iluminação natural e artificial, piso lavável e espaço para armazenamento.
- Mobiliário: Bancadas, armários, cavaletes, ferramentas específicas e pias.
- Importância: Estimulam a criação artística e a interação com a comunidade.

10. Sala de Ensaio (25,36 m²)

- Descrição: Espaço para performances, preparação de eventos e ensaios artísticos.
- Requisitos: Isolamento acústico, piso apropriado e iluminação ajustável.
- Mobiliário: Espelhos, barras de apoio, sistema de som e ventilação.
- Importância: Apoia a realização de atividades culturais e educativas.

11. Reserva Técnica (20,23 m²)

- Descrição: Depósito seguro para o acervo cultural.
- Requisitos: Controle rigoroso de temperatura, umidade e iluminação, além de segurança reforçada.
- Mobiliário: Estantes deslizantes, caixas de conservação e armários ventilados.
- Importância: Garante a preservação de obras e objetos históricos.

12. Sala de Restauração (37,4 m²)

- Descrição: Local especializado para conservação e reparação de obras.
- Requisitos: Bancadas ajustáveis, exaustores localizados e iluminação de alta precisão.
- Mobiliário: Microscópios, ferramentas de precisão, pias grandes e armários técnicos.
- Importância: Preserva e recupera peças importantes do acervo.

13. Área de Embalagem e Desembalagem (22,80 m²)

- Descrição: Espaço para manipulação e preparo de obras para transporte ou exposição.
- Requisitos: Piso resistente, ventilação e boa iluminação.
- Mobiliário: Bancadas amplas, carrinhos de transporte e prateleiras.
- Importância: Protege as obras durante processos logísticos.

14. Planejamento, Reunião e Escritório (11,32 m², 18,71 m², 19,75 m²)

- Descrição: Áreas para administração e organização do centro cultural.
- Requisitos: Infraestrutura tecnológica para reuniões e trabalho colaborativo.
- Mobiliário: Mesas, cadeiras ergonômicas, computadores e armários.
- Importância: Facilitam a gestão eficiente das atividades culturais.

15. Infraestrutura de Apoio (Copa de Serviço, Depósitos, Sala de Segurança e Monitoramento, Sala de Equipamentos)

- Descrição: Espaços técnicos e operacionais do centro cultural.
- Requisitos: Boa ventilação, organização e isolamento para segurança.
- Mobiliário: Armários, racks para equipamentos, câmeras de segurança, pias e estantes.
- Importância: Garantem o funcionamento contínuo e seguro do espaço.

4.7 Conceituação da Proposta

Sinergia, palavra central da proposta, é um substantivo feminino, que de acordo com o dicionário de Oxford : 1. ação ou esforço simultâneos; cooperação, coesão; trabalho ou operação associados. 2. fisiologia: ação associada de dois ou mais órgãos, sistemas ou elementos anatômicos ou biológicos, cujo resultado seja a execução de um movimento ou a realização de uma função orgânica.

A conceituação é baseada na coesão e colaboração entre o novo edifício e a estrutura cultural existente, enfatizando a ideia de que juntos eles criam um impacto maior do que isoladamente. No caso de um Centro Cultural, esse conceito atua na conexão funcional e simbólica entre os espaços, as atividades, o público e o entorno urbano.



Aprofundando no significado da palavra é possível transmitir de forma clara para a arquitetura: criando integração, onde os ambientes se complementam e favorecem a circulação natural, permitindo que o visitante transite de forma intuitiva entre as áreas expositivas, educativas e de convivência, incentivando um uso contínuo e colaborativo dos ambientes, um bom exemplo é posicionar o Café Cultural próximo ao pátio externo, dando essa continuidade ao uso; a proposta busca incentivar a participação ativa dos visitantes por meio de espaços que promovam a troca de conhecimentos, como ateliês abertos e áreas interativas que aproximem o público da prática artística; e por fim, o centro cultural deve estar em harmonia com o ambiente ao seu redor, valorizando o contexto local. Isso pode ser feito com áreas de transição, como pátios ou jardins, que conectam o interior do edifício ao espaço público.

4.7.1 Partido

Organização espacial integrada:

- Dispor os espaços em núcleos que dialoguem entre si:
- Núcleo expositivo (salas de exposição e áreas externas conectadas).
- Núcleo educativo (ateliês, laboratórios e salas de aula).
- Núcleo de convivência (café cultural, loja e pátios).

Essas áreas devem estar interligadas por percursos que permitam uma navegação fluida e acessível.

Eixos visuais e percursos contínuos:

- Criar trajetos que conectem as principais áreas do projeto, proporcionando uma experiência visual rica e marcante. Por exemplo, o eixo principal pode ligar a entrada à área de exposições, com visuais para o pátio central.

Conexão com o ambiente externo:

- Incorporar áreas externas como parte essencial do projeto, promovendo integração entre o edifício e o espaço urbano. Incluindo fachadas permeáveis, brises para controle da luz e pátios acessíveis que acolham atividades culturais.

Espaços flexíveis:

- Priorizar ambientes que possam se adaptar a diferentes usos, como ateliês que podem ser transformados em salas expositivas ou pátios que se tornem palcos para performances artísticas.

Materiais e luz:

- Utilizar materiais que transmitam unidade, como madeira, vidro e concreto, e explorar ao máximo a iluminação natural, complementada por sistemas artificiais ajustáveis para realçar as exposições.

Aprofundando no significado da palavra é possível transmitir de forma clara para a arquitetura: criando integração, onde os ambientes se complementam e favorecem a circulação natural, permitindo que o visitante transite de forma intuitiva entre as áreas expositivas, educativas e de convivência, incentivando um uso contínuo e colaborativo dos ambientes, um bom exemplo é posicionar o Café Cultural próximo ao pátio externo, dando essa continuidade ao uso; a proposta busca incentivar a participação ativa dos visitantes por meio de espaços que promovam a troca de conhecimentos, como ateliês abertos e áreas interativas que aproximem o público da prática artística; e por fim, o centro cultural deve estar em harmonia com o ambiente ao seu redor, valorizando o contexto local. Isso pode ser feito com áreas de transição, como pátios ou jardins, que conectam o interior do edifício ao espaço público.

4.7.2 Interpretações e Apropriações iniciais

Os primeiros croquis já traziam a ideia principal, onde temos o pátio interno, uma edificação cujo formato comunica com o Instituto Rizzo, mas ainda precisava ser lapidado.

O brise também marcava presença na proposta inicial, a partir do estudo de insolação das fachadas. Além da materialidade expressar a vontade de ser uma edificação mais permeável, com o uso do vidro.

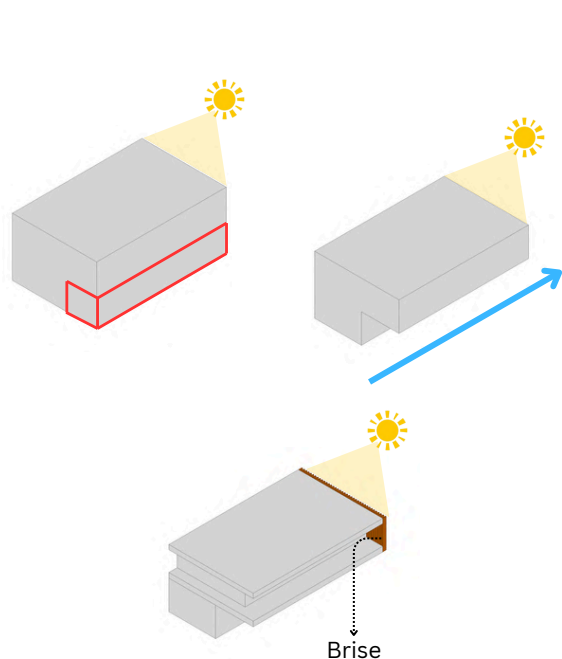


Figura 55 – Estudo da volumetria inicial| Fonte: Autora

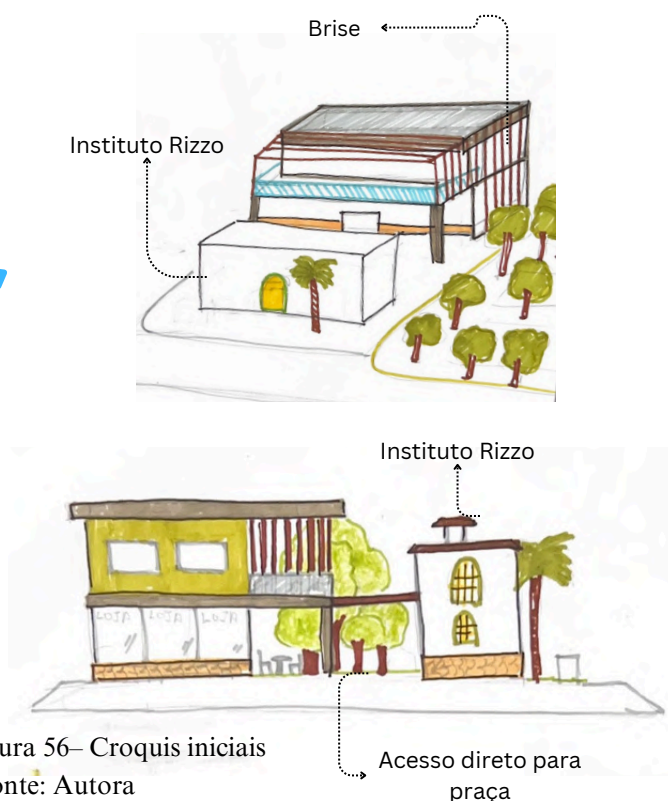


Figura 56– Croquis iniciais
| Fonte: Autora

O estudo final foi definido após mudanças no quadro síntese e estudos mais aprofundados das bioclimáticas e do Instituto Rizzo em si, para que a integração dos dois fosse mais tangível.

Figura 57 – Estudo do formato Fonte:

Autora

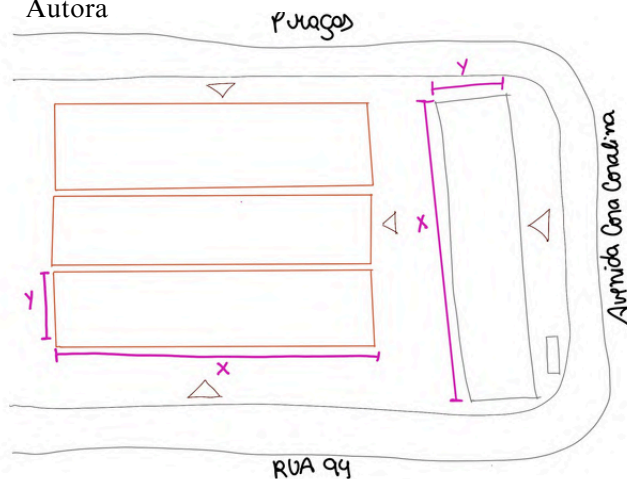
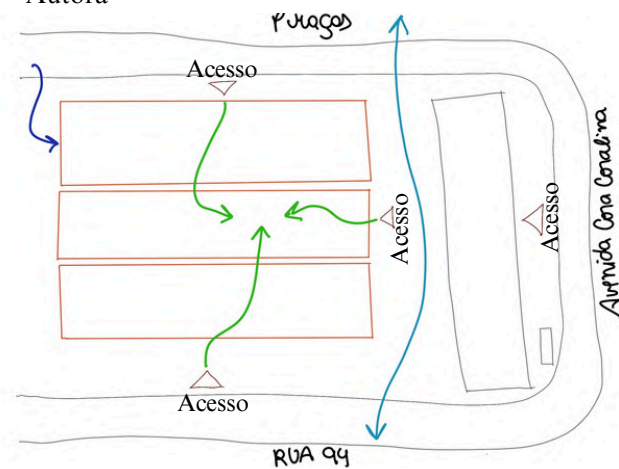


Figura 58 – Estudo de acessos| Fonte:

Autora



O formato e ocupação foram pensados para que a área fosse muito bem utilizada, para que o programa de necessidade fosse completo e detalhado. Para definir os tamanhos, usamos a medida do Instituto, como mostra a figura abaixo, além de lembrar quanto a volumetria, existe um cuidado com o tamanho dos dois e como se relacionam.

Os acessos serão fáceis de entender, além de priorizar o acesso direto para a praça.

Legenda

- Acessos Centro Cultural
- Acesso direto para praça
- Acesso funcionários

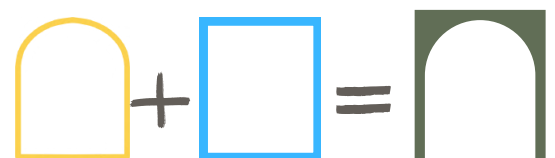
Para a volumetria, foi necessário estudar as formas, cores e materiais do Instituto existente, apesar disso, é importante salientar que o intuito não é fazer uma cópia e sim um novo que tenha conexões singelas com o Instituto Rizzo.

A primeira coisa que é fácil notar: seu formato retangular de casarões coloniais e o uso dos arcos nas janelas e portas.



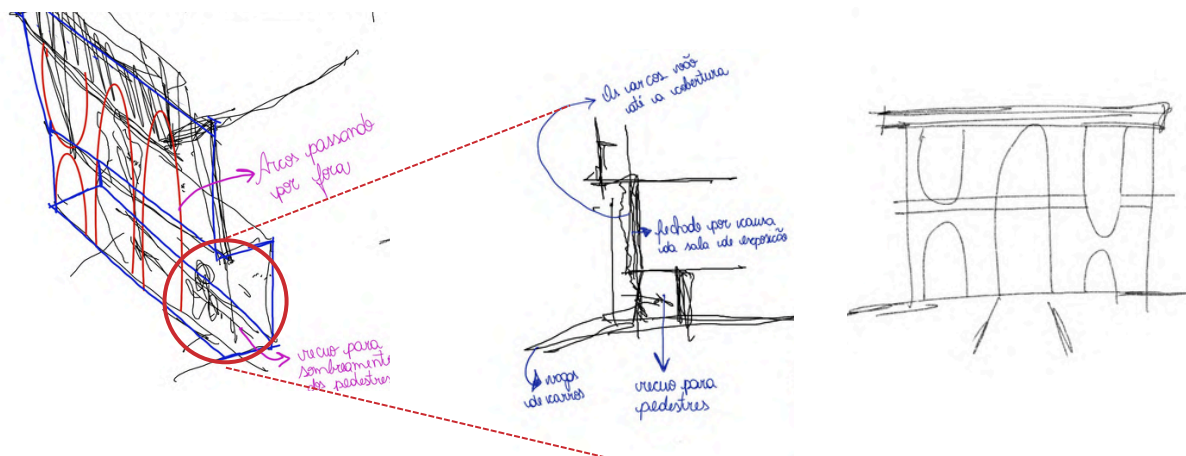
Figura 59 – Fachada Instituto Rizzo |

Fonte: Acervo da autora

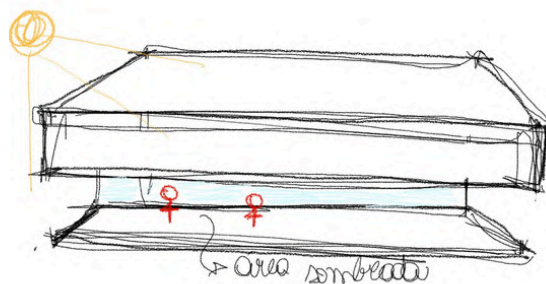


Para criar um atrativo, unimos o arco das esquadrias com o formato da edificação, para brincarmos com as formas e conectar de forma não explícita os dois edifícios.

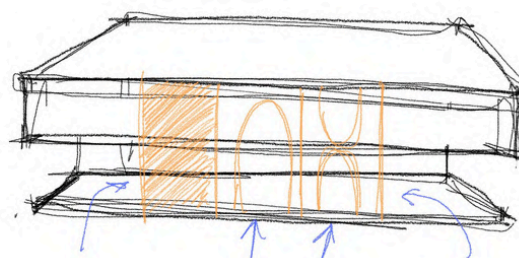
Os primeiros croquis mostram ideias de como usar o arco por fora da edificação como elemento arquitetônico.



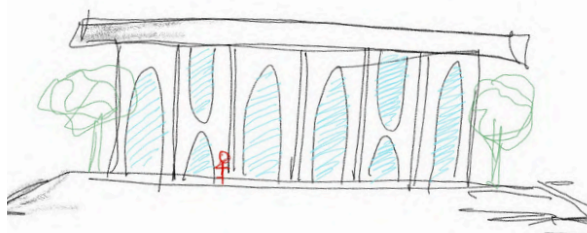
A volumetria começa a ganhar forma, passando do retângulo para o formato geral, unindo os arcos da fachada.



Volumetria ainda sem os arcos, apenas com área coberta para pedestres.



Volumetria com os arcos e começando a entender os acessos.



Volumetria com arcos, iniciando o processo criativo de utilizar alturas diferentes dos arcos.

O formato preza por todos os aspectos estudados, principalmente em como usar a materialidade para criar composições e unidade para o projeto.

4.7.3 Implantação

Insolação

O projeto será inserido no Setor Sul, ao lado do Instituto Rizzo, que também passará por reformas internas. O local não apresenta uma topografia muito significativa para o projeto, não há desafios quanto a implantação topográfica.

A insolação é um fator que deve ser observado com muito cuidado para que a planta seja distribuída a partir destes estudos.

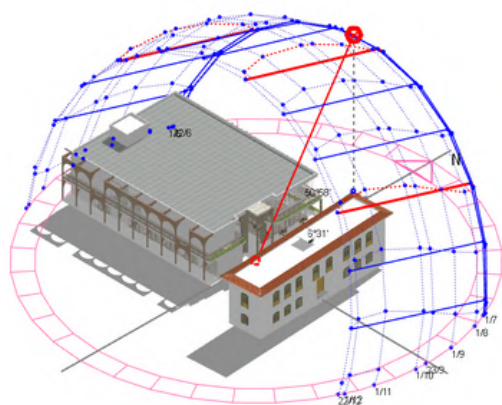


Figura 60 – Outono 5 da manhã |
Fonte: Sketchup

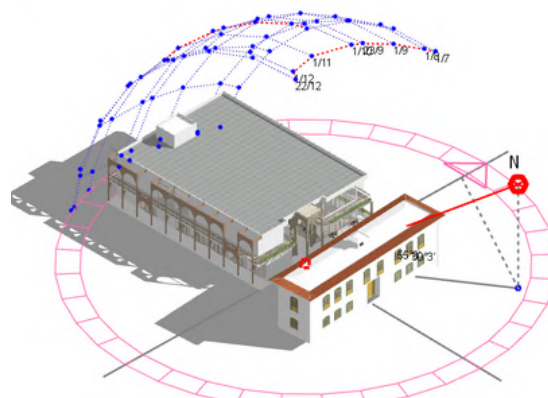


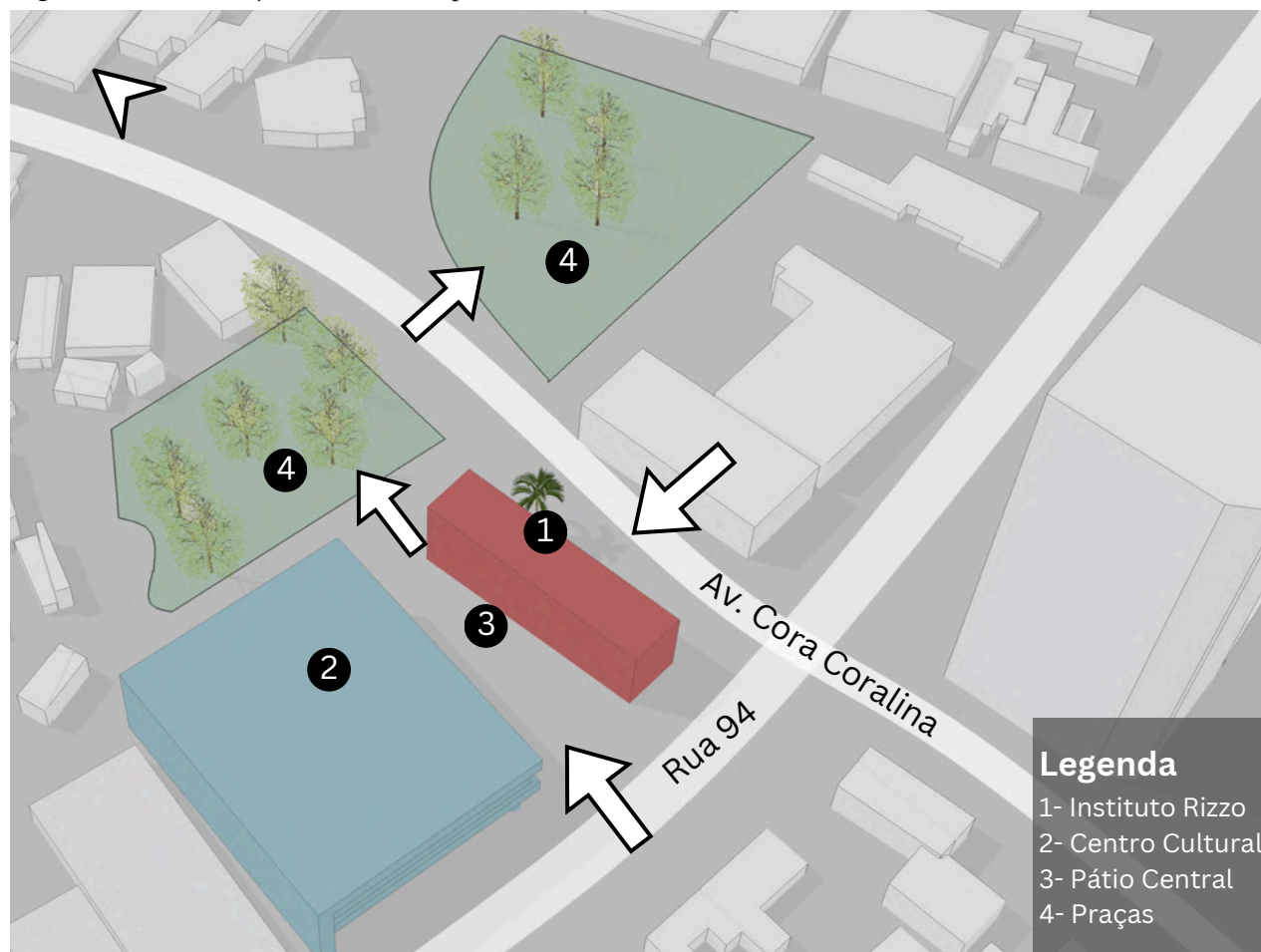
Figura 61 – Inverno meio dia |
Fonte: Sketchup

A fachada norte sofre com insolação direta durante maior parte do ano, por isso, os brises e vegetação será indispensável. Temos que levar em conta que a praça que fica para a fachada norte vai auxiliar bastante durante o ano, criando sombras e deixando o ambiente mais fresco.

Acessos e fluxos

Acessos diretos da Rua 94 e da Avenida Cora Coralina. Trazendo permeabilidade para as praças.

Figura 62 – Acessos | Fonte: Sketchup, edição da autora, 2024



Legenda

- 1- Instituto Rizzo
- 2- Centro Cultural
- 3- Pátio Central
- 4- Praças

4.7.4 Setorização

A planta do Centro Cultural Cerrado Vivo foi setorizada pensando em: acessos e condicionantes climáticos. A parte de serviço terá um acesso próprio, facilitando a

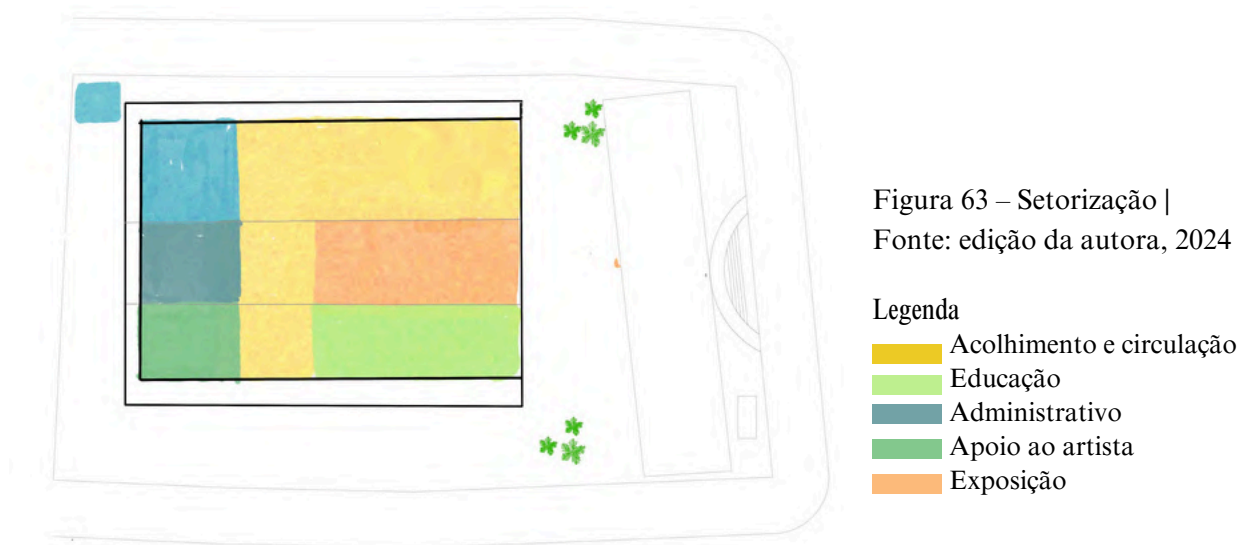
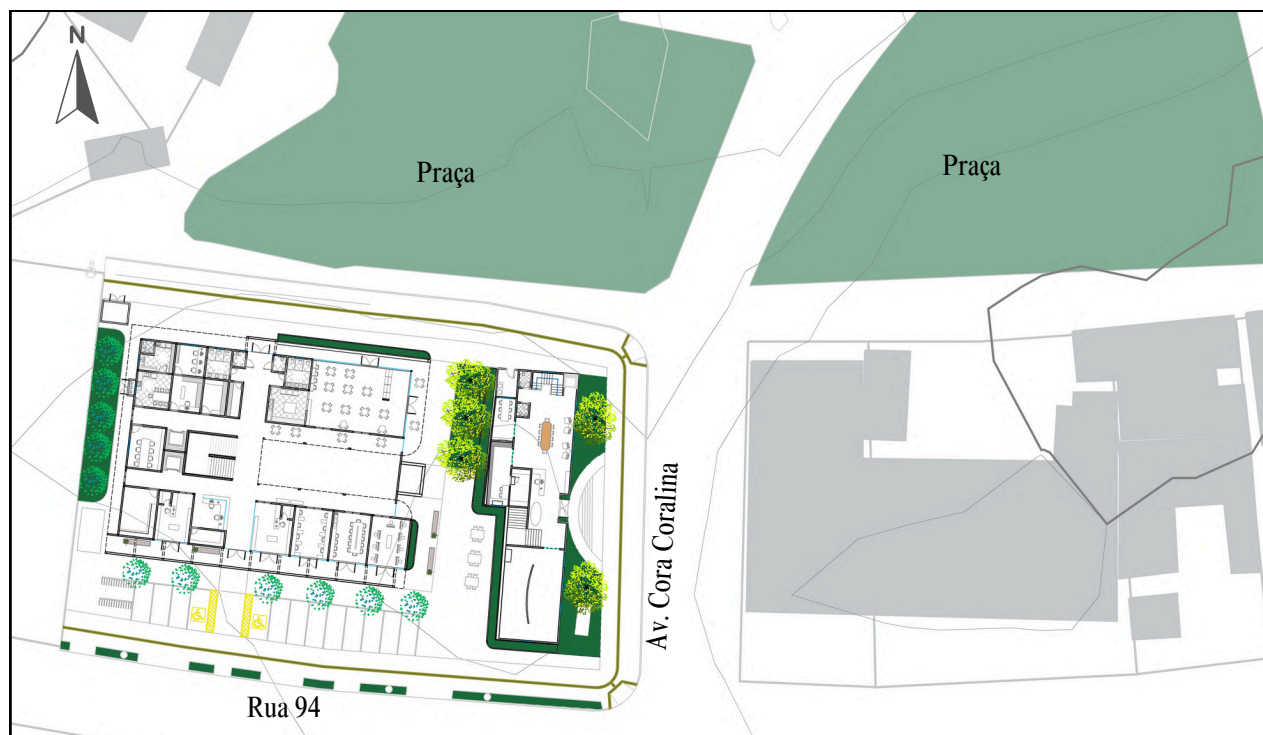


Figura 64 – Implantação sem escala| Fonte: edição da autora, 2024



A partir do conceito de sinergia, a implantação está promovendo a integração harmoniosa entre o edifício, o terreno e o entorno urbano. Localizado em uma área estratégica, o centro cultural dialoga com o contexto local por meio de soluções arquitetônicas que valorizam a acessibilidade, a convivência e a conexão com a paisagem.

O edifício principal está posicionado de forma a aproveitar as condições naturais do terreno, como a orientação solar e os ventos predominantes, garantindo conforto térmico e eficiência energética.



Figura 65 – Planta de situação sem escala| Fonte: edição da autora, 2024

Áreas externas, como os pátios interno e externo, foram planejadas para ampliar o uso do espaço e criar transições fluídas entre o interior e o ambiente urbano.

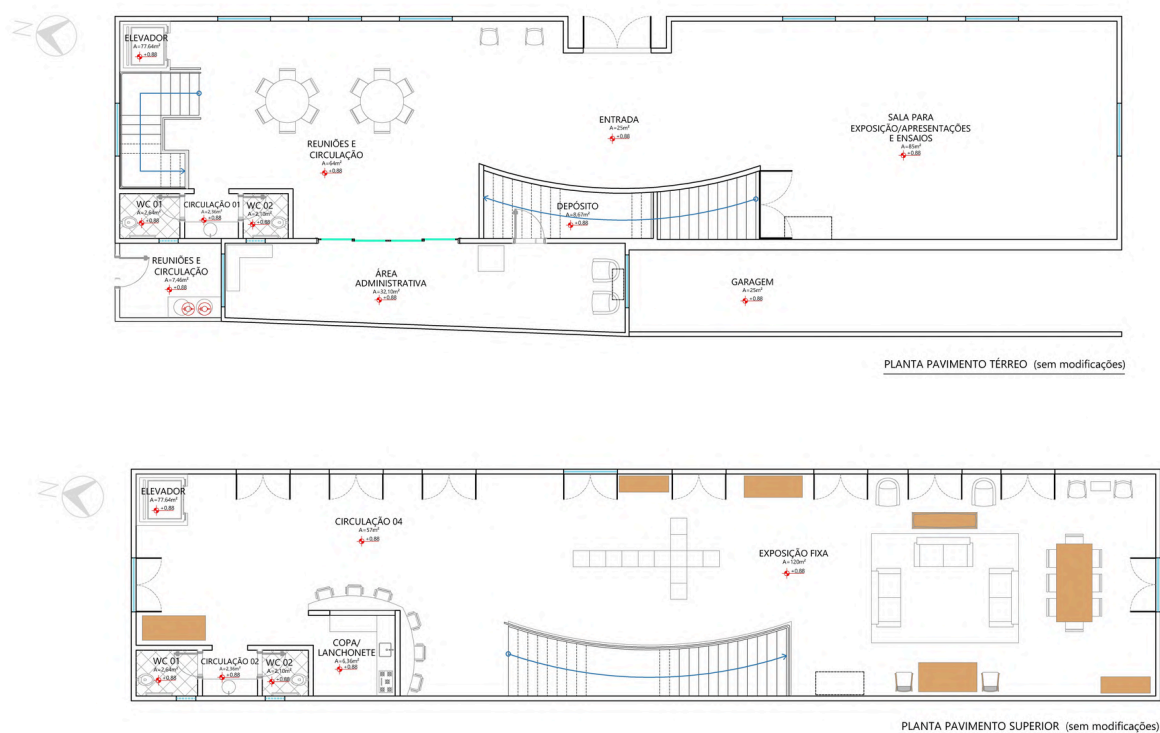
O acesso principal foi pensado para facilitar a circulação de pedestres, com entradas claras e convidativas que se conectam a vias e espaços públicos próximos. Além disso, acessos específicos para carga, descarga e serviços foram estrategicamente posicionados para não interferir nos fluxos dos visitantes.

A organização funcional no terreno divide o espaço em núcleos integrados: área expositiva, ateliês, espaços de convivência, e áreas técnicas. Essa disposição garante a funcionalidade do edifício, reforçando o conceito de sinergia, onde cada elemento contribui para a experiência completa do usuário.

Por fim, a implantação prioriza a preservação de áreas verdes existentes e a utilização de materiais sustentáveis, reforçando o compromisso do projeto com o equilíbrio ambiental e a interação com o entorno.

O Instituto passa por mudanças internas, quanto ao programa de necessidade, adicionando sala de reserva técnica e de exposição, além da mudança da escada.

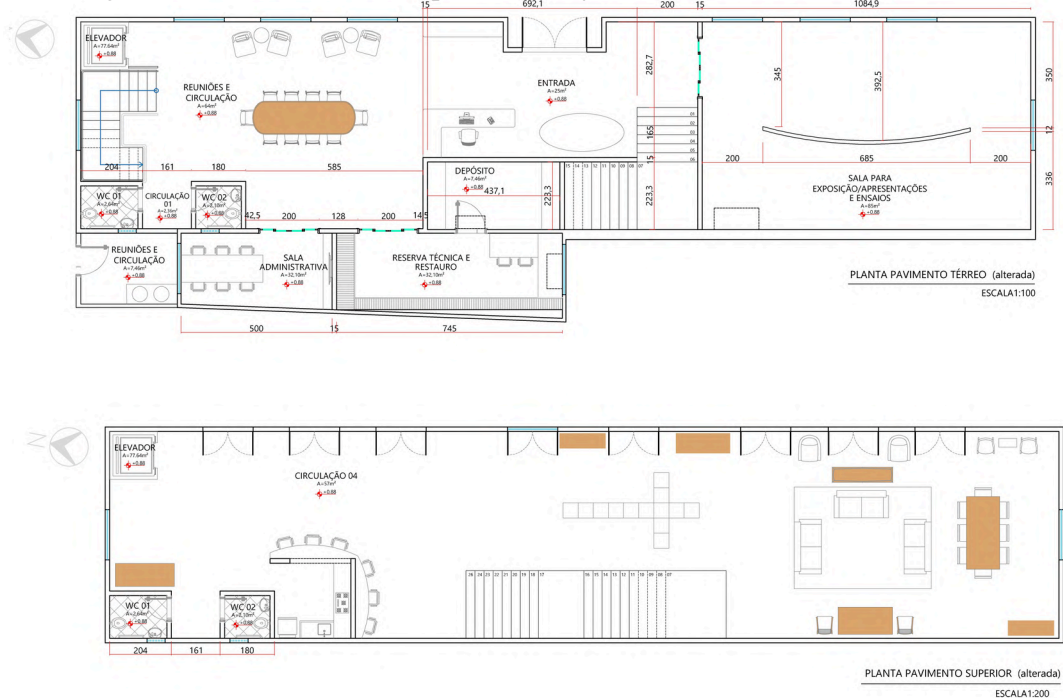
Figura 66 – Planta térreo e superior Rizzo| Fonte: edição da autora, 2024



Acima temos a planta original sem escala, feita a partir do levantamento in loco, podemos ver que a escada possui uma curva, que faz com que ela se afunile muito, além de ter sua entrada fechada e virada para o lado contrário do acesso principal ao edifício. Também foi notado que o banheiro, por conta da cuba e de dois cantos, não é acessível, o que foi mudado, veja na planta abaixo.

Outra alteração que fizemos foi a demolição do muro onde hoje é a garagem, que para criar um maior contato com o Centro Cultural Cerrado Vivo, foi retirado, além disso, a grande parede branca voltado para o Centro Cultural Cerrado Vivo será utilizado para exibições com projetor.

Figura 67 – Planta térreo e superior Rizzo| Fonte: edição da autora, 2024



Materialidade e estrutura

O sistema estrutural adotado no projeto será constituído de concreto armado, devido à sua versatilidade e capacidade de atender às necessidades funcionais e estéticas do edifício. A estrutura será composta por lajes maciças, vigas e pilares, projetados para suportar as cargas e proporcionar flexibilidade nos espaços internos.

As lajes serão responsáveis por distribuir as cargas de uso, enquanto as vigas transferirão esses esforços para os pilares, que, por sua vez, conduzirão as cargas até as fundações. O uso do concreto moldado in loco foi escolhido para permitir maior liberdade formal e integração com a proposta arquitetônica.

Além disso, o dimensionamento da estrutura foi pensado para garantir a durabilidade e atender às normas técnicas vigentes, considerando aspectos como cargas permanentes, cargas acidentais e ações do vento. O sistema estrutural complementa o conceito do projeto, que valoriza o equilíbrio entre funcionalidade, segurança e estética.



Figura 68 – Estrutura |
Fonte: Sthai engenharia



Figura 69 – Estrutura |
Fonte: concreto mônico



Figura 71 – Estrutura |
Fonte: Sienge

Com a adoção de lajes impermeabilizadas no lugar de uma cobertura convencional. Essa solução foi escolhida para otimizar o uso do espaço superior, permitindo a integração de áreas acessíveis ou técnicas, além de reforçar a durabilidade contra infiltrações e agentes climáticos. As lajes foram dimensionadas para suportar não apenas as cargas permanentes e acidentais, mas também os sistemas de impermeabilização e drenagem, essenciais para garantir o desempenho técnico e a preservação da estrutura ao longo do tempo. Essa escolha contribui para a funcionalidade e para a estética do edifício, promovendo um design integrado e eficiente.

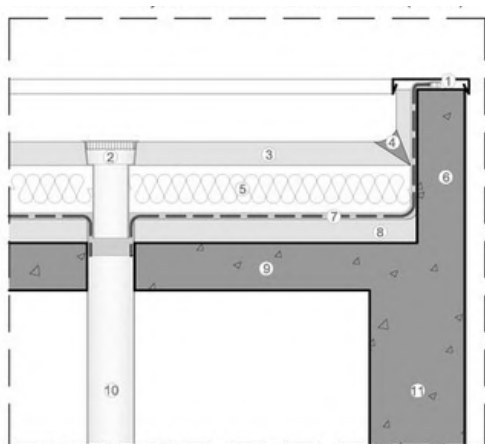


Figura 72 – Laje | Fonte: Clarearquitectura



Figura 73 – Laje | Fonte: Clarearquitectura

O projeto busca aliar funcionalidade, estética e sustentabilidade por meio da escolha criteriosa de materiais. A composição segue um conceito integrado que valoriza elementos naturais e industriais, criando um diálogo entre tradição e modernidade:

- **Aço e ACM:** Utilizados nos brises verticais, esses materiais oferecem controle de luz e ventilação, além de criar um efeito visual contemporâneo e elegante.
- **Pedra natural:** Aplicada nas paredes externas, remete à identidade local, em especial à composição histórica do Instituto Rizzo, reforçando a conexão com o entorno.
- **Piso externo:** Feito com pedras naturais em mosaico, proporciona durabilidade, resistência às intempéries e um acabamento texturizado, ideal para áreas de circulação intensa.
- **Piso geral:** Revestido com porcelanato de tons neutros, garante praticidade na manutenção e um visual clean para os ambientes internos.
- **Pintura verde:** Aplicada estrategicamente em paredes internas ou externas, contribui para a atmosfera de frescor e aproximação com a vegetação nativa do Cerrado.
- **Cimento queimado bege:** Utilizado em algumas superfícies internas, proporciona um toque rústico e ao mesmo tempo acolhedor, harmonizando com os outros elementos da composição.

Essa combinação de materiais traduz o conceito do projeto, promovendo uma integração estética com o contexto urbano e natural, além de atender às exigências técnicas e funcionais.



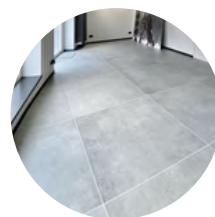
Aço e ACM: brises verticais



Pedra natural nas paredes, iguais as do Instituto Rizzo



Piso externo



Piso geral

Vegetação que será utilizada no paisagismo:

<i>Vegetação</i>	<i>Descrição</i>
Ipê (Tabebuia sp.)	Árvore nativa de grande porte, com floração ornamental amarela, roxa ou rosa.
Ipê-mirim (Tecoma stans)	Ipê-mirim (Tecoma stans)
Gramma esmeralda (Zoysia japonica)	Gramado de baixa manutenção, ideal para áreas de alto tráfego e ornamentação.
Jibóia (Epipremnum aureum)	Planta trepadeira de fácil manejo, ideal para vasos suspensos ou paredes verdes.
Primavera (Bougainvillea sp.)	Trepadeira ornamental para cobertura de muros, com flores coloridas e vibrantes.

5 VOLUMETRIA E IMAGENS INTERNAS

5.1 Instituto Rizzo

Imagens com as mudanças da parte interna do edifício:



Figura 74 – Recepção| Fonte: Autora



Figura 75 – Entrada para a sala de exposição| Fonte: Autora

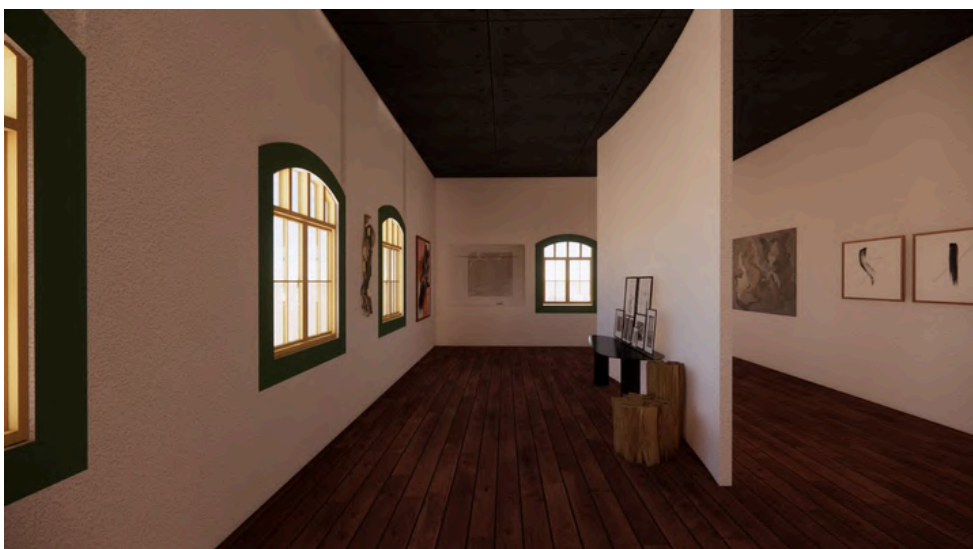


Figura 76 – Sala de exposição| Fonte: Autora

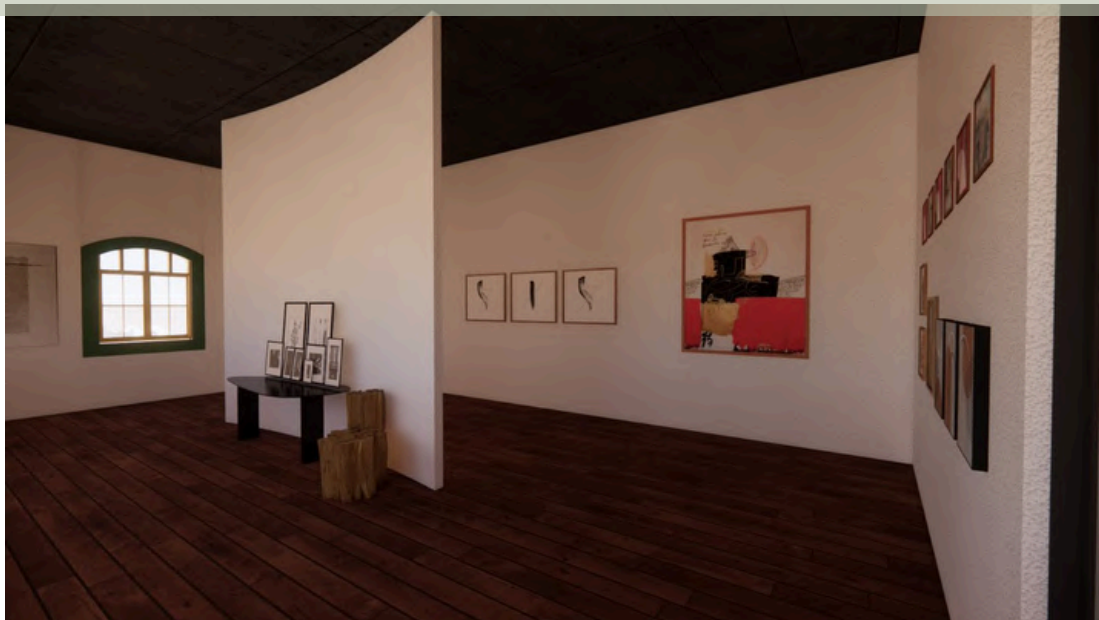


Figura 77 – Sala de exposição| Fonte: Autora



Figura 78– Recepção| Fonte: Autora



Figura 79 – Nova pintura e mobiliário| Fonte: Autora



Figura 80 – entrada banheiros| Fonte: Autora



Figura 81 – pav. superior, com novos revestimentos e pintura| Fonte: Autora



Figura 82 – pav. superior, com novos revestimentos e pintura| Fonte: Autora

5.2 Comunicação entre os dois edifícios



Figura 83 – Fachada do Instituto Rizzo com novas árvores | Fonte: Autora



Figura 84 – Fachada do Instituto Rizzo com novas árvores | Fonte: Autora



Figura 85 – Fachadas Sul | Fonte: Autora



Figura 86 – Circulação entre os dois edifícios| Fonte: Autora

5.3 Centro Cultural Cerrado Vivo



Figura 89 – Fachada Sul | Fonte: Autora



Figura 90 – Fachada Sul | Fonte: Autora



Figura 91 – Fachada Sul | Fonte: Autora



Figura 92 – Fachada Oeste | Fonte: Autora



Figura 93 – Fachada Norte | Fonte: Autora



Figura 94 – Brises | Fonte: Autora



Figura 95 – Fachada Leste | Fonte: Autora



Figura 96 – Café Cultural | Fonte: Autora



Figura 97 – Fachada Leste | Fonte: Autora



Figura 98 – Pátio interno | Fonte: Autora



Figura 99 – Pátio interno | Fonte: Autora



Figura 100 – Arcos fachada norte | Fonte: Autora



Figura 101 – Pátio externo | Fonte: Autora



Figura 102 – Arcos fachada norte e Leste | Fonte: Autora

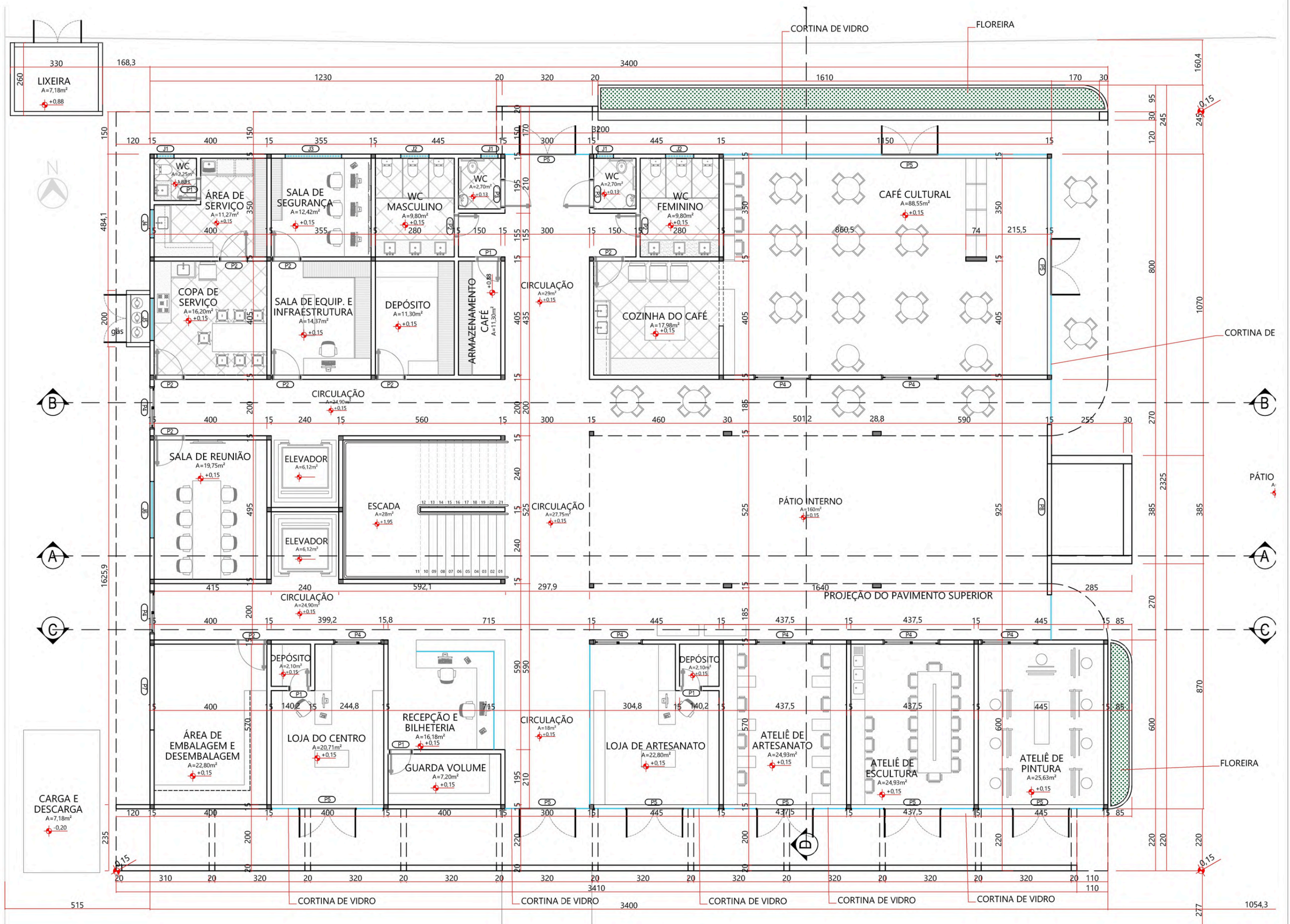
6 PROJETO



PLANTA DE IMPLANTAÇÃO

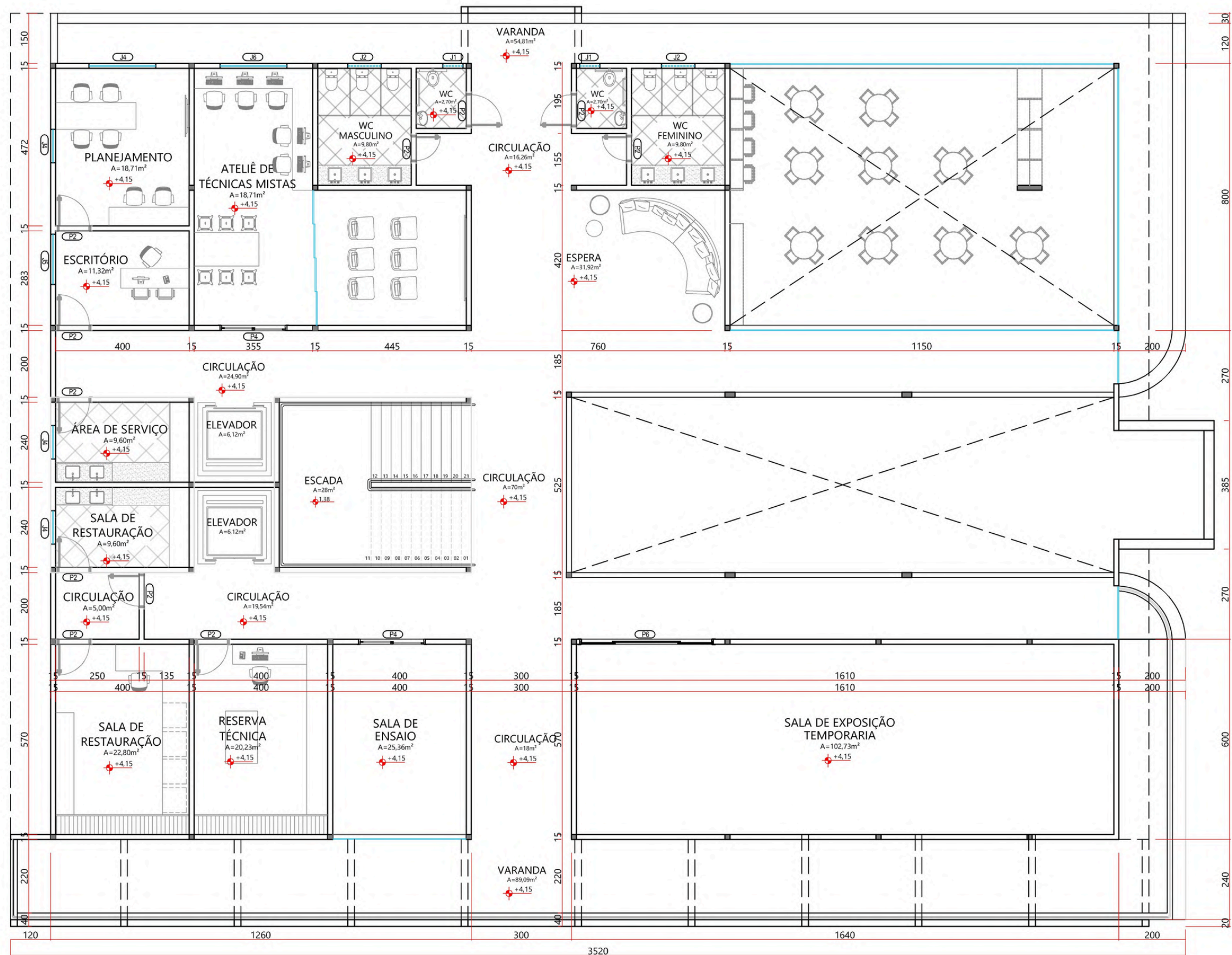
ESCALA 1:500

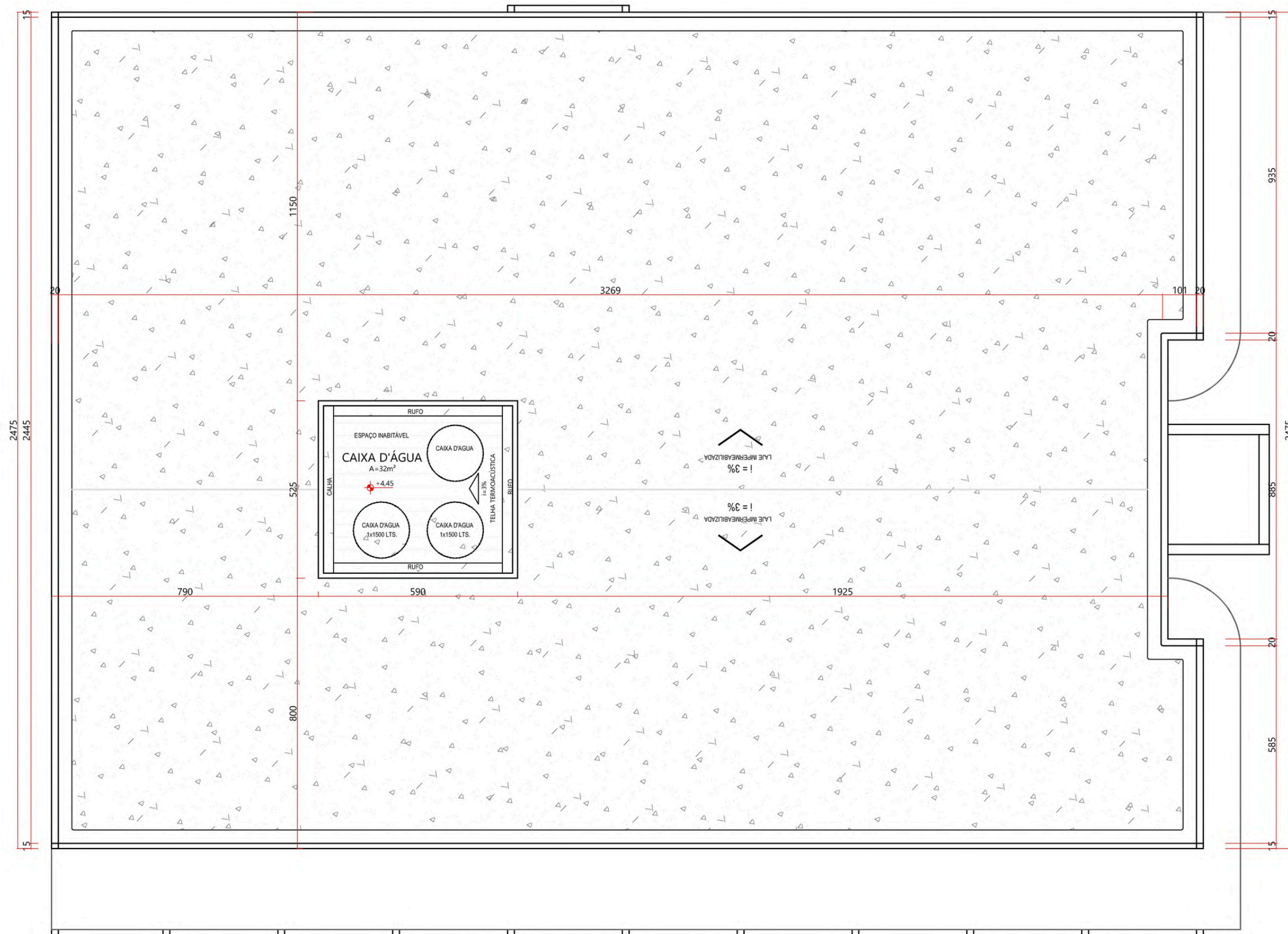




PLANTA PAVIMENTO TERREO

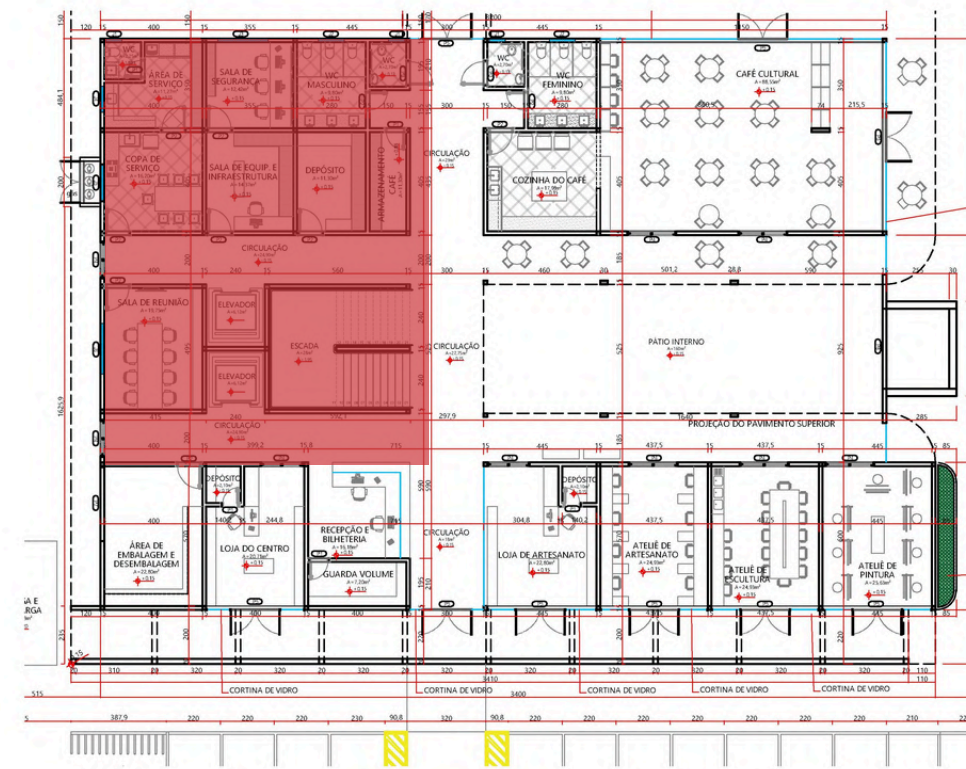
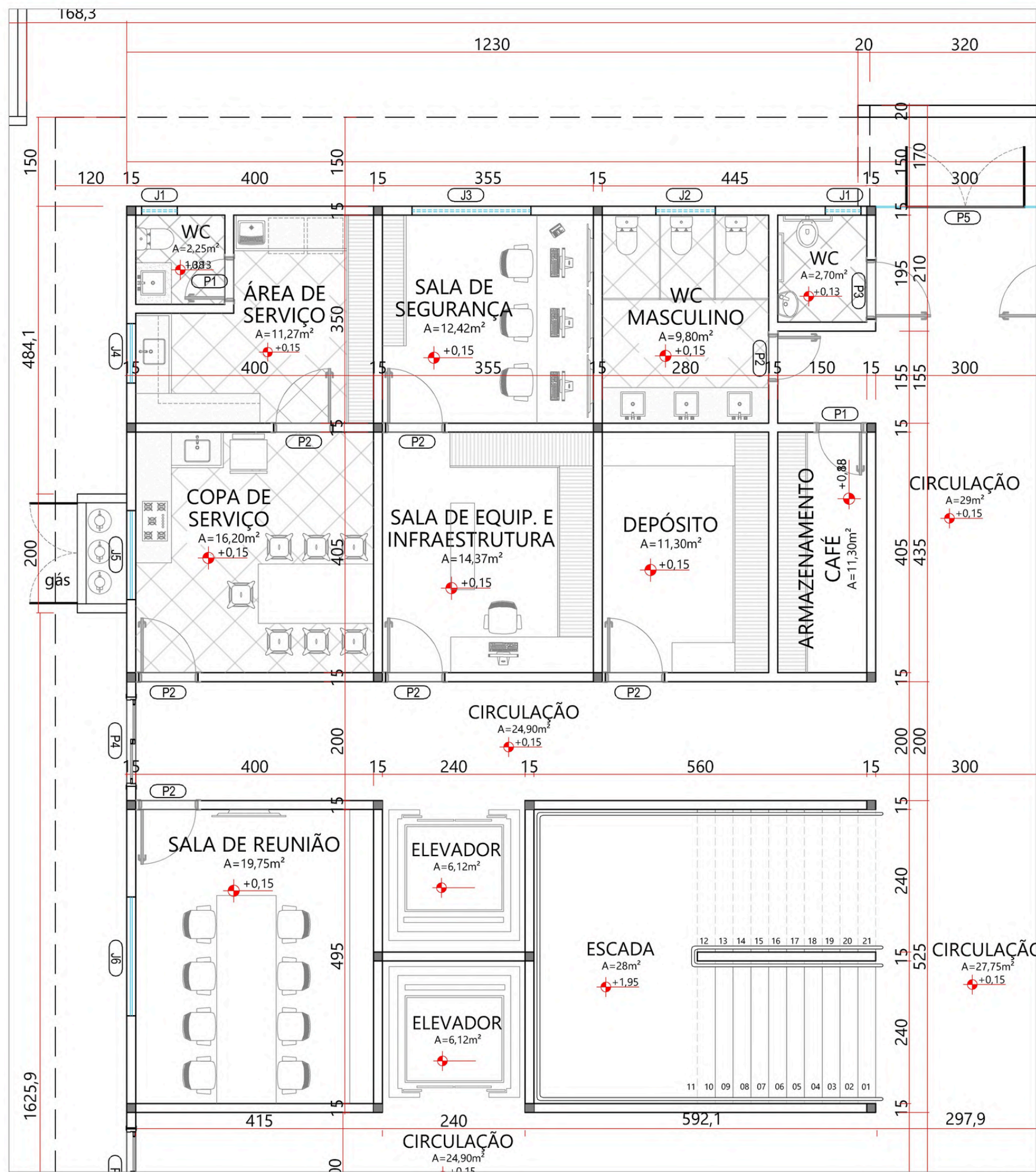
ESCALA 1:125





PLANTA DE COBERTURA

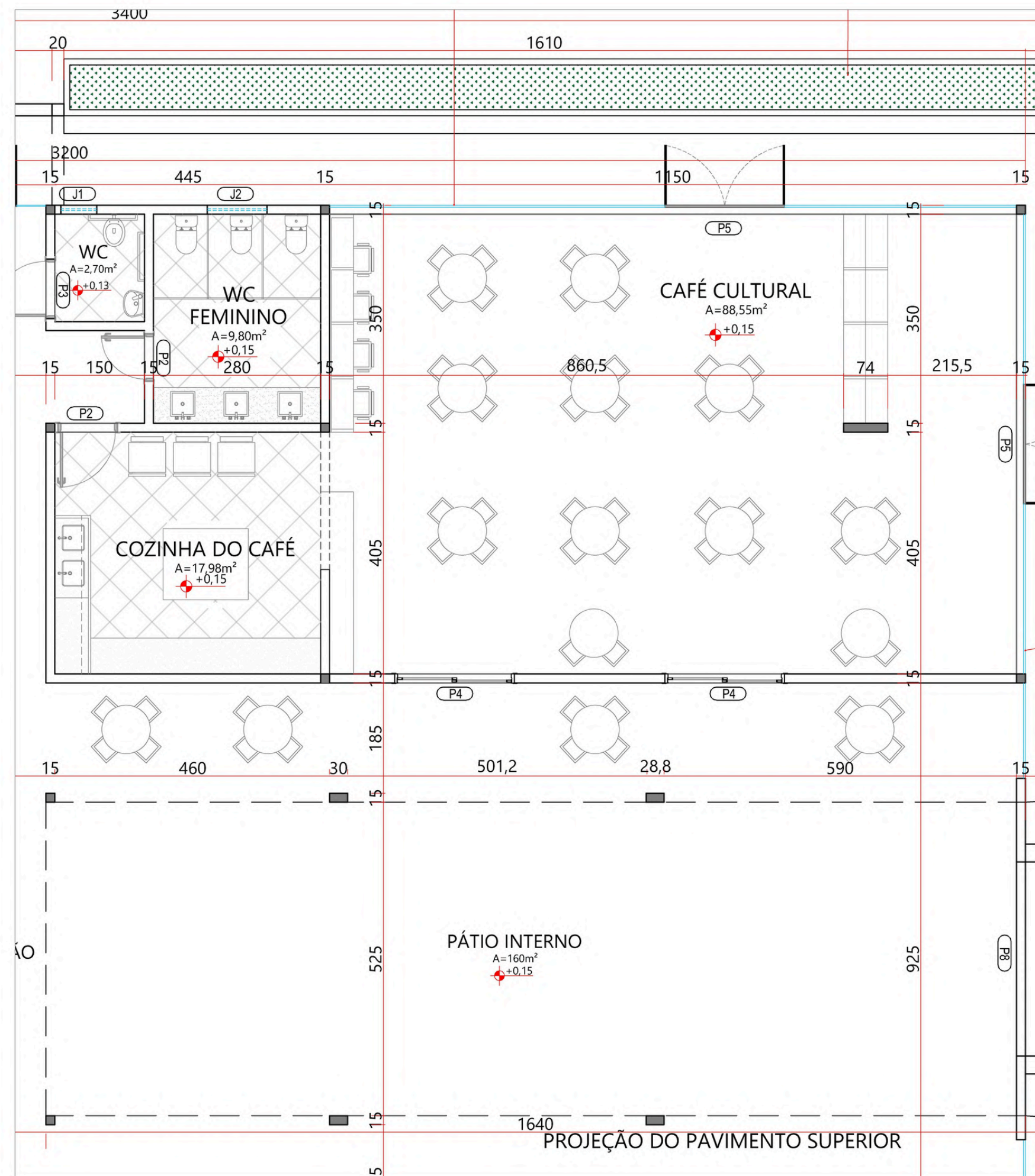
ESCALA 1:125



QUADRO DE ABERTURAS

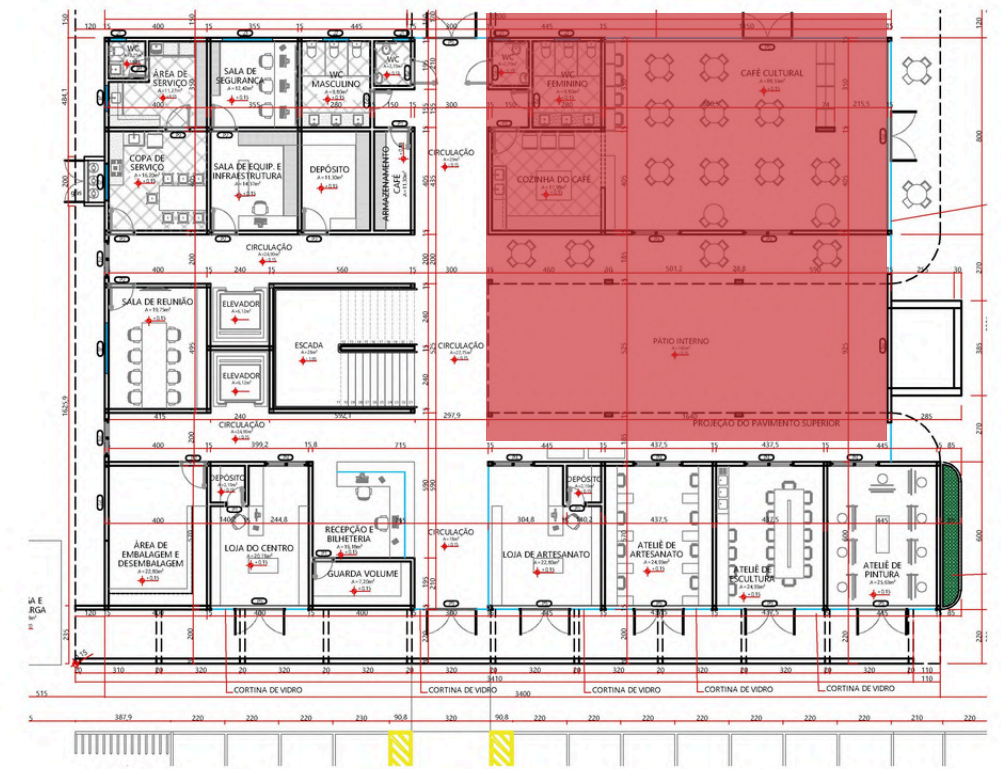
JANELAS						
ESQ.	LARGURA	ALTURA	PEITORIL	DESCRIÇÃO	AMBIENTE	QTDE.
J1	0,60	0,40	2,20	Janela basculante máximo ar de vidro e alumínio marrom	Wc serviço, Wc PCD	05
J2	1,00	0,40	2,20	Janela basculante máximo ar de vidro e alumínio marrom	Wc feminino e masculino	04
J3	2,00	0,40	2,20	Janela basculante máximo ar de vidro e alumínio marrom	Sala de segurança e monitoramento	01
J4	1,00	1,20	1,50	Janela de correr 2 folhas de vidro e alumínio marrom	Área de serviço e sala de restauração	04
J5	1,50	1,20	1,50	Janela de correr 2 folhas de vidro e alumínio marrom	Copa e escritório	02
J6	2,00	1,20	1,50	Janela de correr 2 folhas de vidro e alumínio marrom	Sala de reunião	01

PORTAS				
ESQ.	LARGURA	ALTURA	DESCRIÇÃO	QTDE.
P1	0,80	2,10	Porta de madeira de abrir 1 folha	05
P2	1,00	2,10	Porta de madeira de abrir 1 folha	19
P3	1,00	2,10	Porta PCD de madeira	04
P4	2,00	2,98	Porta de alumínio marrom e vidro de correr 2 folhas	09
P5	2,00	2,98	Porta de alumínio marrom e vidro de abrir 2 folhas	09
P6	4,00	2,98	Porta de alumínio marrom e vidro de correr 4 folhas	01
P7	3,00	2,98	Porta de aço de enrolar automática	01
P8	3,85	8,00	Porta de aço de enrolar automática	01



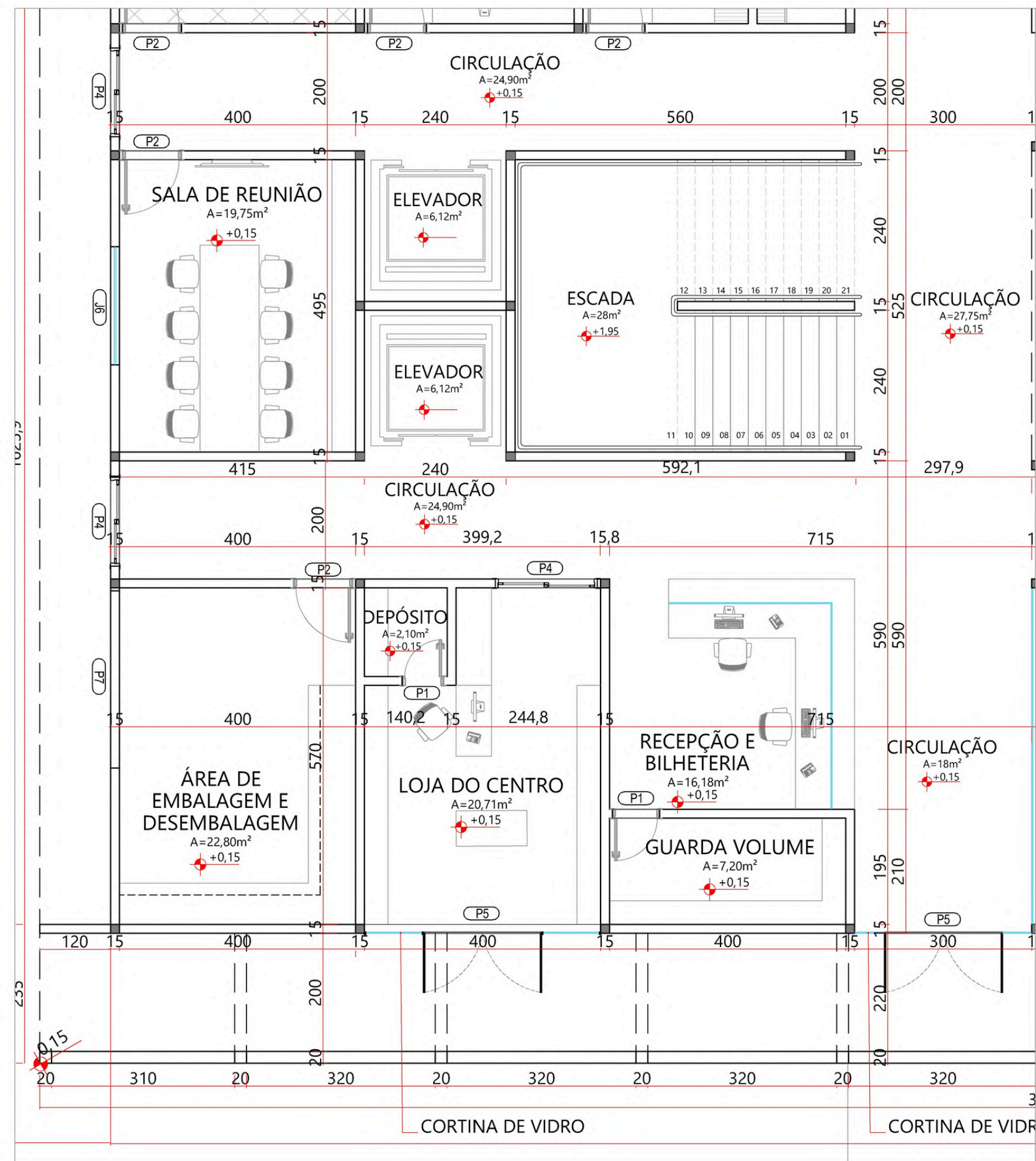
PLANTA PAVIMENTO TÉRREO

ESCALA 1:75



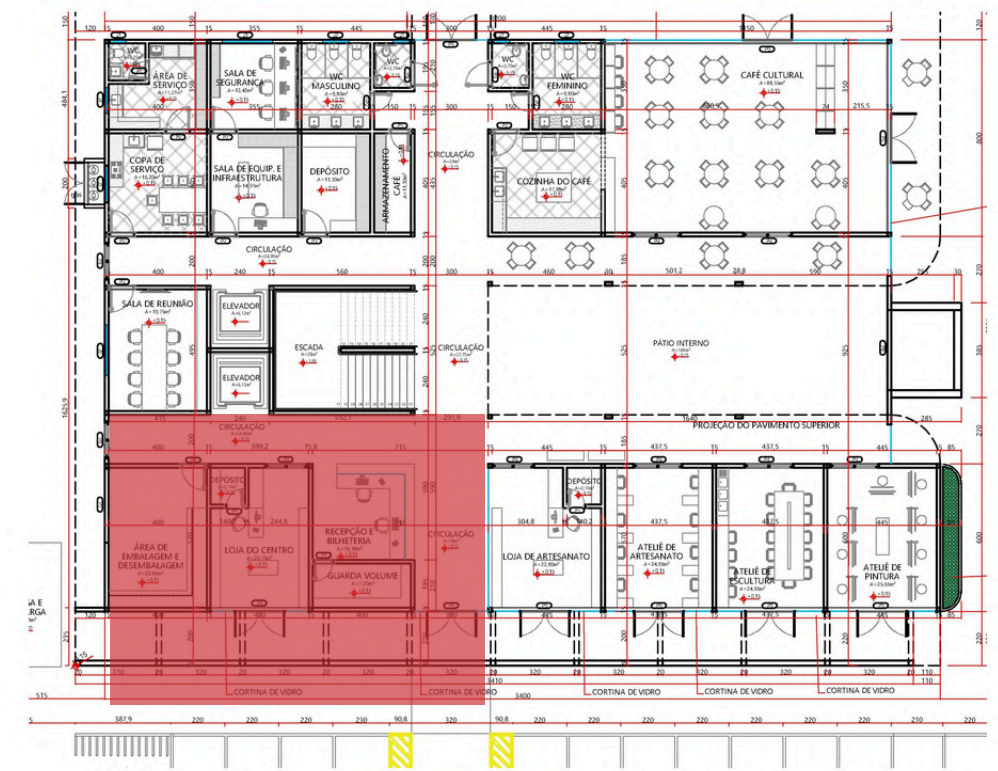
PLANTA CHAVE

SEM ESCALA



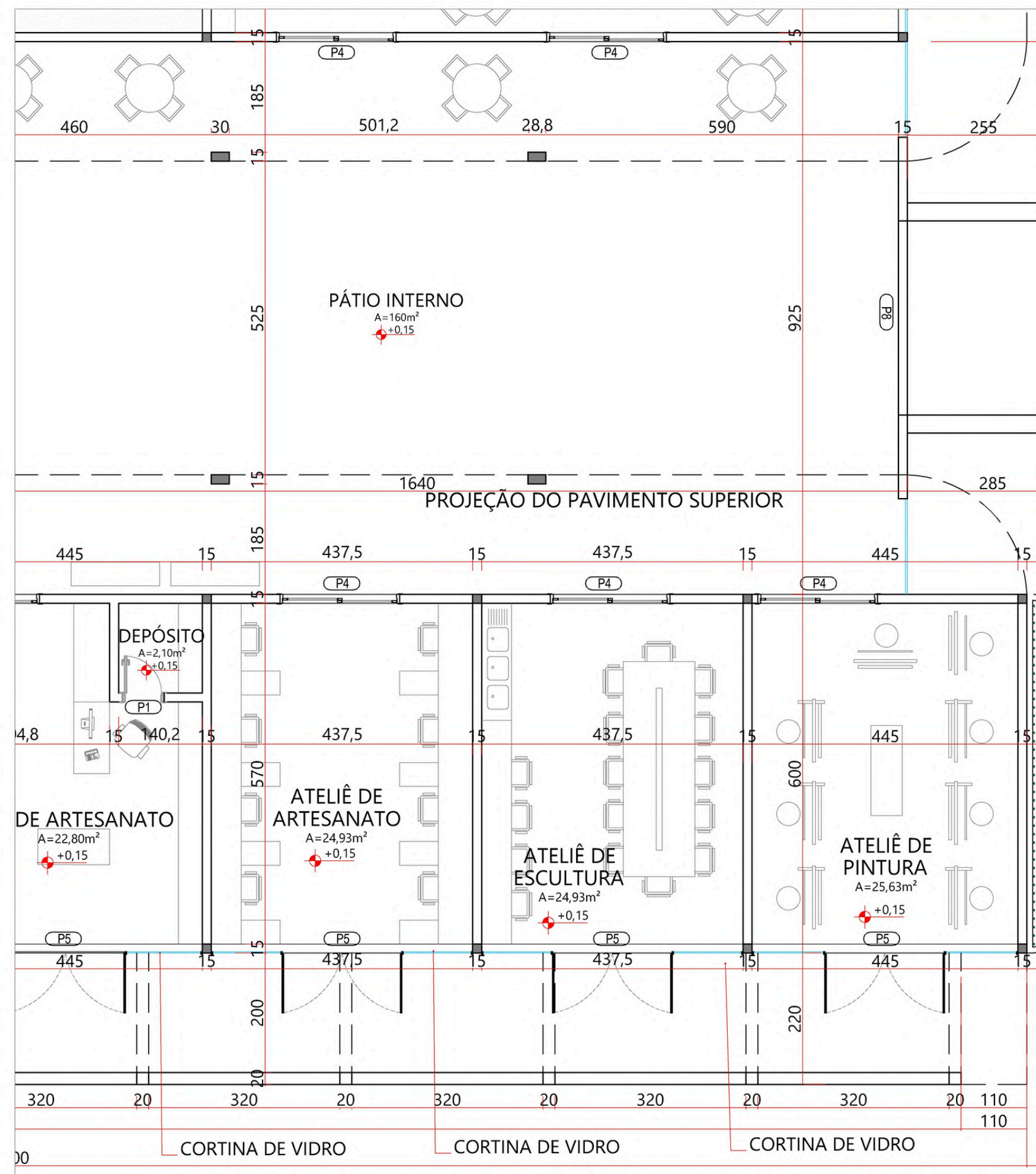
PLANTA PAVIMENTO TÉRREO

ESCALA 1:75



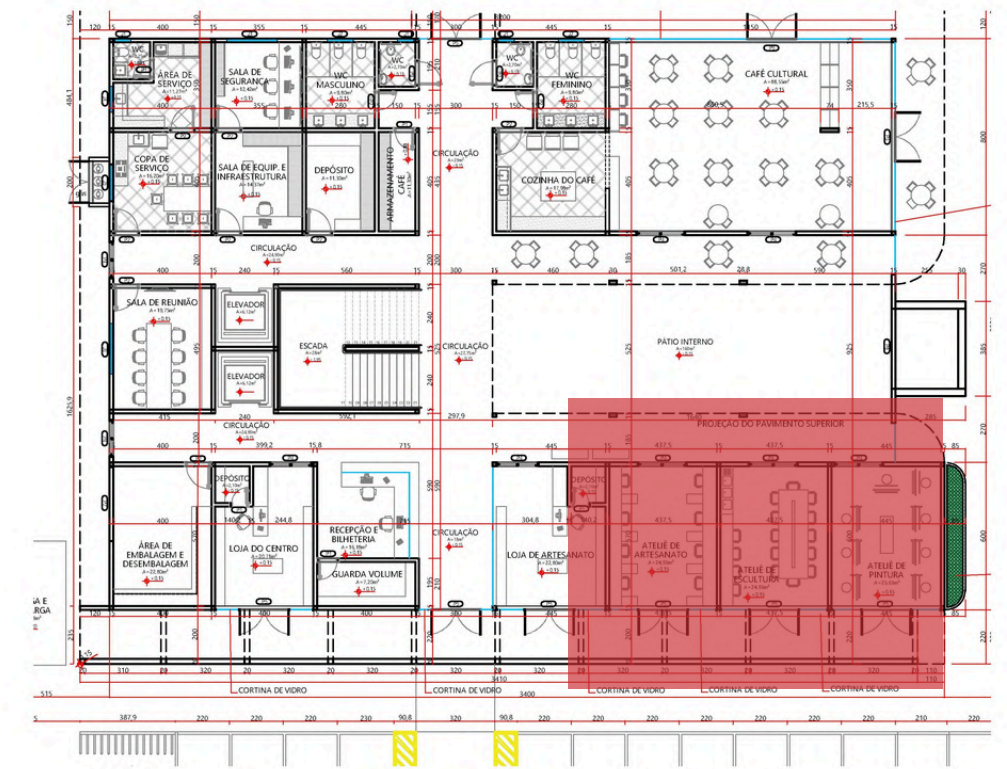
PLANTA CHAVE

SEM ESCALA



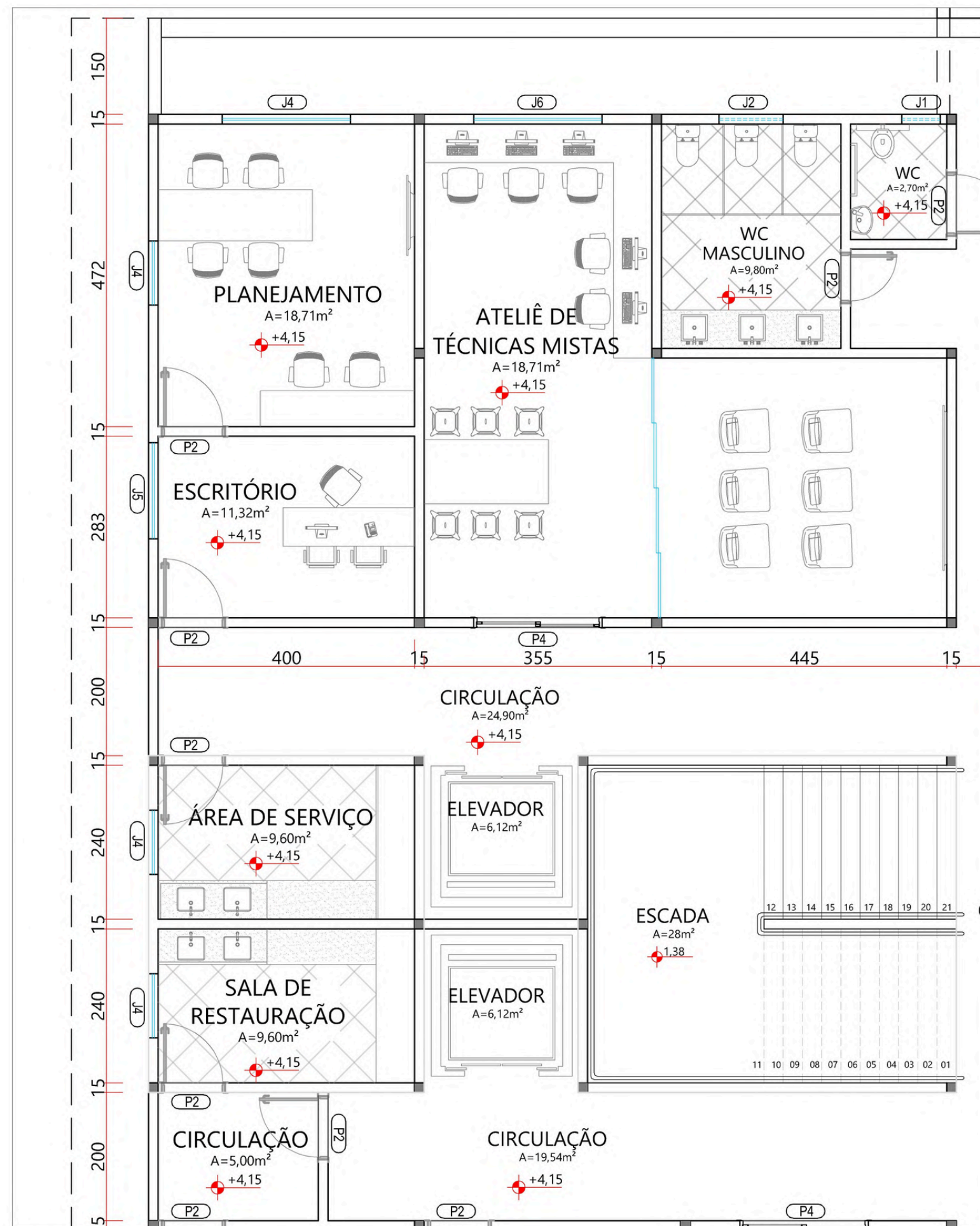
PLANTA PAVIMENTO TÉRREO

ESCALA 1:75



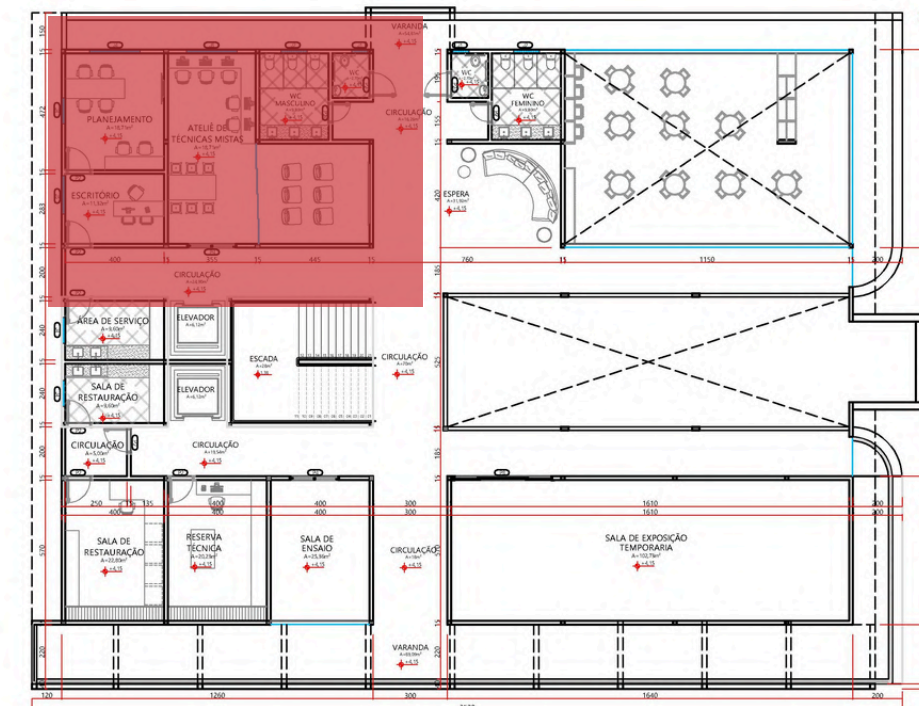
PLANTA CHAVE

SEM ESCALA



PLANTA PAVIMENTO SUPERIOR

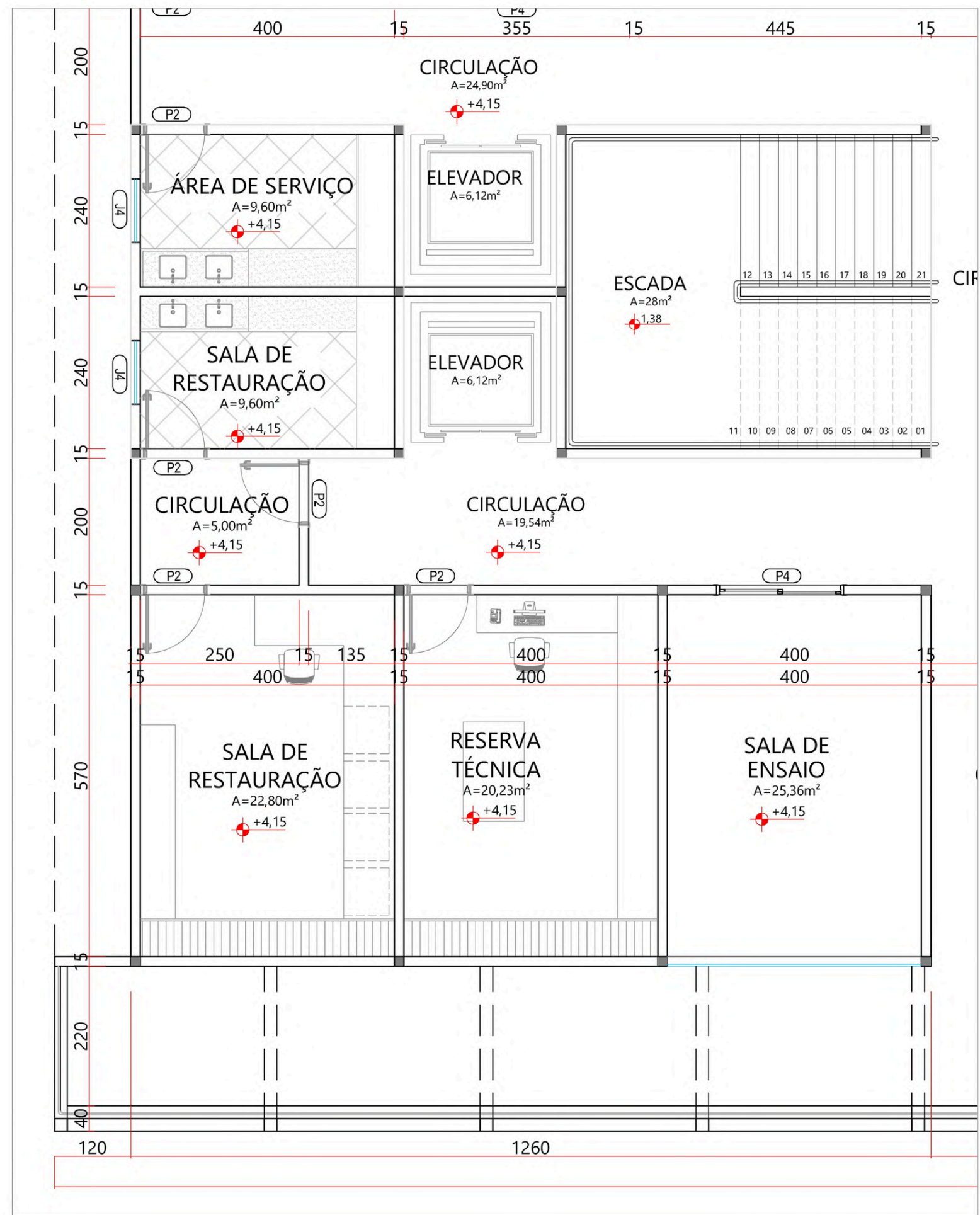
ESCALA 1:75



PLANTA PAVIMENTO SUPERIOR

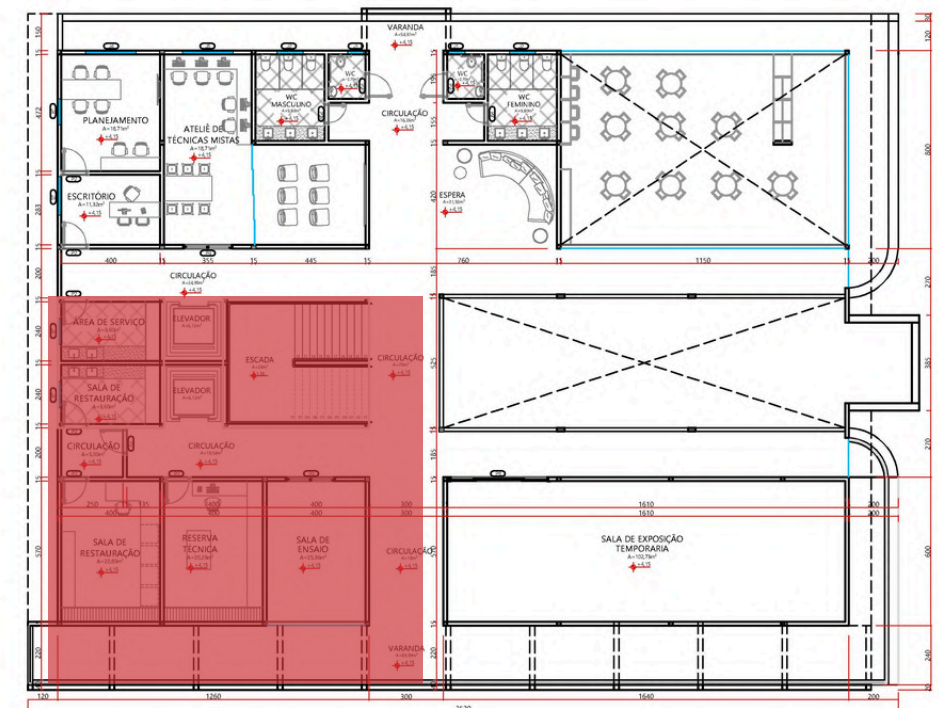
PLANTA CHAVE

SEM ESCALA



PLANTA PAVIMENTO SUPERIOR

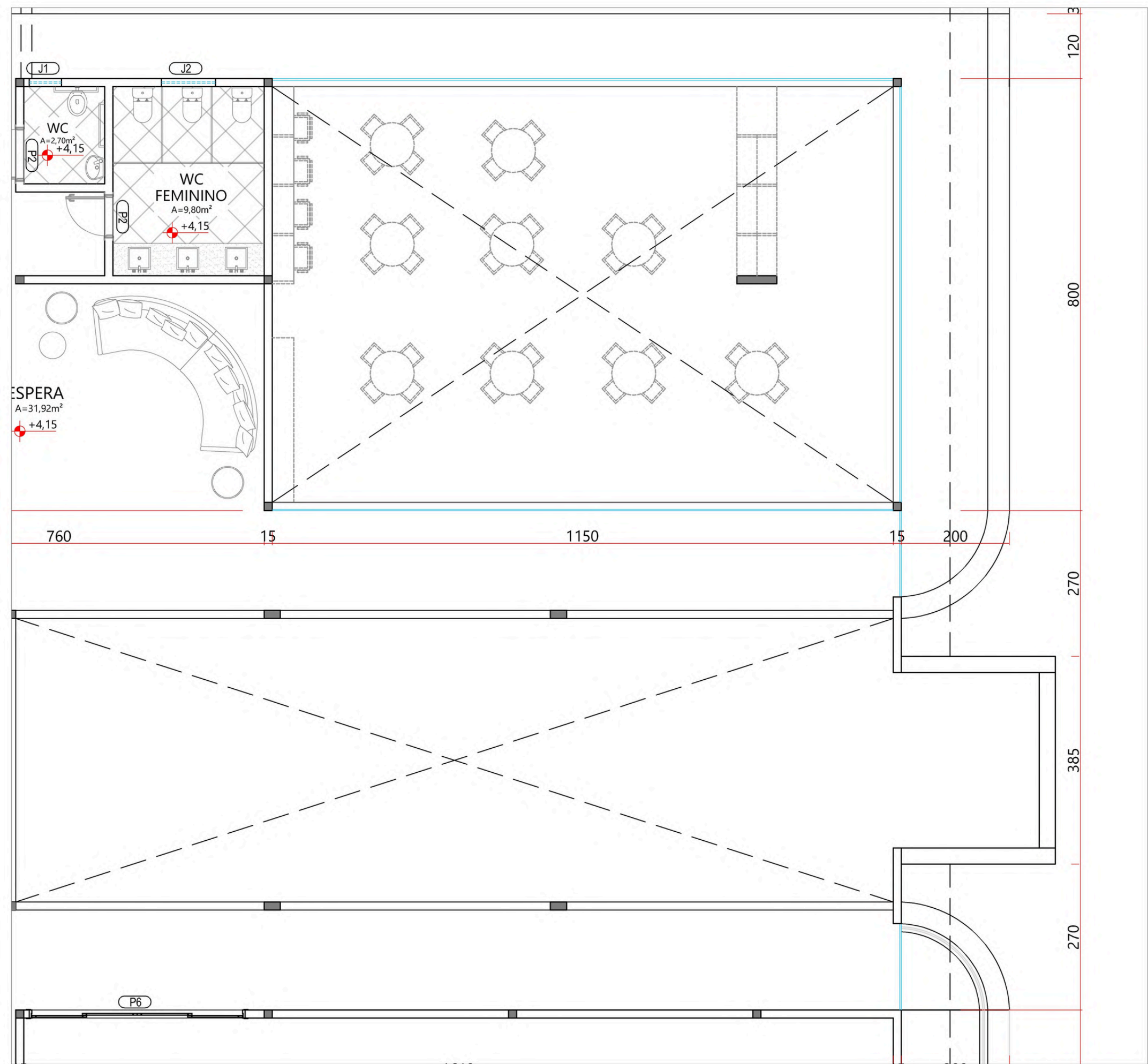
ESCALA 1:75



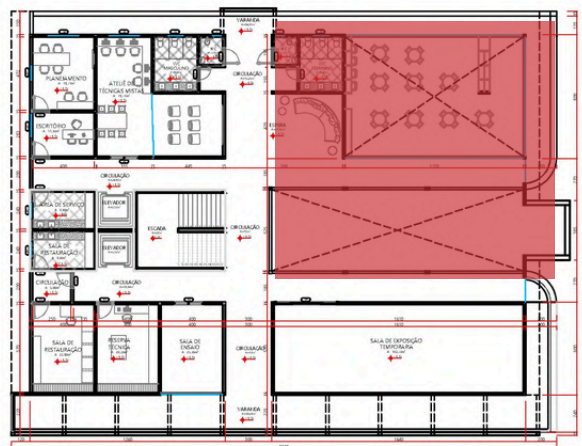
PLANTA PAVIMENTO SUPERIOR

PLANTA CHAVE

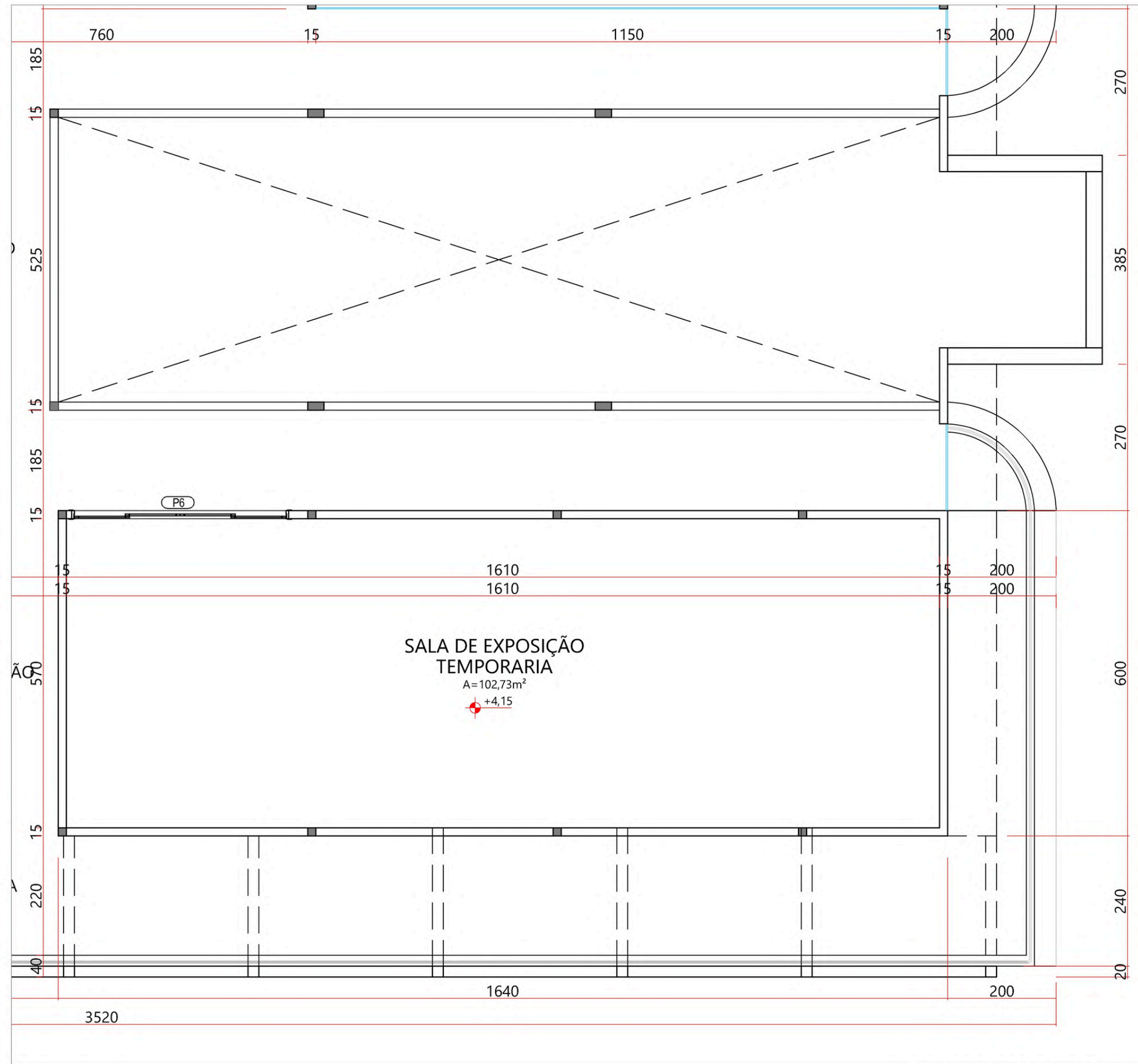
SEM ESCALA



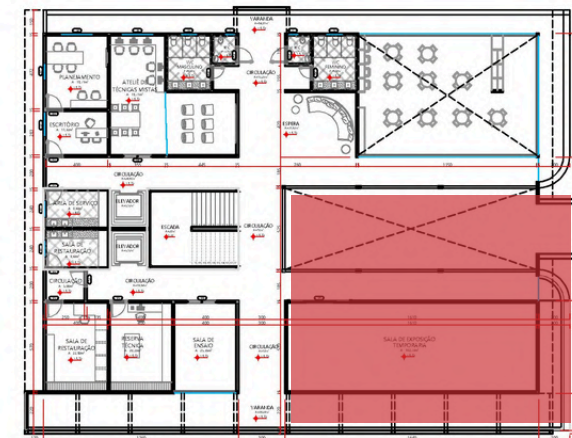
PLANTA PAVIMENTO SUPERIOR
ESCALA 1:75



PLANTA PAVIMENTO SUPERIOR
ESCALA 1:125
PLANTA CHAVE
SEM ESCALA

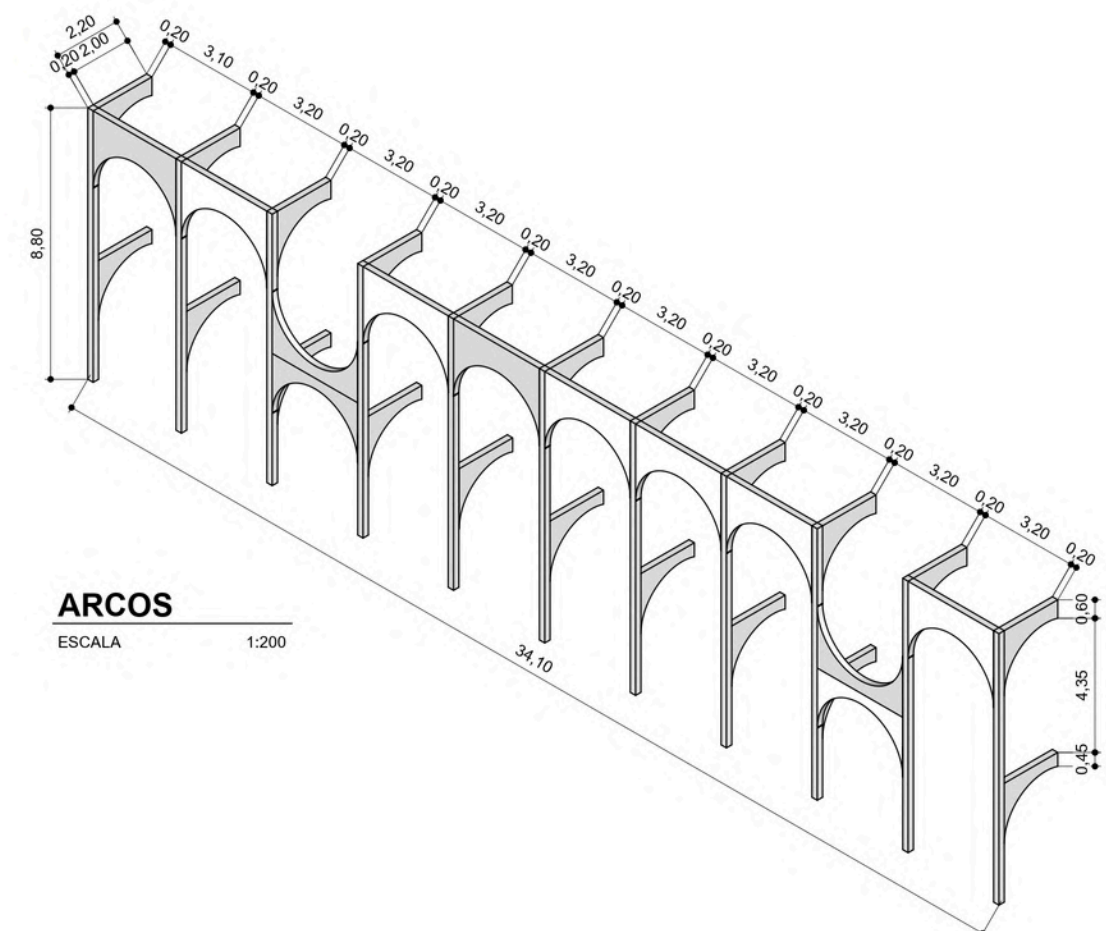
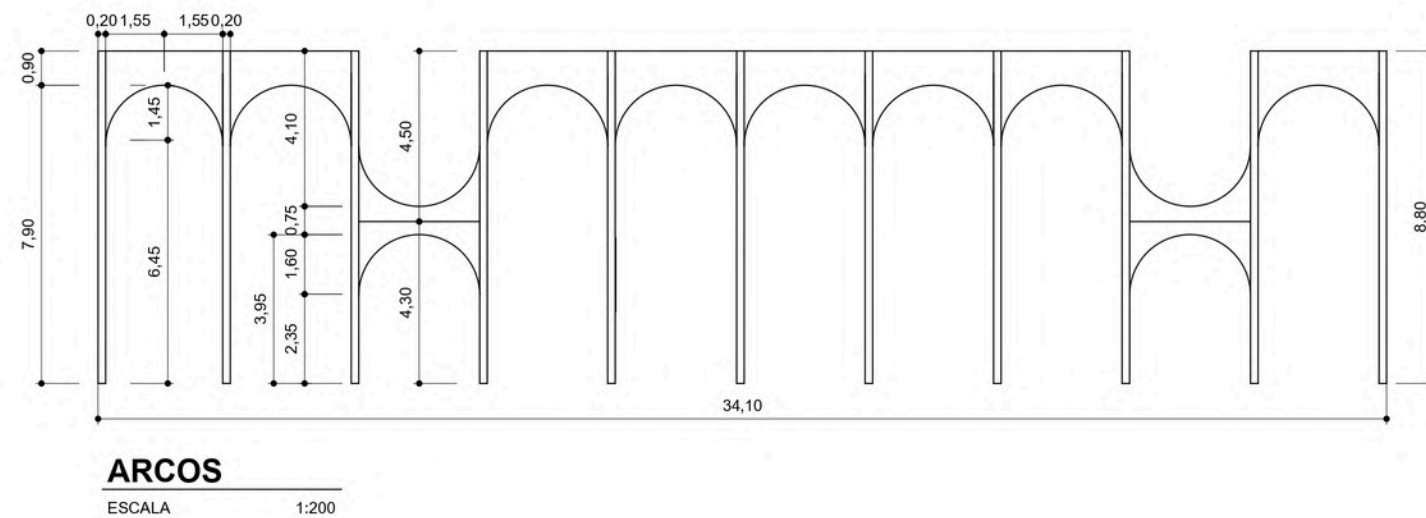
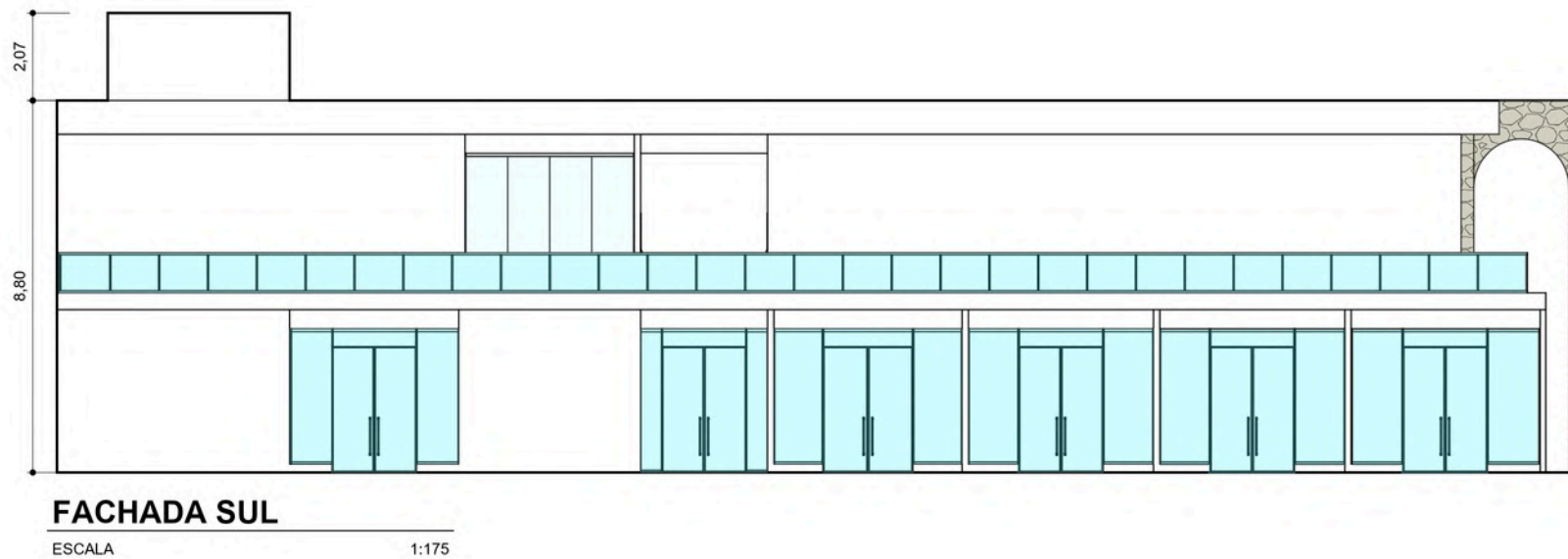
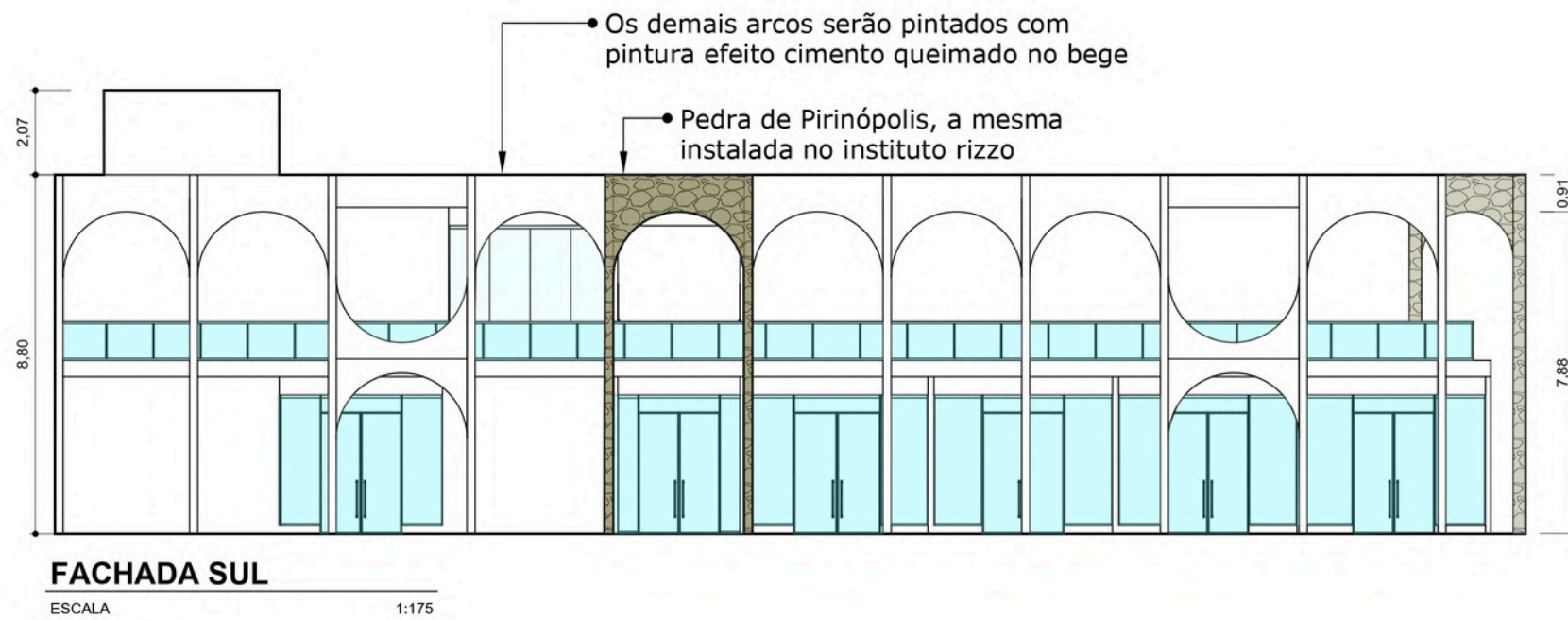


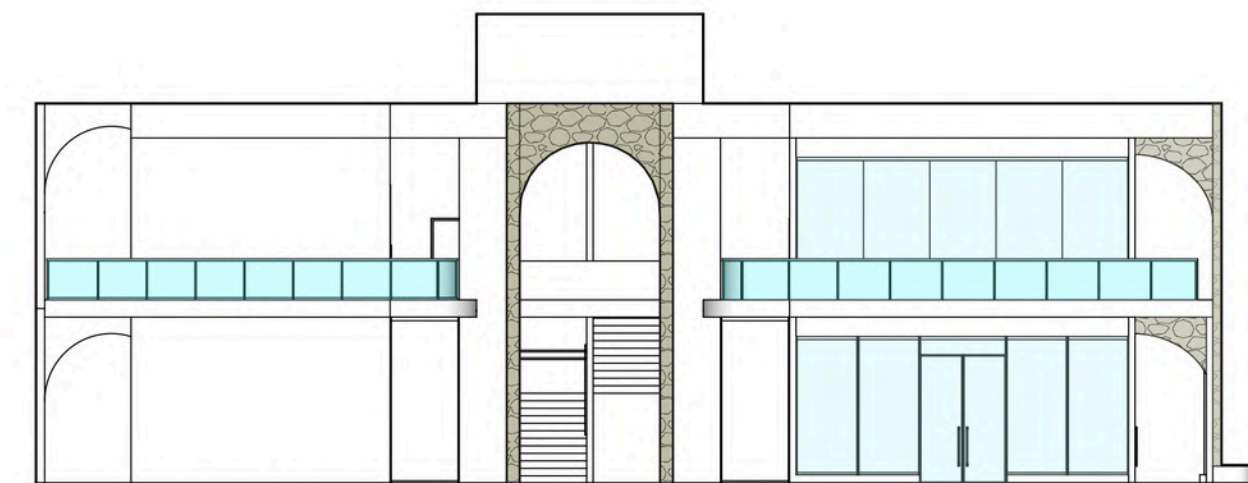
PLANTA PAVIMENTO SUPERIOR
ESCALA 1:75



PLANTA PAVIMENTO SUPERIOR
ESCALA 1:125
PLANTA CHAVE
SEM ESCALA



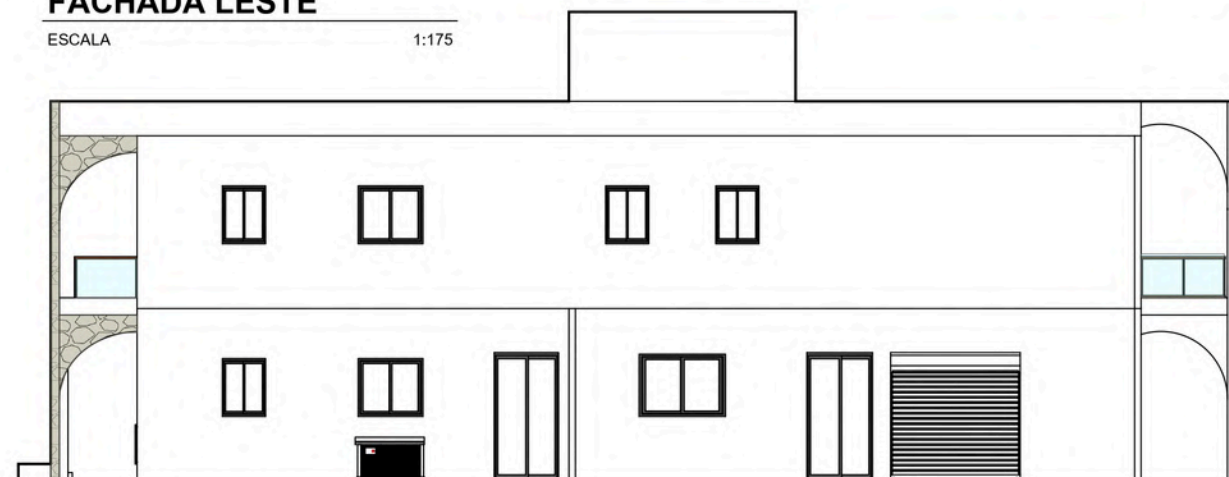




FACHADA LESTE

ESCALA

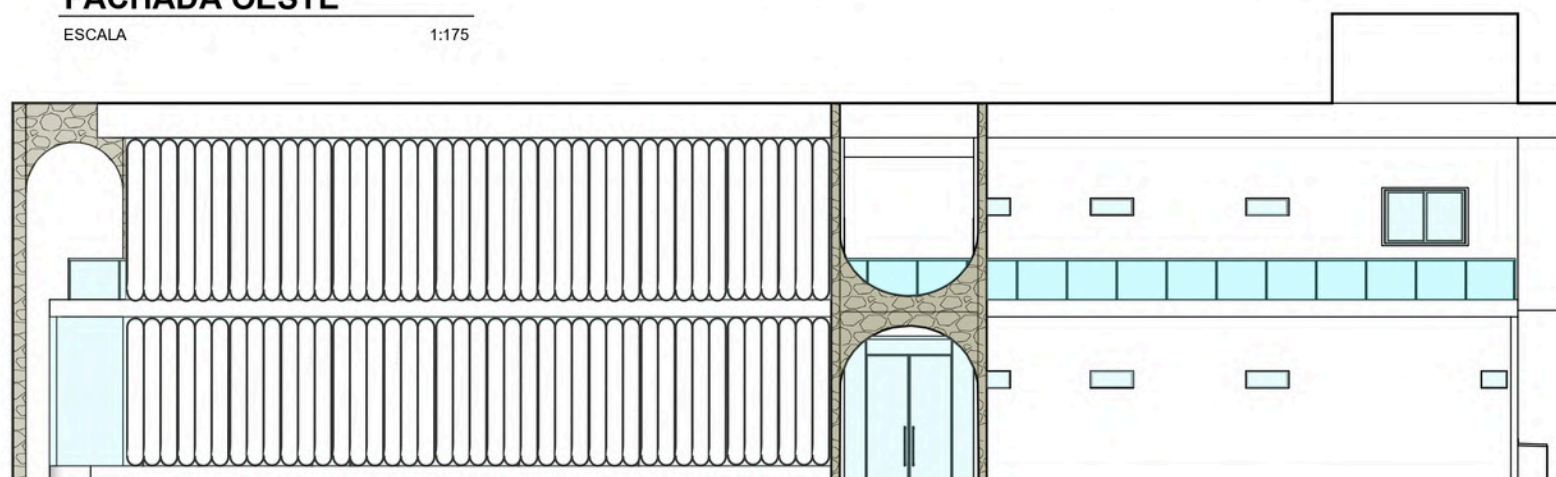
1:175



FACHADA OESTE

ESCALA

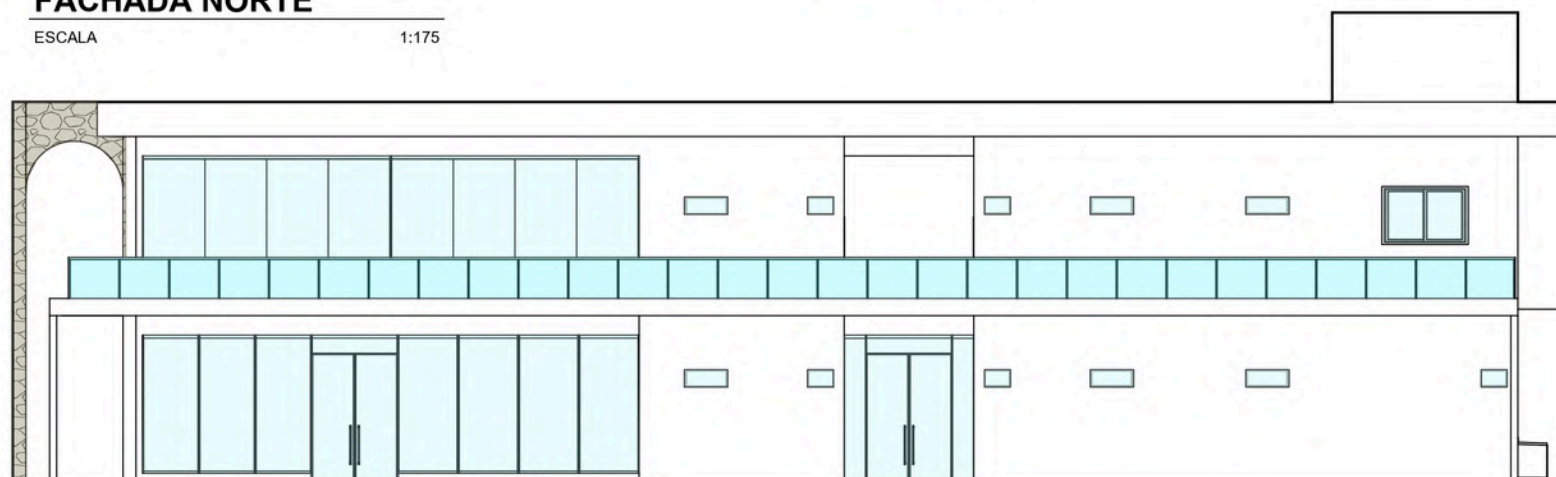
1:175



FACHADA NORTE

ESCALA

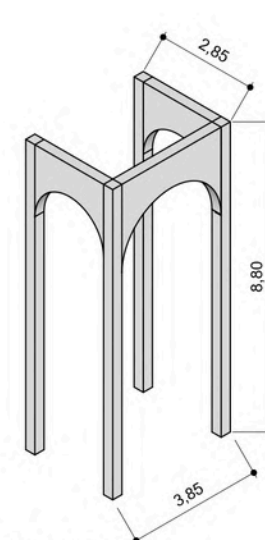
1:175



FACHADA NORTE

ESCALA

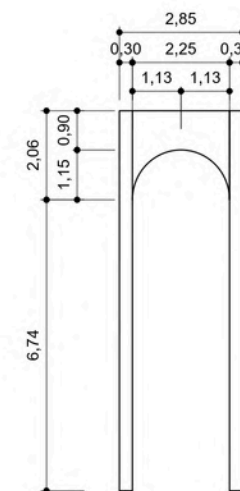
1:175



ARCO

ESCALA

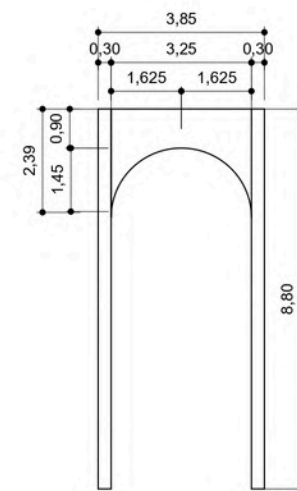
1:175



ARCO

ESCALA

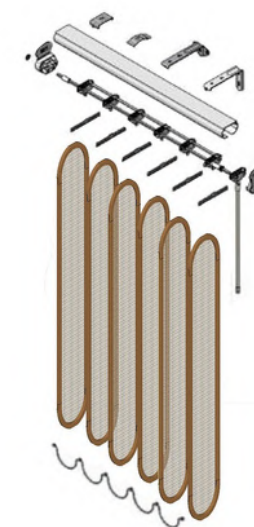
1:175



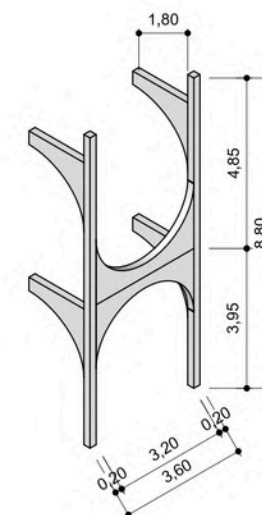
ARCO

ESCALA

1:175



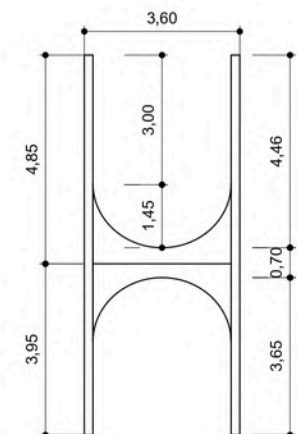
fixação das lâminas no suporte estrutural e a conexão com a alavanca de controle, que permite o ajuste do ângulo de inclinação das lâminas. Este mecanismo pode ser manual ou automatizado, garantindo flexibilidade para atender às condições climáticas e às necessidades dos usuários.

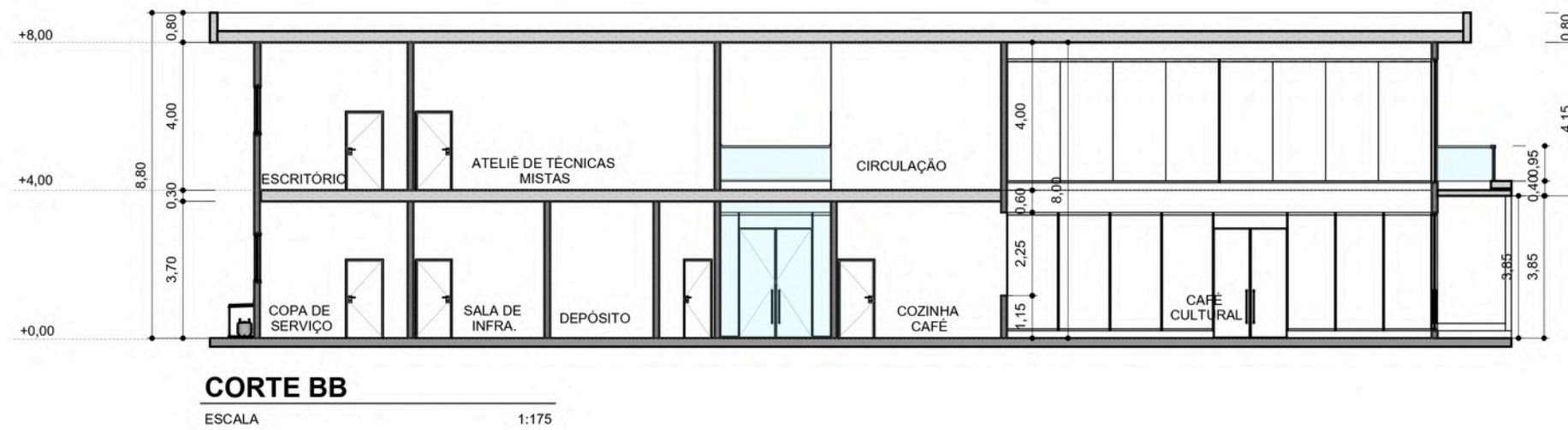
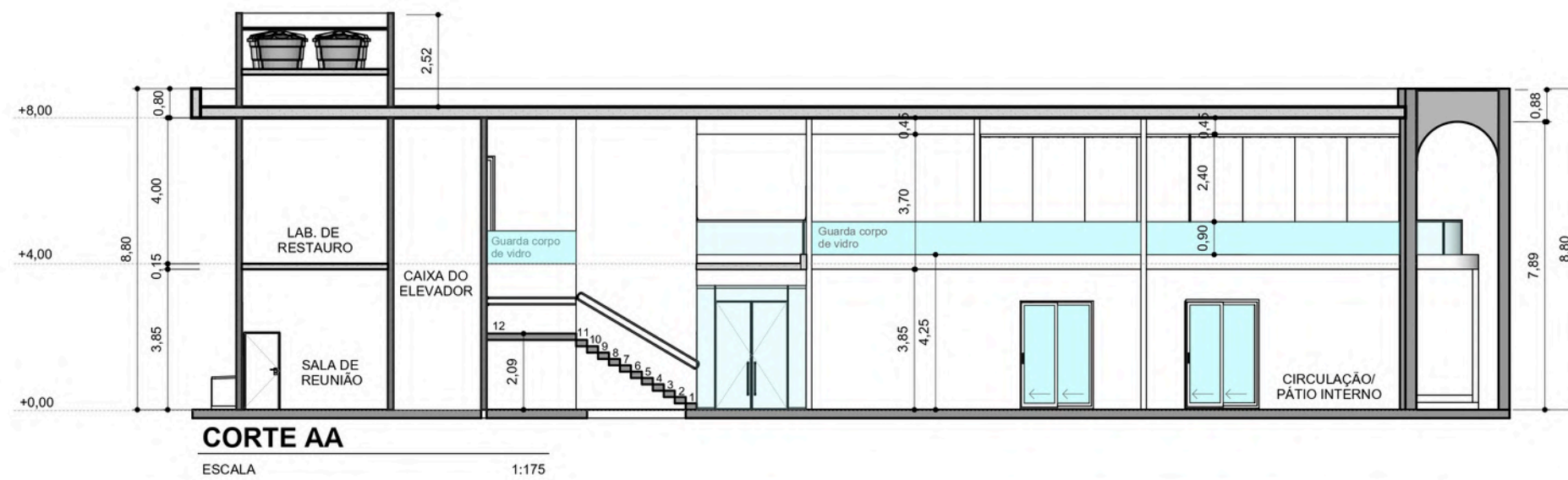


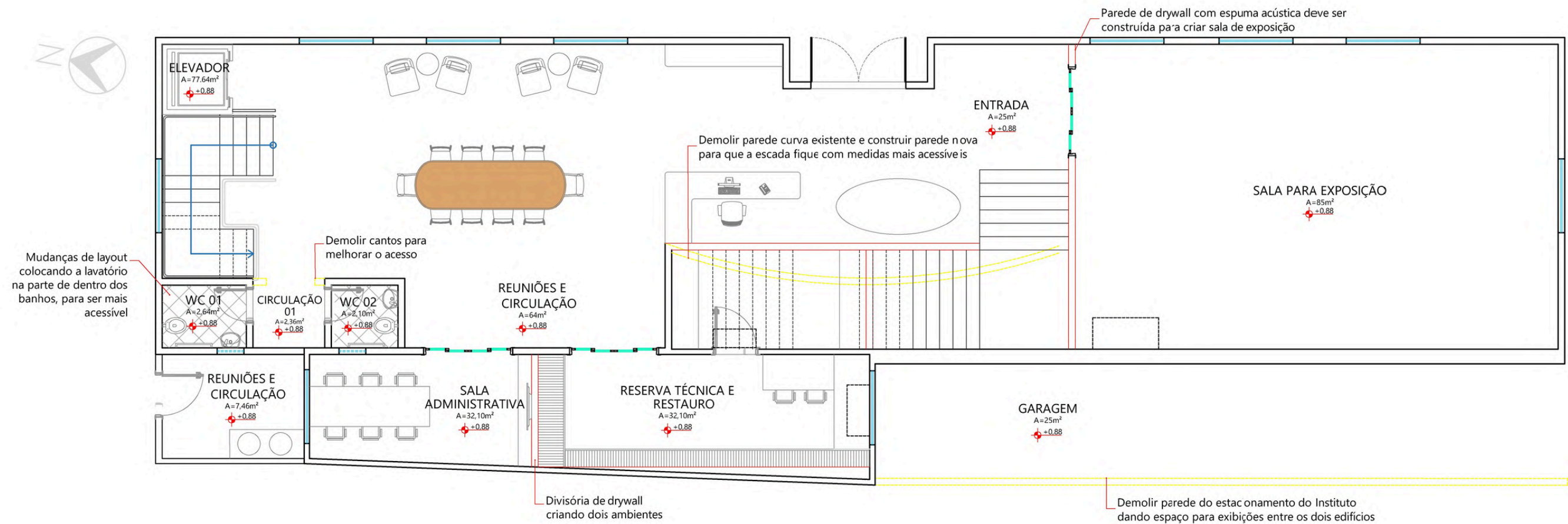
ARCO

ESCALA

1:175

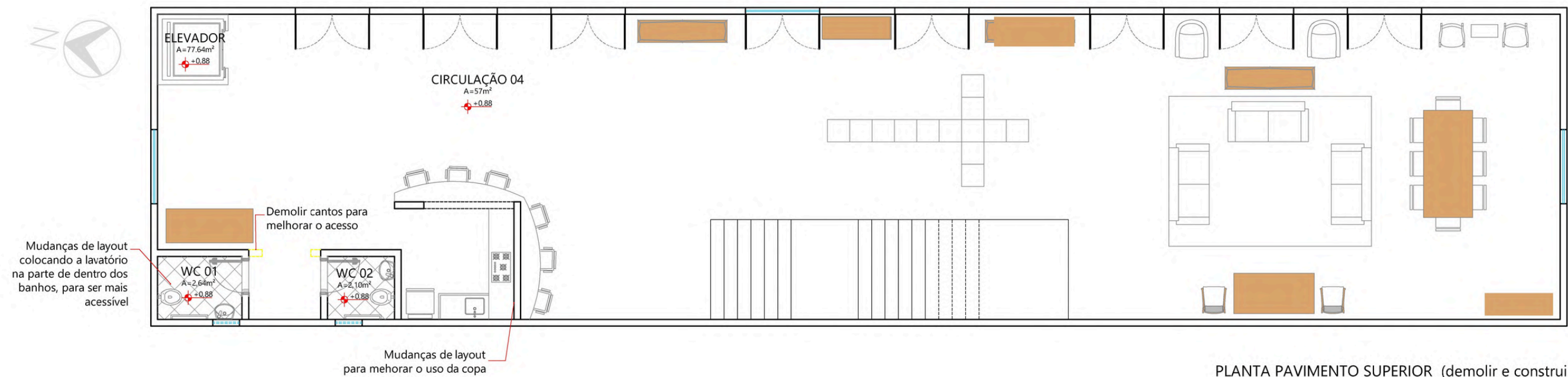






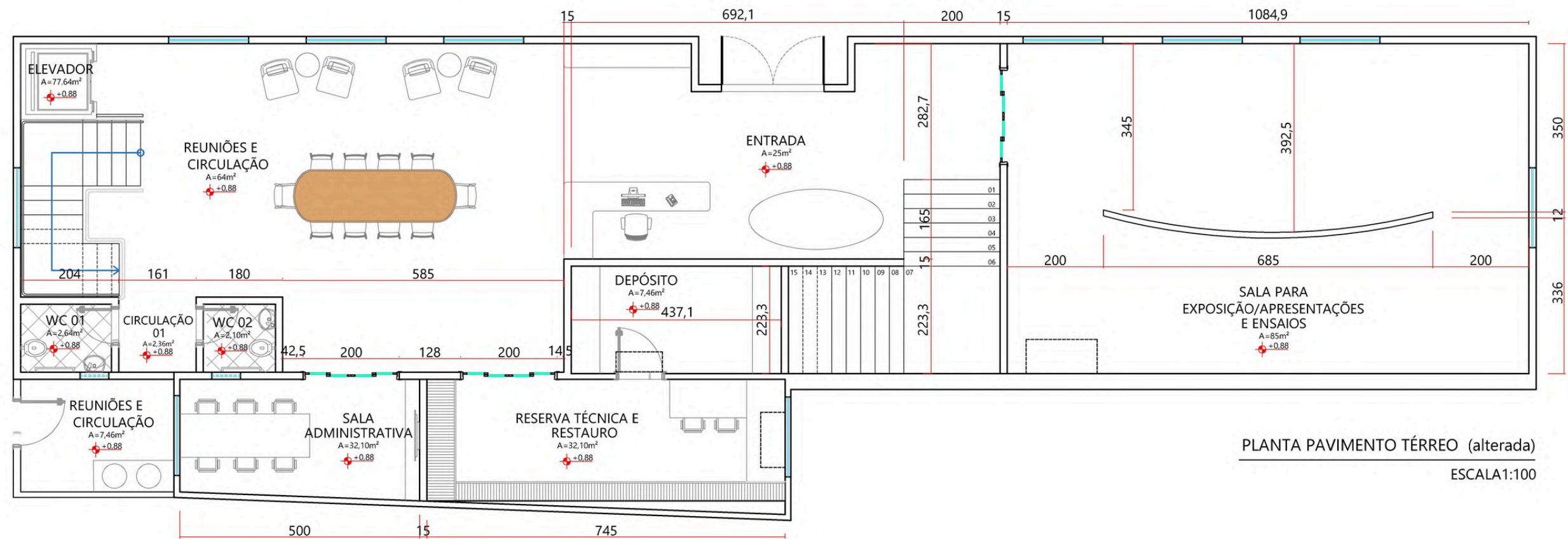
PLANTA PAVIMENTO TÉRREO (demolir e construir)

ESCALA 1:100

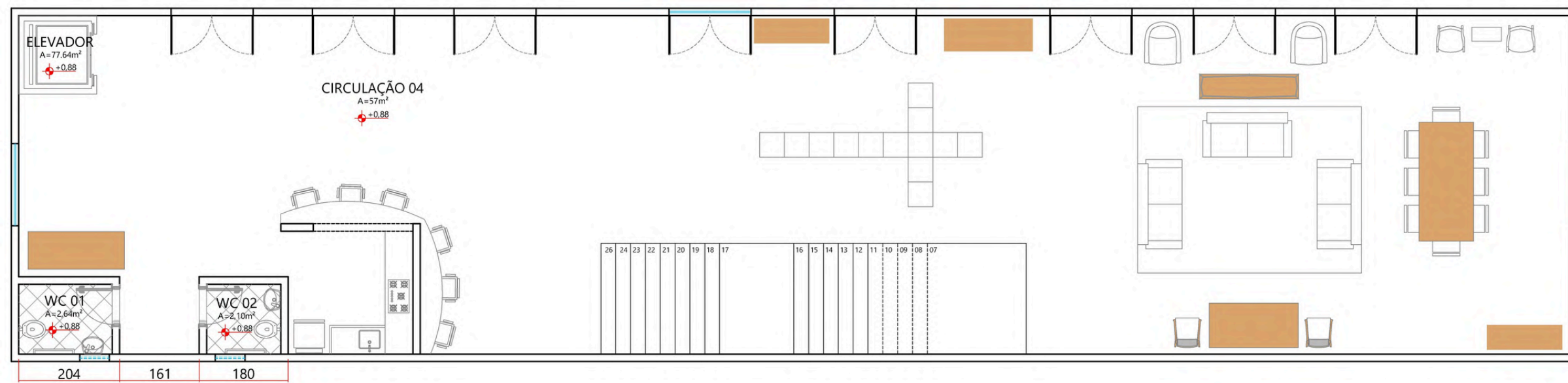


PLANTA PAVIMENTO SUPERIOR (demolir e construir)

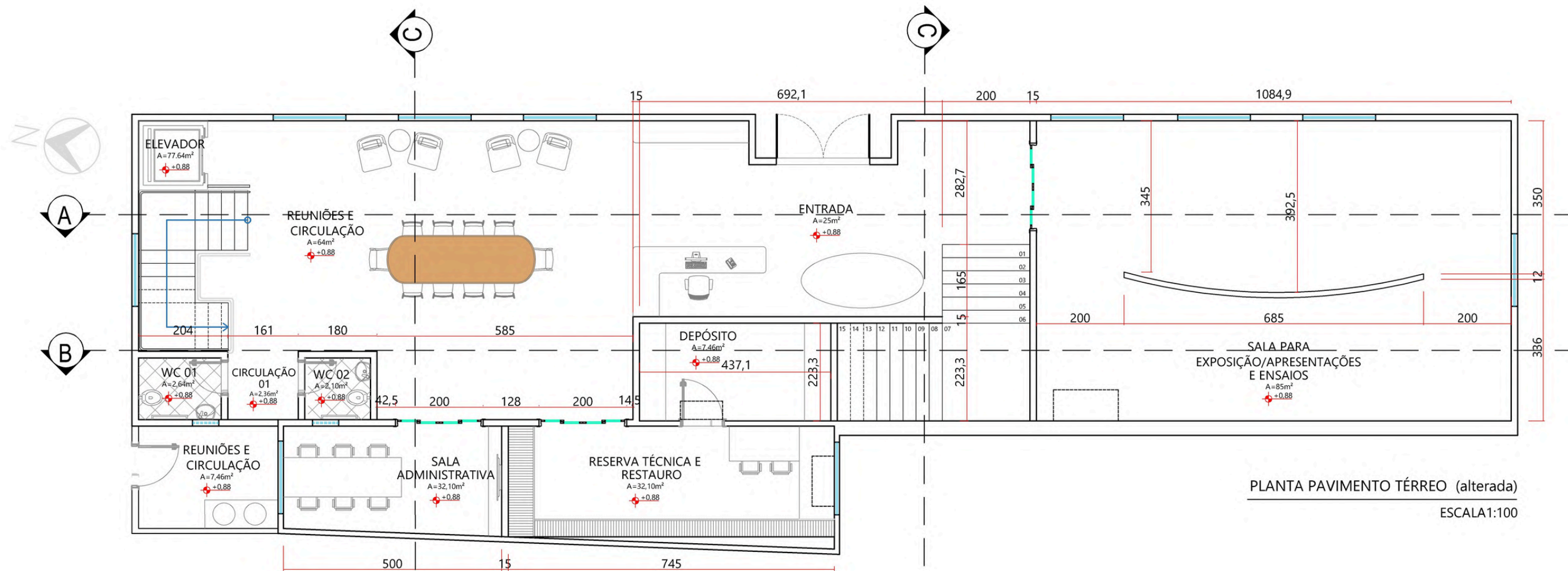
ESCALA 1:100



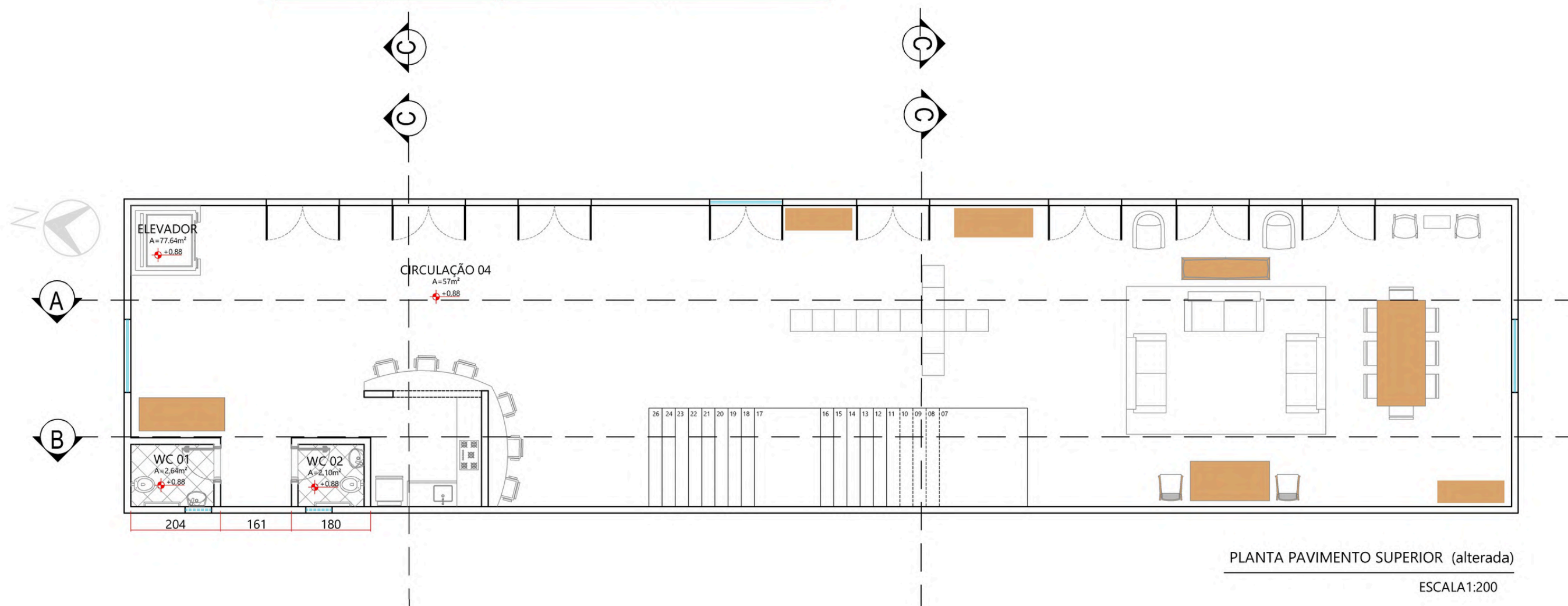
PLANTA PAVIMENTO TÉRREO (alterada)
ESCALA 1:100



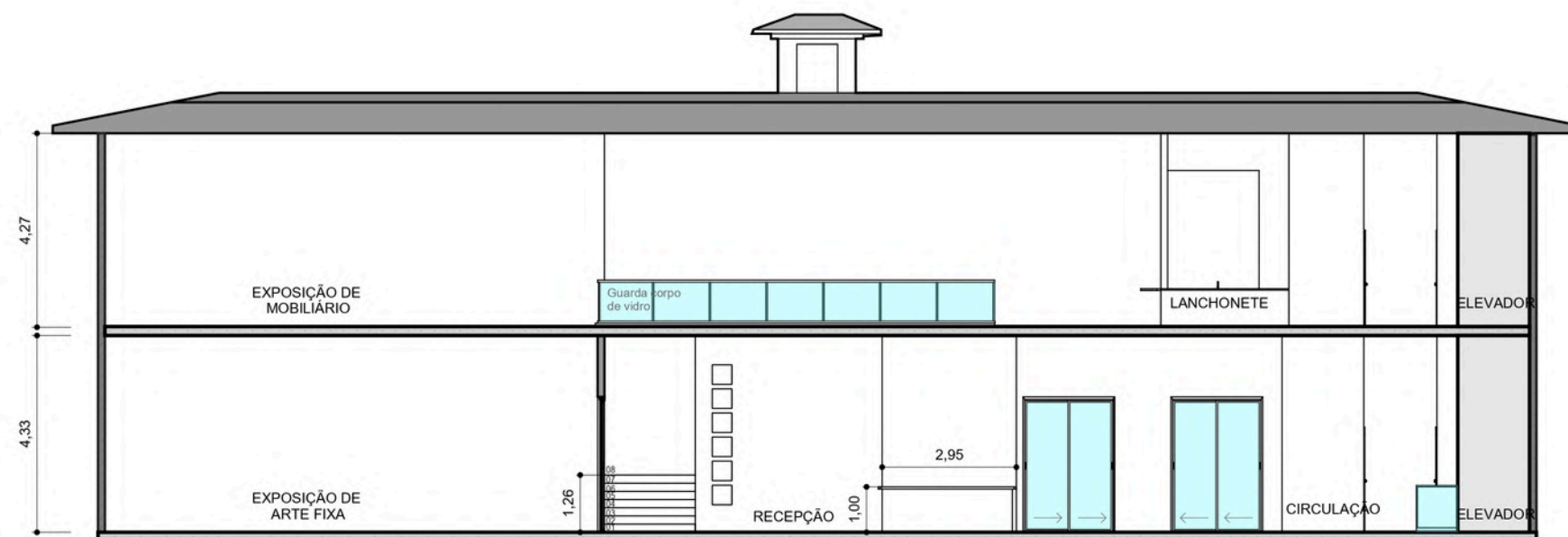
PLANTA PAVIMENTO SUPERIOR (alterada)
ESCALA 1:200



PLANTA PAVIMENTO TÉRREO (alterada)
ESCALA 1:100

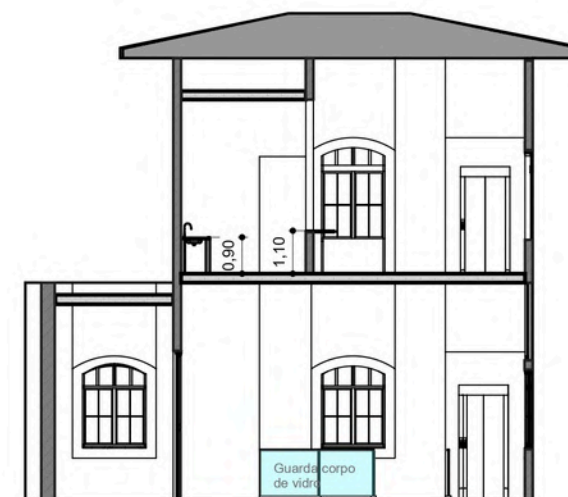


PLANTA PAVIMENTO SUPERIOR (alterada)
ESCALA 1:200



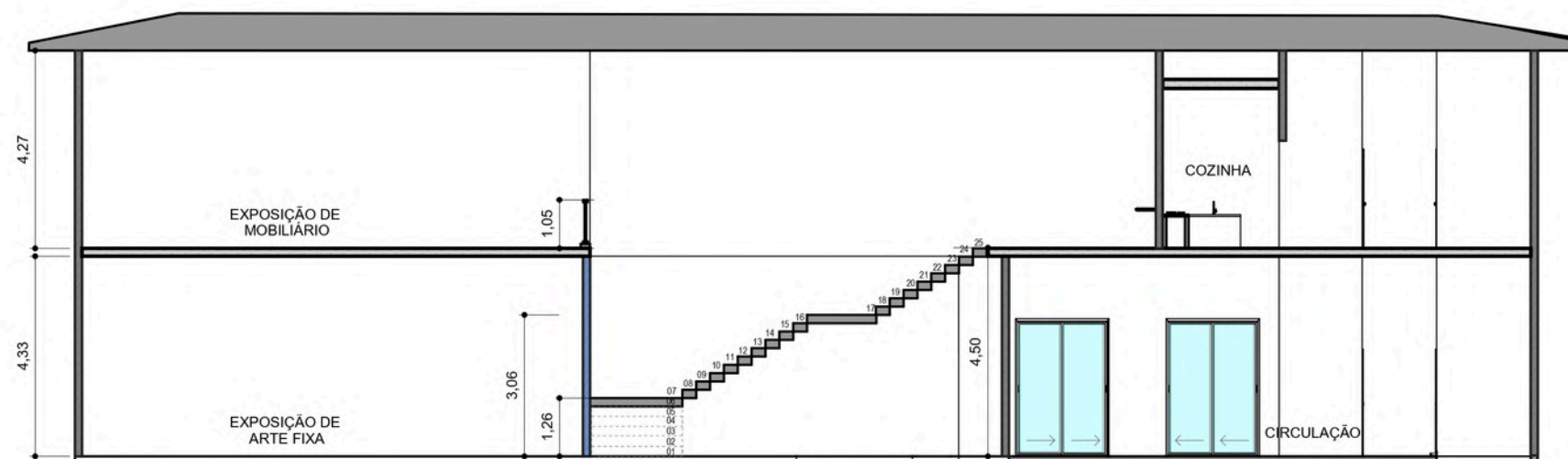
CORTE AA

ESCALA 1:150



CORTE CC

ESCALA 1:150



CORTE BB

ESCALA 1:150



CORTE DD

ESCALA 1:150



Entrada



Entrada



Sala de exposição

REFERENCIAL BIBLIOGRÁFICO

- ARANTES, Antônio Augusto. O espaço da cultura. Campinas: Papirus, 1995.
- ARQUITETURA, Cidade e Contemporaneidade, v. 1, n. 2, p. 54–65, 2017. Disponível em: <<https://revistas.ufpel.edu.br/index.php/pixo/article/view/440>>. Acesso em: 9 abr. 2024.
- BRASIL. Ministério da Cultura. Política Nacional de Cultura Viva: diretrizes gerais. Brasília: MinC, 2018. Disponível em: <<https://cultura.gov.br>>. Acesso em: 22 nov. 2024.
- CÁRDENAS, Alexandra. Estrutura proporção forma. [s.l.: s.n., s.d.]. Disponível em: <<https://causp.gov.br/wp-content/uploads/2015/12/LivroMaspEstrutura6.pdf>>.
- CANCLINI, Néstor García. Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade. São Paulo: EDUSP, 1995.
- CENTRO Cultural / Verse Design. ArchDaily Brasil. Disponível em: <<https://www.archdaily.com.br/br/925382/centro-cultural-verse-design>>. Acesso em: 6 abr. 2024.
- COSTA, Cristina Buarque de Hollanda. Cultura e modernidade: reflexões sobre políticas culturais no Brasil. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.
- COSTANTI, Francine. Belvedere Trianon: antes do MASP, casarão oferecia bailes luxuosos. A Vida no Centro. Disponível em: <<https://avidanocentro.com.br/blogs/belvedere-trianon-antes-do-masp-casarao-oferecia-bailes-luxuosos/>>. Acesso em: 3 abr. 2024.
- Cultura brasileira. Google Books. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=c3_4RmYQPJYC>. Acesso em: 9 abr. 2024.
- Cultura: definição, conceitos e tipos. eCycle. Disponível em: <<https://www.ecycle.com.br/cultura/>>. Acesso em: 10 mar. 2024.
- Cultura: o que é, significados, tipos, exemplos. Brasil Escola. Disponível em: <<https://brasilecola.uol.com.br/cultura>>. Acesso em: 10 mar. 2024.
- ELSTON, Daniela. Paulo Mendes da Rocha | Por Daniele Pisani. Revista PROJETO. Disponível em: <<https://revistaprojeto.com.br/acervo/paulo-mendes-da-rocha-por-daniele-pisani/>>. Acesso em: 10 nov. 2024.
- Erudição | Michaelis On-Line. Disponível em: <<https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/erudi%C3%A7%C3%A3o/>>. Acesso em: 9 abr. 2024.
- ICOMOS. Carta de Burra: diretrizes para a gestão de patrimônios culturais. 1999. Disponível em: <https://www.icomos.org/charters/burra_portuguese.pdf>. Acesso em: 22 nov. 2024.
- Instituto Rizzo – Promoção e desenvolvimento da cultura e meio ambiente de Goiás. Disponível em: <<https://institutorizzo.org.br/>>. Acesso em: 9 abr. 2024.

JOSÉ, Alfredo. Cultura, culturas e educação. Revista Brasileira de Educação, n. 23, p. 5–15, 2003. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/rbedu/a/G9PtKyRzPcB6Fhx9jqLLvZc/>>. Acesso em: 9 abr. 2024.

LEFEBVRE, Henri. O direito à cidade. São Paulo: Centauro, 2001.

MARINA DE HOLANDA. Clássicos da Arquitetura: MASP / Lina Bo Bardi. ArchDaily Brasil.

Disponível em: <<https://www.archdaily.com.br/br/01-59480/classicos-da-arquitetura-masp-lina-bo-bardi>>. Acesso em: 6 abr. 2024.

MASP. Disponível em: <<https://masp.org.br/sobre>>. Acesso em: 6 abr. 2024.

MENEZES, Patrick. Lina Bo Bardi: quem foi, qual seu estilo e suas obras. Sienge. Disponível em: <<https://www.sienge.com.br/blog/lina-bo-bardi-quem-foi-estilo-e-obras>>. Acesso em: 6 abr. 2024.

NOGUEIRA, Evelyn. O MASP completa 50 anos! Veja uma breve história do museu.

CASACOR. Disponível em: <<https://casacor.abril.com.br/noticias/o-masp-completa-50-anos-veja-uma-breve-historia-do-museu/>>. Acesso em: 3 abr. 2024. O que é história cultural?

Google Books. Disponível em:

<https://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=f2_TDwAAQBAJ>. Acesso em: 9 abr.

2024. Paulo Mendes da Rocha | The Pritzker Architecture Prize. Disponível em:

<<https://www.pritzkerprize.com/laureates/2006#laureate-page-291>>. Acesso em: 10 nov.

2024. Pinacoteca. Disponível em: <<https://pinacoteca.org.br/>>. Acesso em: 10 nov. 2024.

Pinacoteca do Estado de São Paulo / Paulo Mendes da Rocha + Eduardo Colonelli + Weliton Ricoy Torres. ArchDaily Brasil. Disponível em:

<<https://www.archdaily.com.br/br/787997/pinacoteca-do-estado-de-sao-paulo-paulo-mendes-da-rocha>>. Acesso em: 10 nov. 2024.

TAISSA BUESCU. Virgil Abloh: o pensar arquitetônico traduzido no criar irreverente.

Conteúdo Archtrends Portobello. Disponível em: <<https://blog.archtrends.com/virgil-abloh/>>. Acesso em: 10 mar. 2024. UNESCO. Cultural Heritage Policy Documents.

Disponível em:

<<https://unesdoc.unesco.org>>. Acesso em: 22 nov. 2024.

ZALUAR, Alba. A cultura como instrumento de cidadania. São Paulo: Cortez, 1994.

Zhengzhou | China's Ancient Capital & Economic Hub. Encyclopædia Britannica. Disponível em: <<https://www.britannica.com/place/Zhengzhou>>. Acesso em: 6 abr. 2024.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho representa mais do que um projeto arquitetônico; ele é um tributo à capacidade humana de transformar espaços e ressignificar memórias. Inspirado no Cerrado Vivo e na riqueza cultural que permeia nossa história, este projeto busca não apenas requalificar o Instituto Rizzo, mas também devolver à cidade de Goiânia um espaço de encontro, expressão e pertencimento.

Ao longo do processo, cada traço desenhado, cada escolha de material e cada solução proposta carregaram a responsabilidade de equilibrar tradição e inovação, respeitando o passado enquanto se projeta para o futuro. Os brises, as lajes impermeabilizadas e a integração com a vegetação nativa são mais do que decisões técnicas: são manifestações de um compromisso com a sustentabilidade, a funcionalidade e, sobretudo, com a essência deste lugar.

A arquitetura tem o poder de tocar vidas, de inspirar mudanças e de criar conexões. Este projeto é uma celebração desse poder, oferecendo à comunidade um espaço vivo, onde arte, cultura e natureza se encontram. Mais do que paredes e estruturas, este é um espaço que respira, acolhe e convida à reflexão sobre quem somos e quem queremos ser.

Que este projeto seja um símbolo do que é possível alcançar quando unimos sensibilidade, técnica e amor pelo lugar em que vivemos. Afinal, a arquitetura é, antes de tudo, uma forma de cuidar — de pessoas, de histórias e do futuro.